

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Jane Bezerra de Sousa

**PICOS E A CONSOLIDAÇÃO DE SUA REDE ESCOLAR:
do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual**

Teresina – 2005

JANE BEZERRA DE SOUSA

**PICOS E A CONSOLIDAÇÃO DE SUA REDE ESCOLAR:
do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em educação.

Professor-Orientador: Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes.

Teresina – 2005

JANE BEZERRA DE SOUSA

PICOS E A CONSOLIDAÇÃO DE SUA REDE ESCOLAR:
do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual.

Teresina , _____ de _____ de 2005.

Prof. Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes

Universidade Federal do Piauí

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Alves do Bomfim

Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Universidade Federal do Piauí

Prof.Dr. Luís Carlos Sales (Suplente)

Universidade Federal do Piauí

A Deus, pelos milagres e generosidades a mim concedidos.

A João Bento Bezerra, meu amor eterno, por ter me ensinado a transformar obstáculos em desafios.

A Indira e Olga, razão maior, pela compreensão das ausências.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes, pela criteriosa orientação e amizade construída.

A Albano Silva, guardião da memória de Ozildo Albano, pela ajuda na coleta de informações.

À minha mãe e aos meus irmãos, em nome de Remédios Bezerra, pelo constante estímulo.

Às minhas professoras da graduação, Maria Eunice Soares Teixeira e Maria Alveni Barros Vieira, pelo incansável incentivo.

Ao Dr. Luís Ayrton Santos Júnior, pela inspiração inicial do trabalho e o acompanhamento constante deste.

À professora Maria das Neves Cardoso Santos, que registrou suas memórias, servindo de forte inspiração para este trabalho

Aos amigos, em nome de, Adelina Leal Ramos Batista, Ana Maria Bezerra do Nascimento e Ana Maria de Sousa pela torcida persistente na busca de minhas conquistas.

Aos entrevistados Dimas Lélis, Olívia Rufino, Oscar Eulálio, Dona Adalgisa e Dagoberto Rocha, pelo exemplo de vida e convívio em tardes prazerosas.

Aos amigos da turma de mestrado, especialmente Marta, Lívia, Amada e Baltazar.

“A memória, porém, trazendo-nos ao presente o que ficou para além, nos longes da jornada, dá-nos a ilusão de um retorno à mocidade. É uma compensação da natureza. Uma suave consolação, que nos liga ao passado, como a esperança nos acena ao futuro”. (Luís Mendes Ribeiro Gonçalves).

RESUMO

Esta dissertação é um estudo em História da Educação e tem como objetivo a investigação do processo de consolidação da rede escolar na cidade de Picos (PI). Pretendemos com esta pesquisa recompor a trajetória do ensino Picoense, ampliando o conhecimento da história da educação local, suscitando novas questões e, por conseguinte, novas pesquisas. O recorte temporal de análise é o período de 1929 a 1949. Em 1929, foi fundado o Grupo Escolar Coelho Rodrigues e, em 1949, surgiu o Ginásio Estadual Picoense. Durante o período abordado, também são estudados o ensino municipal e o ensino privado, focalizando a fundação de outras escolas, como o Grupo Escolar Landri Sales e o Instituto Monsenhor Hipólito. No processo de investigação das instituições educativas, são analisadas as práticas escolares e a profissão docente, bem como a relação entre escola e comunidade. As fontes utilizadas neste trabalho estão, em sua maioria, preservadas no Arquivo Público Estadual e no Museu Ozildo Albano. Além destas, utilizamos livros de memórias e depoimentos orais de ex-alunos e ex-professores das escolas investigadas. Como referencial teórico de análise, baseamo-nos em autores da história cultural, como Vainfas, Le Goff, Chartier, Certeau, e em estudos da cultura escolar, como Dominique Julia e Sousa.

Palavras-chave: Instituição escolar. História da Educação. História da Educação no Piauí.

Memórias. Picos.

ABSTRACT

This dissertation is a study on History of Education and has as an objective the investigation of the process of consolidation of the school network in the city of Picos (PI). We intend, with this research, to rearrange the teaching trajectory in Picos, enlarging the knowledge of the local education history, raising new questions and, consequently, new researches. The time outline of analysis is the period from 1929 to 1949. In 1929, it was founded the Coelho Rodrigues School and, in 1949, it was built the “Picoense” State Lower Secondary School (from Picos). During this period analyzed, the municipal teaching and the private one are also studied, focusing on the creation of other schools, such as the Landri Sales School and the Monseigneur Hipólito Institute. In the investigation process of the educational institutions, the school practices and the teaching profession are examined, as well as the relation between school and community. The sources used at this work are, mainly, preserved at the State Public Archive and at Ozildo Albano Museum. Besides these ones, we used memory books and former students’ and former teachers’ oral reports of the schools investigated. As analysis theoretical reference, we based on authors of the cultural history , such as Vainfas, Le Goff, Chartier, Certeau, and on studies of the school culture, developed by Dominique Julia and Sousa.

Key-words: School Institution. History of Education. History of Education in Piauí. Memories. Picos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Piauí	21
Figura 2: Coronel Francisco de Sousa Santos	26
Figura 3: Alunos do grupo Escolar Coelho Rodrigues	29
Figura 4: Livro Nossa Pátria	33
Figura 5: Livro Corações de Crianças	33
Figura 6: Raimunda Portela Lima Cardoso	40
Figura 7: Maria do Socorro Santos	40
Figura 8: Luiza Maia e Silva	41
Figura 9: Adalgisa Nunes de Barros	41
Figura 10: Carteiras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues	43
Figura 11: Tinteiro e Caneta do grupo Escolar Coelho Rodrigues	44
Figura 12: Grupo Escolar Coelho Rodrigues na década de 60	44
Figura 13: Livro de registro de inspeções	46
Figura 14: Ricardina de Castro Neiva	60
Figura 15: Alda da Mata Rodrigues Neiva	60
Figura 16: Maria das Neves Cardoso Santos	67
Figura 17: Benvinda Nunes Santos	69
Figura 18: Julieta Neiva Nunes	69
Figura 19: Livro de frequência dos alunos da Escola Municipal Landri Sales	73
Figura 20: Avaliação do Landri Sales do aluno Dimas Lélis	75
Figura 21: Monsenhor João Hipólito Ferreira	81

Figura 22: Primeiras alunas do Colégio das Freiras	83
Figura 23: Fundadoras do Instituto Monsenhor Hipólito	84
Figura 24: Prefeito Celso Eulálio	91
Figura 25: Resultado do exame de admissão	96
Figura 26: Avaliação de geometria e histórico escolar	98
Figura 27: Alunas do ginásio	99
Figura 28: Alunos do ginásio	100
Figura 29: Ozildo Albano	101
Figura 30: Gráfica Ginásial	107
Figura 31: Jornal Flâmula	112
Figura 32: Professor Vidal de Freitas	115
Figura 33: Objetos confeccionados nas aulas de desenho	117
Figura 34: Convite de Formatura	118
Figura 35: Placa de Formatura	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SÉRIE/SEXO DO GRUPO	50
ESCOLAR COELHO RODRIGUES 1954.	
QUADRO 2: RELAÇÃO DE PROFESSORES CONTRATADOS DE 1936 A 1948	77
QUADRO 3: TEMAS DE FLÂMULA	111

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE QUADROS	
INTRODUÇÃO	13
1 MEMÓRIAS DA CIDADE E DA ESCOLA: O GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES E A CIDADE DE PICOS (PI)	20
1.1 AÇÃO CORONELISTA E IMPLANTAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR	24
1.2 METODOLOGIA UTILIZADA NO GRUPO ESCOLAR	31
1.3 NOVAS INSTALAÇÕES	39
1.4 AMOR, DEDICAÇÃO E ESFORÇO: A INSPEÇÃO TÉCNICA DO ENSINO E AS VISITAS AO GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES	45
1.5 DECLÍNIO DO PERÍODO ÁUREO DO GRUPO	50
1.6 MEMÓRIAS DE NEVINHA SANTOS E AÇÃO DOCENTE NO GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES	55
2 O ENSINO MUNICIPAL E O ENSINO PRIVADO EM PICOS	72
2.1 O ENSINO MUNICIPAL	72
2.2 COLÉGIO DAS FREIRAS	80
3 O GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE	86
3.1 CENÁRIO DA CIDADE À FUNDAÇÃO DO GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE	88
3.2 A FUNDAÇÃO: SONHO NÃO, REALIDADE.	90
3.3 PASSEI! NO EXAME DE ADMISSÃO.	94
3.4 DESPERTAR DA MOCIDADE: OS GINASIANOS	97

3.5	FLÂMULA DE PEQUENA CHAMA À RÚTILO CLARÃO	105
3.6	FUNDADO O GINÁSIO. ONDE ENCONTRAR PROFESSORES?	112
3.7	A FORMATURA: A PERENIDADE DO SABER	117
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
	ANEXOS	134

INTRODUÇÃO

Todas as sociedades possuem a sua história, com a cidade de Picos (PI) não seria diferente, ali também existe na memória do povo e nos documentos escritos, as marcas na cidade dos tempos passados, o cotidiano, as emoções, a vida privada, histórias que perpassaram de “boca em boca” e sobreviveram no tempo, mas que correm o risco de se perderem, caso não sejam escritas ou registradas.

Esta dissertação é um estudo em História da Educação o qual visa compreender o processo de consolidação da rede escolar em Picos (PI), entre os anos de 1929 a 1949. Estabelecemos como recorte inicial do estudo o ano de fundação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e como final o ano do surgimento do Ginásio Estadual Picoense, dois marcos na história educacional da cidade.

As fontes utilizadas para a produção deste trabalho estão preservadas, em sua maior parte, no Arquivo Público Estadual Casa Anísio Brito. São decretos, nomeações, leis, documentação da Diretoria de Instrução Pública, mensagens governamentais e jornais da época, como O Aviso, o Diário Oficial e O Piauí. Avanços e recuos na periodização delimitada ocorreram quando se fizeram necessários para a compreensão do período analisado.

Além das fontes acima citadas, utilizamos outras preservadas no museu Ozildo Albano, na cidade de Picos (PI): fotografias, livros de inspeção, livros da Prefeitura Municipal, biografias, material utilizado nas aulas (tinteiro, livros, objetos confeccionados, cadernos, palmatória). Esse acervo foi conservado e guardado por iniciativa pessoal do jurista José Albano de Macedo, que o reuniu com o intuito de preservar a cultura e a história de Picos. Constituído que foi como arquivo particular, para a população, transformou José Albano de Macedo em guardião da cultura e da história de Picos.

Utilizamos também bibliografia sobre Picos (PI), como a dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí, da professora Maria Alveni Barros – “Educação e Sociedade Picoense de 1890 a 1930” -, artigos em revistas comemorativas do centenário da vila e livros de memórias de autores locais: Renato Duarte (1995) e Graziani Gerbasi Fonseca (2004).

Também serviram de fonte importantíssima para a revisão do passado as memórias de Nevinha Santos, professora normalista que escreveu suas lembranças relacionadas ao período que esteve trabalhando na educação em Picos e as publicou em forma de artigo no jornal Meio Norte. Como afirma Nunes (2003, p.13), “as memórias dizem quem somos. Integram nosso presente ao passado, tanto na perspectiva de que inventamos um passado adequado ao presente, quanto ao contrário”. As memórias dessa professora, permeadas de paixões, emoções, fracassos, alegrias, perdas, um certo saudosismo e valorização do passado, também estão repletas de dados sobre a educação em Picos (PI), fornecendo reflexões, recuperando vestígios de alunos e de mulheres professoras muitas vezes invisíveis para a historiografia, constituindo-os como sujeitos históricos do período de 1929 a 1945.

Através da interpretação dessas memórias buscamos uma maior compreensão das práticas pedagógicas do período. Conforme Souza (2004, p. 54),

Utilizando memórias de alunos e professores, no intuito de apontar caminhos para a pesquisa, queremos esboçar aqui a possibilidade de identificar por meio delas, certas referências históricas que conduziram à perda da dimensão histórica da experiência docente brasileira, cujos efeitos se fazem sentir, ainda hoje, na diluição da identidade docente e na fragilidade do reconhecimento da irredutibilidade e singularidade da relação pedagógica.

As memórias da professora Nevinha Santos nos permitem compreender a sociedade, uma vez que a reciprocidade indivíduo e sociedade se faz presente nas memórias, pois os indivíduos se lembram enquanto membros do grupo. Dessa forma, é possível conhecer a

sociedade da época, retratada através de lembranças individuais, como afirma Halbwachs (1990, p. 51):

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam ao mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.

O trabalho que aqui fazemos baseia-se em Le Goff (2003) e Halbwachs (1990), portanto entendemos a memória como objeto da história mas não totalmente submissa a esta, pois se elabora a história e se preenchem lacunas que a investigação histórica tradicional por si só não preencheria. Assim, utilizamos documentos impressos oficiais e entrecruzamos com as memórias no sentido de construir e reconstruir a história da educação em Picos.

Utilizamos a história oral temática em virtude desta articular os diálogos com outros documentos. Como afirma, Meihy (1996, p.13),

História oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.

Para Frisch (2001) e Lozano (2001), a história oral é uma dimensão entre a história e a memória, as quais se entrelaçam para se reapropriarem do passado, sendo o historiador oral algo mais que um gravador, uma vez que os depoimentos não substituem a sua análise histórica, e o seu papel não se reduz ao de um entrevistador eficiente. Portanto, neste trabalho, utilizamos as fontes orais através das narrações, recordações, lembranças, histórias de vidas, mas sempre fazendo uma análise destas, examinando-as, na tentativa de produção de um

conhecimento histórico por meio dos relatos de alunos, professores e membros da sociedade da época estudada.

O presente estudo tem como referencial teórico de análise a história cultural ou história nova, considerando as suas múltiplas denominações e evitando o viés da história tradicional, caracterizada por lembrar apenas dos heróis personificados nos governantes. Dessa forma a história nova, especialmente a do cotidiano, enfatiza outros aspectos como afirma Vainfas (1993, p. 274)

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

É partindo desse encontro e da reconciliação da história consigo mesma, considerando principalmente o enfoque do privado, do cotidiano, do cultural e do social, que procuramos revelar a educação nas miudezas das práticas escolares cotidianas, considerando também que a educação está intimamente ligada ao social, ou melhor, ela é social.

Como afirma Chartier (1990, p.16), “a história cultural tal como entendemos tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Aplicamos essa definição à leitura da sociedade picoense no período de 1929 a 1949, pois entendemos que não se estuda educação sem compreender a realidade social na qual ela está inserida e é construída. Para essa compreensão utilizamos também Certeau (1982) e sua percepção de lugar, pois consideramos que toda pesquisa está intimamente ligada ao lugar onde é produzida, uma vez que a história faz parte da realidade enquanto produção humana, portanto com suas próprias determinações e particularidades produzidas pelo lugar social. É também em função do lugar que todos os métodos e processos da pesquisa se delineiam. Percebemos a cidade de Picos como um lugar que possui os seus interesses, propostas e forma de organização, os quais

influenciam na educação, nos privilégios, em regras próprias que a produção historiográfica deve examinar. Esta investigação em história da educação construída na cidade procura realizar o que afirma Peter Burke (1992, p. 22) : “Uma história da educação vista de baixo deveria deslocar-se dos ministros e teóricos da educação para os professores comuns, como fez Jaques Ozouf, por exemplo, ou deveria apresentar as escolas do ponto de vista dos alunos”. E é por isso que consideramos principalmente a fala de alunos e professores, no intuito de perceber o cotidiano escolar a partir de suas vivências e não apenas dos discursos oficiais de secretários da educação, intendentess municipais e prefeitos que elaboram planos que, na maioria das vezes, não realizam.

O estudo da relação instituição educativa e sociedade tem ainda como referencial teórico Magalhães (2004, p. 133), para quem

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, [...] é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência.

Assim, ao analisarmos as instituições educativas de Picos, situamos essas instituições na comunidade. Essa interseção se dá através do marco teórico, utilizando memórias, arquivos e museus, com o intuito de construir uma compreensão que superasse as características materiais mais imediatas da escola, em busca dos modos de relacionamento dos membros da comunidade educativa com a cidade.

Nosso trabalho procura ainda estudar a cultura escolar no seio das instituições educativas abordadas, entendendo por cultura escolar:

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (DOMINIQUE JULIA, 2001, p.10)

Consideramos que a cultura escolar tem bastante ênfase ao longo do texto, pois enfocamos as práticas escolares no Grupo Escolar, no Instituto Monsenhor Hipólito, no Ginásio Estadual Picoense, através da análise da realidade escolar, dos saberes que foram produzidos, do currículo escolar, das festividades, das disciplinas, dos ritos da profissionalização docente, dos exercícios escolares, avaliações, diários de classe, relatórios de inspeção escolar, dentre outras.

As imagens fotográficas são utilizadas como ilustrações, testemunhos do passado, sendo a maioria delas de propriedade do Museu Ozildo Albano e outras de arquivos privados.

Os resultados da pesquisa realizada estão expostos do seguinte modo:

No Capítulo 1, realizamos uma apresentação da cidade e uma breve retrospectiva histórica da educação desde o povoamento até a fundação do Grupo Escolar. Procuramos mostrar a ação coronelista e sua relação com a fundação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, destacar a metodologia, as práticas, as memórias de professores e alunos. Nesse capítulo, realizamos uma apresentação das memórias de Nevinha Santos, que foram importantes para a compreensão do cotidiano da ação da professora primária no período.

No Capítulo 2, apresentamos o ensino privado e o municipal em Picos: as escolas que foram fundadas, os professores e as práticas pedagógicas, privilegiando a memória de alunos e professores.

No capítulo 3, tratamos do Ginásio Estadual Picoense, enfocando sua fundação, professores, alunos, práticas pedagógicas, exame de admissão, o jornal, Flâmula (confeccionado pelos ginasianos), o dia-a-dia do Ginásio, as formaturas e a influência dessa escola na sociedade picoense.

Por fim, apresentamos algumas reflexões finais, as fontes, as referências e os anexos.

Ao realizar este trabalho tentamos recompor a trajetória do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, do ensino municipal e privado em Picos e do Ginásio Estadual Picoense,

procurando compreender os caminhos percorridos pela educação nessa cidade, com vista a contribuir para que os estudantes e a população de Picos o conheçam um pouco mais da sua própria história. Destacamos a importância do trabalho para o desenvolvimento da historiografia educacional piauiense, pois esta, em sua maior parte, tem se restringido ao estudo de Teresina. Portanto, a abordagem da história local é de suma importância para entender as particularidades regionais como afirma Martins (2002), ao dizer que a história local é uma história circunstancial, ou seja, uma história dos pormenores, de uma situação em um dado momento, não só de protagonistas como também de coadjuvantes, história intimista dos vizinhos e dos grupos locais. Esperamos que o aqui apresentado estimule novas pesquisas e a busca de novos dados. Desejamos dessa forma que este trabalho provoque mais questões para novas pesquisas.

1 MEMÓRIAS DA CIDADE E DA ESCOLA: O GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES E A CIDADE DE PICOS (PI).

Tenho doces e amargas recordações de um passado muito longe que se desfez como um vento forte, levando até as pequeninas folhas das árvores e dos arbustos. Levou tudo... Restaram apenas certas coisas que não se podem desprender, arrancar-se dos nossos corações. São suaves lembranças e doces recordações. (Nevinha Santos)

Picos (PI) localizava-se¹ à margem direita do rio Guaribas, estando rodeada de montes picosos que lhe legaram o nome. É o principal entroncamento rodoviário do Estado e o segundo do Nordeste. Localiza-se a 306 km da Capital Teresina (PI). O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antonio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho às margens do rio Guaribas. Como a maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade.

No período de povoamento da região, nos idos de 1754, era marcante a figura do vaqueiro em virtude mesmo de ser ali uma região predominante de fazendas. A educação informal, que formava o vaqueiro, se dava através da imitação da rotina do dia-a-dia, das atividades do pastoreio, numa sociedade em que a criação de gado e a agricultura de subsistência eram os principais meios de sobrevivência. Nesse momento, a preocupação com

¹ Atualmente a cidade cresceu, e o Rio Guaribas corta todo o centro da cidade

o saber ler e escrever era superada pela necessidade e pelo desejo do aprendizado do trabalho cotidiano.



Figura 1: Mapa do Piauí
Fonte: IBGE

Conforme Vieira (2002), em 1851, foi nomeado o professor da cadeira de primeiras letras Joaquim Jusselino Viriato Formiga. Em 1854, já havia uma escola de primeiras letras para o sexo masculino, a qual contava com 17 alunos, enquanto, as mulheres do povoado não dispunham de professoras públicas, dedicando-se apenas aos afazeres do lar, à criação dos filhos e aos cuidados do marido. Somente em 1867, foi criada, pela Assembléia Legislativa

Provincial, uma escola de primeiras letras para o sexo feminino, tendo como professora Mariana Joaquina de Almeida Brito.

Outros professores desse período foram os mestres-escolas ambulantes, que se embrenhavam sertão adentro, ministrando as primeiras letras. Eles eram membros da comunidade que mais sabiam ler, escrever, contar, dedicando-se ao ensino desses conhecimentos. As aulas funcionavam em casas alugadas ou na casa dos alunos, sem livros, com móveis disponibilizados pelos próprios alunos, tendo muitas vezes o chão como quadro de escrever ou as pequenas lousinhas de ardósia que carregavam debaixo do braço. Os mestres-escolas ambulantes trabalhavam temporariamente nas fazendas e povoados ensinando meninos e meninas a escreverem as primeiras letras, exercendo assim o magistério nas incursões pelo interior. Aplicavam muitas vezes castigos para que a aprendizagem se efetuassem como a palmatória e a troca de bolos entre alunos caso não aprendessem a lição. Com esses procedimentos intentavam manter sua autoridade, além de acreditarem na eficácia do ensino dessa maneira. Em sua maioria, a atividade dos mestres-escolas era subsidiada pelos pais de família. Segundo A. Sampaio (1996) os mestres desapareceram à medida que o Estado enviou as primeiras professoras públicas para ensinar de graça, o que o autor caracteriza como uma luta desigual entre o mestre que cobrava e a professora que não cobrava nada. A estabilidade funcional dessas professoras era algo que os mestres-escolas ambulantes não conheciam.

Nesse processo de substituição dos mestres por professores subsidiados pelo Estado, chegou à vila a primeira professora normalista em 1886. Era Dona Ana Clara de Lima Castro esposa de Joaquim das Chagas Leitão². Conforme Lopes (2001), ela formou-se na Escola Normal do Piauí em 1883. Vieira (2002) acrescenta ainda que, anos depois, precisamente em

² Chegou a Picos em 1886 e era Tabelião. Foi intendente Municipal, fundou o Jornal O aviso, elaborou o código de posturas da cidade (1901). Deputado estadual durante 28 anos, era conhecido como Coronel Leitão.

1900, foi criada uma vaga de professor público municipal para ministrar aulas no povoado Genipapo.

A situação da instrução picoense, descrita no documento elaborado por ocasião da comemoração do centenário da independência do Piauí (1823-1923), apresentava-se da seguinte forma, segundo Leitão (1923, p.140):

Infelizmente, em matéria de instrução, o atraso é demasiadíssimo contrastador [...] A instrução primária é ministrada em 04 escolas estaduais, sendo 2 na cidade (uma para cada sexo) e 2 mixtas nos povoados Genipapo e Riachão. Embora não organizada de acordo com as prescrições legais, tem na cidade, uma escola mixta de ensino particular, com regular frequência. E só.

A descrição revela a ação diminuta do Estado e do Município em relação à educação picoense. Em Parnaíba (PI), por exemplo, no ano de 1922, tinha sido inaugurado o Grupo Escolar Miranda Osório. Na cidade de Picos, como consequência da desatenção da ação pública, ocorria a ampliação do número de escolas particulares, que ensinavam as primeiras letras, amenizando a condição de inúmeros analfabetos, situação consequente de uma sociedade de vaqueiros, despreocupada com a instrução escolar. Dessa forma, existiram diversas escolas particulares, anteriores à fundação do Grupo Escolar, como a organizada por Francisco Prota³, em 1913. Segundo Fonseca (2004), Prota implantou o Ginásio Gonçalves Dias⁴, lecionando sozinho para turmas de 1ª. a 5ª. série, chegando a ter 65 alunos matriculados. Outras escolas particulares do período foram o Instituto Coelho Rodrigues de propriedade de Mário Martins⁵ (aluno de Francisco Prota), fundado em 1921, que funcionou sob regime de internato para jovens do sexo masculino, e o Colégio Felisberto de Carvalho, do professor Miguel Lidiano, que era uma escola mista. Havia ainda a escola de Quirino

³ No livro “Os Italianos de Picos” o autor mostra que o dinheiro arrecadado com o ginásio fez o mestre abandonar as aulas e seguir como um rico comerciante.

⁴ Nos escritos de Prota, “Reminiscências de uma vida”, ele justifica que o nome ginásio dado a essa escola era errado já que a escola era de ensino primário.

⁵ Em 1926, foi para o Rio Grande do Sul, onde trabalhou no Jornal La Nation, que fazia propaganda política para Getúlio Vargas

Pereira Nunes, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, que ensinavam a ler, escrever e contar. Essa situação perdurou até a fundação do Grupo Escolar, que acreditamos ter contribuído para ocasionar o desaparecimento gradativo daquelas escolas.

1.1 A AÇÃO CORONELISTA E A IMPLANTAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR

Paralelamente ao contexto educacional em que professores eram designados pelo Estado para ensinarem as primeiras letras em casas-escola, havendo ainda aulas isoladas de cunho particular de instrução elementar para os que poderiam pagar, no aspecto político, predominava em Picos, assim como em várias partes do Brasil, o coronelismo. Esse sistema se caracterizava pela troca de favores, compadrio, controle dos profissionais, voto de cabresto e supremacia do poder mandonista aliado à propriedade rural, a posse de gado, de prestígio político e de ligações com os bancos. Como afirma Queiroz (2004 , p. 159 e 160),

O coronelismo se integra, pois, como um aspecto específico e datado dentro do conjunto formado pelos chefes que compõem o mandonismo local-brasileiro -, datado porque, embora aparecendo a apelação de coronel desde a segunda metade do império, é na Primeira República que o coronelismo atinge sua plena expansão e a plenitude de suas características. O coronelismo é então, a forma assumida pelo mandonismo local a partir da proclamação da república; o mandonismo local teve várias formas desde a colônia, e assim se apresenta como o conceito mais amplo com relação aos tipos de poder político econômico que historicamente marcaram o Brasil.

O prestígio do coronel era imenso na estrutura de poder local, representando muitas vezes o bem e o mal na política local. Os coronéis intermediavam os favores pessoais daqueles que de algum modo dependiam das autoridades estaduais. É nesse contexto que muitas cidades do Brasil ganham obras como iluminação elétrica, mercado público, cuidados com o centro urbano, estradas, prisões, defesa sanitária, escola primária entre outras que

faziam parte do processo de modernização implementado na república. Toda relação com o poder público dependia da tutela do coronel, como mostra Leal (1997, p. 65):

Os próprios funcionários estaduais, que servem no lugar, são escolhidos por sua indicação. Professoras primárias, coletor, funcionários da coletoria, serventuários da justiça, promotor público, inspetores de ensino primário, servidores da saúde pública etc, para tantos cargos a indicação da aprovação do chefe local costuma ser de praxe.

Em 1928, Picos (PI) era ainda uma pequena cidade com características rurais, cheia de morros verdes com casinhas em cima e uma cruz onde se faziam muitas preces. Havia imensas pedras colocadas propositadamente no alto para o encontro dos casais, com suas trocas de segredos ou de sonhos. As pessoas muitas vezes subiam o morro para ver a imensidão da terra, o rio Guaribas correndo lentamente no verde das várzeas, os campos verdes, os animais pastando, os juazeiros imensos com suas sombras, as largas estradas para um descanso no canto da várzea, a igreja do Coração de Jesus, a Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. O povo também tinha como entretenimento as novenas, a missa do galo, na noite de natal, as quermesses e as procissões.

Neste período, como já se disse, o sistema de poder dominante era o coronelismo, representado por Francisco de Sousa Santos⁶, que assumiu o poder municipal em 1918, inserido na política por Antonio Rodrigues da Silva, outro mandatário da região, que ficou no poder municipal de 1912 a 1918. “Chico Santos” ou “Chico Fartura”, como era popularmente conhecido, era filho de fazendeiros, sabia ler, escrever, conhecia as operações fundamentais, tendo sido ensinado por mestre-escola; tornou-se agricultor e grande comerciante. Em 1910, tornava-se 1º. suplente de juiz distrital de Picos. Ao assumir o

⁶ Nascido na fazenda Jenipapeiro (atual cidade de Francisco Santos) em 20 de outubro de 1882, filho do coronel Simplicio Pereira dos Santos e Antonia Maria da Encarnação. Foi 1º. suplente de juiz distrital de Picos em 1910, 1º. suplente substituto de juiz federal de Picos em 1927, Prefeito municipal de 1918 a 1928. Deputado estadual em 1930, faleceu em 18 de agosto de 1951.

governo municipal em 1918, construiu o mercado público, conteve a Coluna Prestes⁷ no município, instalou a luz elétrica, participou da fundação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues⁸ e conduziu a vinda das normalistas para ministrarem aulas no Grupo Escolar.

No imaginário da população picoense, o Coronel Chico Santos é tido como um herói fundador de obras importantíssimas, modernizador da cidade, sendo lembrado com muito saudosismo até mesmo por ferrenhos adversários. Com características de homem moderno, vislumbrava o futuro e preocupava-se em garantir a perpetuação da família no poder como lembra Nevinha Santos (1997) em suas memórias, recordando palavras que seriam do próprio coronel: “Para aqui virão muitas pessoas aventurar a sorte. Procurem se unir aos filhos da terra, para que juntos não percam o comando do lugar”. Complementa ainda Nevinha Santos (1997): “O Coronel Francisco Santos era um homem de caráter firme, amigo dos amigos e político de grande visão e prestígio. Logo tínhamos um grande amigo e amigo do grupo. Foi o coronel que resolvia com carinho e presteza todos os nossos problemas”.



Figura 2: Coronel Francisco de Sousa Santos
Fonte: Museu Ozildo Albano

⁷ Para o grupo de oposição da época, ficou desacreditado pela sua mansidão diante dos revoltosos, assim perdeu as eleições em 1928, depois de ter permanecido por dez anos no exercício da prefeitura

⁸ Criado pelo Decreto 1006, de 03 de novembro de 1928.

Como um dos projetos modernizantes da república, o Grupo Escolar representava o acesso da população à escola modernizada. Conforme Souza (1998), falar em educação popular durante a Primeira República significava referir-se ao acesso, no mínimo, ao ensino primário. Em 1890, surge no Brasil o primeiro Grupo Escolar, o qual fazia parte do ideal republicano de educação popular, com o objetivo de instruir e formar as almas das crianças. Sousa (1998) considera o Grupo Escolar um projeto republicano, com concepções pedagógicas modernas e racionais. A própria arquitetura do prédio do Grupo Escolar tinha todo um simbolismo: um espaço escolar dotado de uma identidade sociocultural, organizado com distribuição do tempo escolar, com professoras normalistas, festas cívicas, exames, inspetores, festas de encerramento. Era um modelo de escola que teve suas peculiaridades em cada lugar do país onde foi implantado.

A década de 1920 foi um período de modernização das cidades brasileiras. Um dos modelos apropriados pelas classes tradicionais foi a disseminação dos grupos escolares por todo o Brasil, os quais são, de certa forma, um símbolo de modernização e de demonstração de prestígio e poder, ao lado da luz elétrica, da água encanada, das praças, das ruas alargadas para automóveis, da força policial. Como afirma Pinheiro (2004, p. 147),

Entende-se, portanto que as escolas públicas passaram a ser utilizadas como veículo de propaganda política, também servindo para marcar o poder das oligarquias, cujos nomes seriam sempre lembrados, uma vez que os suntuosos prédios escolares, principalmente os dos grupos escolares, como visto, marcaram a nova feição urbana em pleno processo de mudança e serviram por conseguinte para embelezar a cidade e dar-lhe um ar de modernidade.

O Grupo Escolar da cidade de Picos não ganhou de início um prédio suntuoso e belo, começando a funcionar numa sala de pensão pertencente ao senhor Raul Rodrigues, sendo o aluguel pago pelo Estado. O jornal O Aviso, de 28 de fevereiro de 1929, manifestava-

se desejoso de ver completada a modernidade escolar representada pelo Grupo Escolar com a construção de prédio apropriado para essa escola:

[...] queremos consignar aqui, com a intenção acalentadora da possibilidade de serem mais tarde preenchidas, as lacunas de que achamos se ressentir o novo estabelecimento de ensino, cujo edifício e instalações não reúnem as modernas condições pedagógicas e higiênicas. Mas, não seja isto motivo de desfalecimentos, porque é do velho provérbio popular, que "princípios querem as coisas" (GRUPO...,1929)

A crítica que o jornal faz às instalações da escola era ocasionada pelo fato de o Grupo Escolar funcionar em uma casa reformada, e não em um prédio próprio, como já ocorria em outras cidades do Piauí. Isso suscitava a necessidade da construção de um prédio próprio, de espaço adequado para o funcionamento do Grupo Escolar em uma cidade que começava a demonstrar preocupação com sua modernização. O comentário do jornal revela também o anseio do término da antiga prática de aulas em locais improvisados, sem instalações pedagógicas e higiênicas adequadas, algumas vezes em cômodos das residências dos próprios professores.

Como entidade modernizante, o Grupo Escolar requeria um professor qualificado, por isso a combinação consubstanciada na aliança entre Grupo Escolar/ Escola Normal/professora normalista. Segundo Vilella (1998), as Escolas Normais representavam o novo em substituição ao que era velho, no caso, os mestres escolas, com saber prático ou algumas vezes, sem domínio da arte de ensinar. A normalista representava assim uma professora preparada nos mais modernos métodos de ensino e apta a trabalhar no Grupo Escolar, como mostra Lopes (2001, p.68):

O grupo Escolar foi o lugar tomado como natural para a ação dessa docente, que já detinha o direito exclusivo à efetividade no cargo. Escola modernizada e modernizante, tornou-se o espaço específico dessas professoras postas pelo próprio sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e renovação das práticas educativas no estado.



Figura 3: Alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues
Fonte: Museu Ozildo Albano

Assim, como resultado da procura por professoras normalistas, no dia 29 de janeiro de 1929, o coronel Francisco de Sousa Santos saiu de Teresina (PI) acompanhado de três jovens normalistas (Maria das Neves Cardoso, Alda da Mata Rodrigues e Ricardina de Castro Neiva) num ford modelo 1929. Depois de uma viagem cansativa de seis dias entre ladeiras, correntezas, noites em taperas e debaixo de muita chuva, as três jovens normalistas chegam a Picos para a instalação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues⁹, ficando hospedadas na casa do coronel Raimundo Leal, primo e amigo do coronel Francisco Santos. A chegada dessas três

⁹Recebeu esse nome em homenagem a Antonio Coelho Rodrigues, nascido em 04 de abril de 1846, na fazenda Boqueirão. Coelho Rodrigues formou-se em Direito em 1867, e em 1870 fez sua defesa de tese, recebendo, com distinção, o título de doutor em Direito, sendo o primeiro doutor em borla e capelo, no Brasil. Autor do Projeto do Código Civil Brasileiro, recusado por questões partidárias. Fonte: ALBANO (s.d., mimeog.)

jovens causou um verdadeiro espanto à população, notada nas memórias da professora normalista Nevinha Santos (1997):

Esperavam como professoras três senhoras idosas, de saias compridas e cabelos enrolados e receberam três jovens moças, quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos curtos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário nas cidades circunvizinhas. Quando saímos à rua, alguns saíram para fora de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as moças diferentes como chamavam.

Notamos, a partir das memórias de Nevinha Santos, a perplexidade e o espanto da população, na dicotomia velho/ novo. Chocavam-se no imaginário social a figura tradicional do mestre-escola e das professoras normalistas de costumes diferentes, as quais ganhavam as alcunhas de “professora formada” ou “moças diferentes”. Essas moças, no confronto com o modelo tradicional de professoras, causaram com seus comportamentos e formação, grande admiração à comunidade da época.

A inauguração do Grupo Escolar ocorreu no dia 15 de fevereiro de 1929. A solenidade de implantação foi pela manhã e estiveram presentes as autoridades do lugar, além de muitos convidados. A sessão de instalação foi aberta pelo Coronel Francisco Santos, que falou sobre aquele momento histórico. Em seguida discursou o juiz de direito da cidade, Dr Urbano Maria Eulálio e, logo depois, o prefeito da cidade na época, Dr. Antenor Martins Neiva¹⁰. Por último agradeceu a professora normalista Alborina Silveira¹¹, nomeada diretora do Grupo Escolar, o que na prática significava exercer várias funções, entre elas a de secretária, visto que naquela época oficialmente não existia essa função. A diretora, com a colaboração das professoras, cuidava de toda a parte burocrática da escola desde a matrícula até o preenchimento de certificados de conclusão, assumindo assim um papel central, com

¹⁰ Antenor Martins Neiva – Primeiro médico de Picos, responsável, na sua gestão como prefeito, pela criação das escolas nos povoados de Bocaina, Riachão, Genipapo e São Luiz

¹¹ Considerada a segunda normalista a morar em Picos, casada com Basílio Reis, após a inauguração do grupo, ficou pouco tempo na cidade sendo seu destino passível de investigação

poder de mando sobre alunos e professores, constituindo-se dessa forma em elemento fundamental e centralizador na escola. Segundo Souza (1998, p. 76),

[...] dela se esperava tudo: organizar, coordenar, fiscalizar e dirigir o ensino primário ... Encarregado de acompanhar todo o movimento das aulas, proceder à matrícula, classificação e eliminação dos alunos, organizar mapas e folhas de pagamento, fazer toda a escritura do grupo, visar os boletins mensais dos alunos a fim de serem entregues aos pais, exercer sobre os alunos constante vigilância, quer em recreios, quer em horas de trabalho.

Foram diretoras do Grupo Escolar, no período de 1929 a 1944, Alborina Silveira Reis, Ricardina de Castro Neiva, Maria das Neves Cardoso Santos, Benvinda Nunes Santos e Julieta Martins Neiva Nunes, todas indicadas por políticos que gozavam do poder em cada época. Normalmente consideravam para a indicação ao cargo o critério de parentesco: Ricardina Neiva era esposa do Prefeito Dr. Antenor Neiva; Maria das Neves Cardoso Santos era esposa do Prefeito Adalberto de Moura Santos; Benvinda Nunes Santos era filha de Elizeu Pereira Nunes, ex-prefeito de Picos, e Julieta Martins Neiva Nunes era irmã do Dr. Antenor Neiva.

1.2 METODOLOGIA UTILIZADA NO GRUPO ESCOLAR

Na cidade, a maioria das crianças de seis a catorze anos eram analfabetas. A pedido do Coronel Francisco Santos¹², as crianças foram separadas pela idade, sendo feita uma seleção: os menores ficariam numa sala e as maiores, em outra, cursando a 1ª. Série, pois todas precisavam aprender indistintamente. A mesma professora acompanhava a turma da 1ª. à 4ª. série. Para Souza (2004, p. 114), ”o modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos de racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe

¹² Dado enfatizado nas memórias de Nevinha Santos, que reverencia em muitos trechos de suas memórias o coronel Francisco Santos

referente a uma série; para cada classe, um professor”. No Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o princípio de cada série numa sala de aula foi adotado, ficando ainda as crianças de faixa etária diferente em salas diferentes, embora na mesma série.

Os alunos aprendiam noções de História e Geografia, estudavam as principais regras de gramática e de matemática, tinham aulas de Educação Moral e Cívica. Além disso, aprendiam bons hábitos, bons costumes, noções de higiene, respeito às autoridades civis, militares e eclesiásticas e amor e respeito a Deus e à Pátria. No início da aula, cantava-se o Hino Nacional e, no fim, o Hino da Bandeira ou do Piauí.

Um dos livros didáticos adotados na escolar era “Nossa Pátria”, de autoria de Rocha Pombo¹³, que procurava cultivar a pátria, seja como sacrifício, seja ressaltando uma tradição gloriosa. Os conteúdos do livro Nossa Pátria eram os seguintes: “A Bandeira da Nossa Pátria”, “A Nossa Independência”, “José Bonifácio”, “O Descobrimento do Brasil”, “Os índios”, “Os africanos”, “Os europeus”, “Os jesuítas”, dentre outros. Esses conteúdos tinham como objetivo transmitir um conhecimento moral e enaltecer os antepassados, nutrindo todo um sentimento patriótico que combinava perfeitamente com as idéias positivistas instituídas pela República e em consonância com o modelo de Grupo Escolar, cultivando ainda a idéia de ordem, tão propalada pelos defensores da república. Os professores faziam quase que diariamente preleções sobre assuntos pátrios principalmente após a instauração do Estado Novo quando, conforme Pinheiro (2004, p. 203), “o Estado Brasileiro passou por novo período de maior centralização político-administrativo, registrando-se, particularmente na esfera da educação pública um recrudescimento das idéias nacionalistas”.

¹³ José Francisco da Rocha Pombo (1857 – 1933) romancista, historiador e filólogo brasileiro.

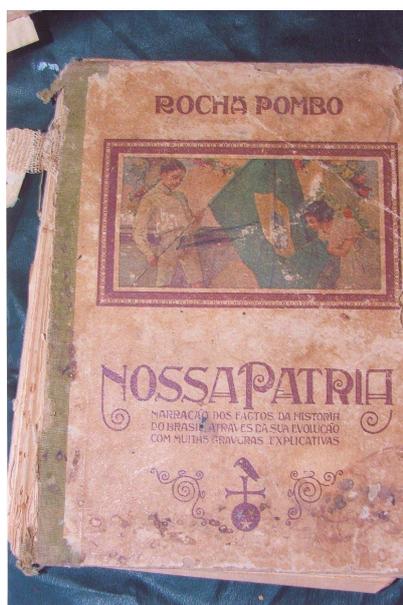


Figura 4: Livro Nossa Pátria
Fonte: Museu Ozildo Albano

A submissão ao poder local na época, que não se diferiu do restante do país, era marcante. O coronelismo encontrava-se consolidado e procurava controlar a sociedade fazendo-a funcionar de acordo com os desígnios e vontades do coronel. Assim, na escola em que Nevinha Santos foi professora a presença do coronel era marcante. Ela relatou: “No dia 20 de outubro levávamos os alunos do grupo para dar-lhes os parabéns ... eles ficavam felizes pois recebiam saquinhos de bombons e biscoitos entregues por Dona Balbina Santos, esposa do coronel Francisco Santos”. Isso acontecia porque a população local, fato evidenciado até nos dias atuais, tem uma verdadeira adoração ao coronel Francisco Santos, designando-o como fundador do Grupo Escolar e modernizador da cidade. O comportamento da professora era marcado por essa relação com o coronel, já que a sua nomeação era um ato de escolha e indicação dele, ficando também dependente de suas vontades.

O livro de leituras mais utilizado era Corações de Crianças, um compêndio com 4 livros para cada série, indicado pela diretoria geral da instrução pública para as escolas e grupos escolares. A obra, além de servir para a atividade da leitura, trazia conhecimentos úteis. No prefácio do livro, impresso na Livraria Francisco Alves, em 1915, a autora, Rita de M. Barreto, apresenta várias explicações sobre a utilização do livro, mostrando que ele tinha a finalidade de promover a leitura proveitosa através de contos e poesias dos autores da época. As leituras como “A água”, “Vulcões”, “O alimento”, “O Bom Conselho” dentre várias outras teve o apoio do professor normalista Cymbellino de Freitas, do Grupo Escolar de Barra Funda (São Paulo). Além disso recorria-se ao método lições de coisas, do Doutor Safray .

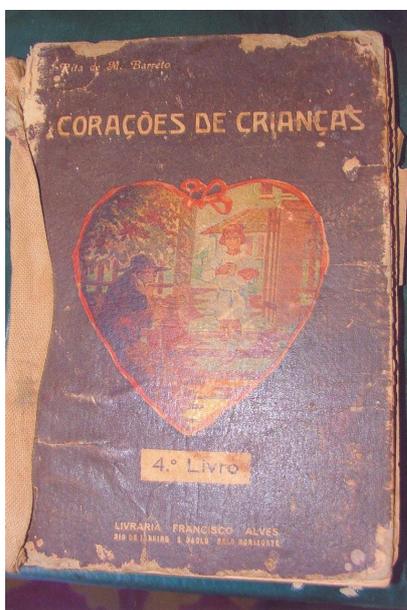


Figura 5: Livro Corações de Crianças
Fonte: Museu Ozildo Albano

O método lições de coisas ou intuitivo, expresso como regra básica no Artigo 200 do Regulamento de 1933, cobrava que o aluno decorasse mecanicamente as lições, procurando exercitar o raciocínio. Além disso, esse método se baseava em hábitos de ordem e trabalho, atenção, exercícios intercalados, ginástica, recreio, cantos, cópias, manipulações de

objetos e distribuição de prêmios. Segundo Hípico,(1878 apud Souza 1998, p. 160), as lições de coisas se caracterizava segundo Pestalozzi,

[...] os princípios estabelecidos para as lições de coisas compreendiam: cultivar as faculdades na ordem natural de seu desenvolvimento, começar por conseguinte pelos sentidos, não dizer nada à criança que ela pudesse descobrir por si mesma. Reduzir cada matéria a seus elementos mais simples. Explicar uma dificuldade de cada vez, seguir passo a passo à informação de acordo com o que a criança pudesse receber, atribuir a cada lição um objetivo determinado, imediato ou próximo, desenvolver a idéia e não a palavra, aperfeiçoar a linguagem, proceder do conhecido pra o desconhecido, do simples para o composto, da síntese para a análise, seguindo não a ordem do sujeito mas a da natureza.

O método de lições de coisas exigia um museu pedagógico ou um museu escolar. No Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o museu escolar foi instituído pela diretoria do departamento de ensino, através do seu diretor Anísio de Brito Melo, em 12 de maio de 1936, sendo designada a Professora Adalgisa Nunes de Barros para organizá-lo. O museu colecionava materiais de ensino, amostras de insetos, animais em vidro, ossos de animais, objetos confeccionados nas aulas de educação artística e principalmente objetos úteis para o ensino das ciências naturais, tudo exposto em uma grande sala. Como afirma Faria Filho (1996, p. 123), “não é pois, sem motivo que o museu escolar contara com um vasto salão, constituindo-se no maior espaço interno dos primeiros grupos escolares projetados”. Essa pedagogia do olhar, como descreve Faria Filho (1996) nas práticas pedagógicas inspirada nos museus, tinha no apelo visual uma forma de modernização do ensino.

A respeito do método utilizado, Nevinha Santos relembra:

Os assuntos eram explanados aos alunos, que faziam suas atividades na escola. Os professores levavam os cadernos de atividades para corrigir em casa. No dia seguinte, chamavam os alunos um a um e apontavam os erros e acertos. Não havia castigos severos como palmatórias e ajoelhar em cima de caroço de milho. O que ocorria era uma conversa séria com os relapsos. [...] Quando um aluno ficava reprovado nos exames finais, ele repetia o ano já com outra orientadora.

As memórias da Normalista Nevinha Santos a respeito do que era ensinado no grupo são condizentes com os aspectos evidenciados no restante do Brasil, como mostra Souza (2004, p. 117)

Reunindo vários professores sob a supervisão de um diretor, o prestígio social dessas escolas era estendido a seus professores. Localizados nos centros urbanos, os grupos escolares ofereciam melhores condições de trabalho, facultavam a socialização de experiências e uma forte identificação institucional. O ensino primário completo era ministrado em quatro anos, abarcando um programa enciclopédico que envolvia um auspicioso conjunto de matérias que atendiam aos princípios da educação integral – educação física, intelectual e moral.

Toda a aura de confiança no Grupo Escolar se refletia pelo fato de a escola ser organizada, aos olhos da sociedade, com programas modernos, um prédio de boa localização, diretor, salas, professores qualificados, sendo o ensino dividido em séries, com matérias e um currículo organizado. Isto foi percebido como diferente do que existia anteriormente, numa situação em que o professor escolhia os assuntos que bem lhe conviessem, com métodos próprios e sem nenhum apoio de livros didáticos. O Grupo Escolar tinha por missão, como afirma Souza (1998), civilizar e regenerar a sociedade brasileira. Era a oportunidade que as classes populares tinham de alcançar o término do 4º. ano, ganhar status, e não apenas saber exclusivamente ler, escrever e contar.

Na fundação do Grupo em 1928, o regulamento adotado no Piauí era o de 1910, que normatizava o currículo do ensino Primário, composto pelas seguintes disciplinas: Leitura/ Escrita/ Gramática/ Caligrafia/ Aritmética/ Geometria/ Geografia Geral/ Geografia do Brasil/ Noções de Ciências Físicas e Naturais/ Música/ Desenho/ Ginástica/ Exercícios Militares/ Trabalhos Manuais. A respeito do currículo adotado, Brito (1996, p.50) faz o seguinte comentário:

Era, como se vê, um currículo complexo para ser ministrado no curto período de quatro anos à crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, para o sexo masculino e de 7 a 12 anos para o sexo feminino. Essa dificuldade agravou-se nos primeiros anos de implantação da reforma pelo fato de não terem organizado grupos escolares de ensino graduado com um professor para cada série.

A Reforma de 1933 substituiu o currículo de 1910, inovando em alguns pontos: os grupos escolares tinham que ter no mínimo quatro classes, com no mínimo 180 crianças em idade escolar e o currículo era composto de educação literária; educação cívica, incluindo História, noções de Educação Moral e Cívica e Geografia; educação científica, abrangendo Matemática e rudimentos de Ciências Físicas e Naturais; educação da saúde, incluindo Higiene e Ginástica; educação prática, envolvendo lições de coisas, rudimentos de agricultura e pecuária; educação manual.

As idéias dos pioneiros da Escola Nova, presentes no manifesto de 1932 chegaram ao Piauí e repercutiram na legislação de 1933. Os reformadores de 1933, no Piauí, buscaram, conforme Brito (1996), inspiração em Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Carneiro Leão. Essa reforma aderiu às mudanças que ocorriam em todo o Brasil, pois, desde 1930, conforme Carvalho (1998, p.69), “as plataformas política de Vargas incorporam tópicos centrais dos discursos dos entusiastas da educação dos anos 20, produzindo a expectativa de que era chegado o momento para tornar realidade esse programa”. Com a ascensão de Vargas ao poder, seus discursos referentes à educação eram cada vez mais permeados de ideais escolanovistas, como escreve Pinheiro (2004, p. 201)

o discurso de Vargas estava impregnado de ideais escolanovistas, sistematizados e publicados no ano anterior, num documento conhecido como Manifesto dos Pioneiros. Ressaltou o presidente ainda que uma das soluções para preparar o homem ativo para a vida seria oferecer-lhe educação, mais especificamente educação escolar, objetivo só concretizável com a criação de escolas. Tais idéias não ficaram apenas no discurso, mas vieram a efetivar-se como princípios norteadores da reorganização do sistema escolar brasileiro a partir do movimento de 1930. Assim é que tanto no plano Nacional quanto no estado Paraibano foram elaboradas novas constituições, leis decretos e regulamentos.

Assim como na Paraíba foi organizada uma legislação pertinente com base no ideal nacional que seguia o escolanovismo, a reforma de 1933 no Piauí também estava imbuída dos mesmos ideais. De acordo com Romanelli (1993), os ideais escolanovistas eram fundamentados na educação como movimento social, no direito do indivíduo à educação integral, nas necessidades sociais, no interesse infantil, na observação, raciocínio e na não permissão do ensino mecânico. No Piauí esses princípios foram adotados na reforma, que determinou o seguinte: lições como centros de interesses coletivos, de acordo com as necessidades do meio ambiente, de alcance à mentalidade infantil, deixando sempre ao educando as iniciativas de adquirir conhecimentos por si, reservando ao professor apenas o papel de guia.

A higiene também, a partir desse período, passou a ser muito cobrada, o que está expresso no art.167 da Reforma de 1933, que rege o seguinte: “Ao sinal convencionado para início das aulas, os alunos se dirigirão para as respectivas classes, onde, após a chamada, se procederá a inspeção de asseio e saúde”. Essa ação era realizada pelas professoras, sendo comum na sala da diretora uma aglomeração de alunos para a verificação da devida higiene detrás das orelhas, como também da farda, dos pés. Segundo Lima (1985, apud MELO, 2005, p. 90), esta preocupação dava-se pela

[...] intersecção de três doutrinas: a da policia médica, pela inspetoria das condições de saúde dos envolvidos com o ensino: a do sanitarismo, pela prescrição a respeito da salubridade dos locais de ensino, e da puericultura, pela difusão das regras de viver para professores e alunos e interferência em favor de uma pedagogia mais fisiológica, isto é, mais adequada aos corpos escolares aos quais se aplicasse.

Ocorriam palestras e exemplos demonstrando o quanto a limpeza era importante. A ida ao banheiro era controlada com a “pedra da licença”, que constituía um objeto disciplinar, não necessitando o aluno atrapalhar a aula para solicitar a ida ao banheiro. Cada vez que isso

ocorria, a criança levava a pedrinha que ficava em cima da mesa da professora, significando para os outros que, naquele momento, o banheiro estava ocupado.

1.3 NOVAS INSTALAÇÕES PARA UMA ESCOLA MODERNIZANTE.

O início da década de 30 trouxe várias transformações políticas. Como afirma Zotti (2004), a Revolução de 1930 substituiu o modelo econômico do capitalismo dependente agrário pelo capitalismo dependente industrial, o que trouxe várias transformações em todos os setores. A educação diante do novo modelo econômico, precisava responder a necessidade de um maior número de pessoas, mesmo essa necessidade sendo conduzida a partir das necessidades de uma minoria privilegiada.

O governo provisório de 1930 tratou logo de criar o Ministério da Educação e Saúde Pública, que, através do ministro Francisco Campos, realizou uma reforma no ensino. Na opinião de Romanelli (1993) essa reforma se caracterizava por ser uma série de decretos imposta a todo o território nacional, que marginalizou o ensino primário e o ensino normal, organizando apenas o sistema educacional das elites. Assim, várias inovações de âmbito nacional relativas à educação foram acontecendo, como a criação do Conselho Nacional de Educação, a IV Conferência Nacional de Educação em 1932, as discussões entre liberais e católicos e a Constituição de 1934, que trouxe um capítulo destinado à educação e à volta do ensino religioso.

No Piauí, a Revolução de 1930 também teve seus efeitos. Conforme Nascimento (2002), o movimento de 1930 concretiza um projeto que visava aumentar a oferta de salas de aula e a educação formal, uma vez que essas idéias faziam parte dos ideais tenentistas. Para esse autor, Landri Sales teria renovado a administração pública. Assim, a Diretoria de Instrução Pública foi reformulada em 1931, sendo também inaugurada a Faculdade de Direito

neste mesmo ano e iniciada a formação dos conselhos populares de educação. Na realidade, essas mudanças faziam parte de um projeto de concretização dos ideais de um Brasil novo, numa tentativa de destruir lembranças e tradições ligadas à República Velha.

Picos também viveu a instabilidade do Governo provisório brasileiro e os reflexos das transformações tanto do Brasil como do Piauí. Em um intervalo de seis anos, a cidade foi governada por oito diferentes interventores¹⁴.

Este período também se caracterizou por três marcos importantes para a história da educação picoense. O primeiro relaciona-se com a chegada de mais uma normalista, a Sra. Raimunda Portela Lima Cardoso¹⁵, e a contratação da professora leiga Maria do Socorro Santos¹⁶.



Figura 6: Raimunda Portela Lima Cardoso
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 7: Maria do Socorro Santos
Fonte: Museu Ozildo Albano

¹⁴ Elizeu Pereira Nunes, Justino Rodrigues da Luz, Filandro Portela, Brás Costa, Plínio Mozart, Justino Rodrigues da Luz, Elizeu Pereira Nunes e Brocardo Leitão.

¹⁵ Raimunda Portela Lima Cardoso ampliou o quadro de normalistas do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Conhecida como Mundica Portela, nasceu em 31 de março de 1907, na cidade de Campo Maior, fruto do matrimônio de Eudoro Portela Lima e Raimunda Portela Macedo. Aos 23 dias de nascida, ficou órfã de mãe, passando a residir em Teresina (PI) com seus irmãos mais velhos. Educou-se então nessa cidade, onde concluiu os seus estudos, em 1927, na Escola Normal Oficial. Em 1936, casou-se com Antonio Cardoso de Albuquerque tendo os seguintes filhos: Maria do Carmo, Maria Nele, Raimundo Nonato, Maria Ivete e Enduro Portela Cardoso. Afastou-se de suas funções pedagógicas em 1959, por fazer jus à aposentaria por tempo de serviço. Sua atividade preferida era a leitura. Faleceu em 23 de novembro de 1987.

¹⁶ Maria do Socorro Santos nasceu em Picos (PI), em 10 de maio de 1905. Conhecida pelos seus longos e bonitos bordados, era também professora do grupo. Dentre todas as professoras era a única que não tinha freqüentado Escola Normal. Foi contratada em 29 de janeiro de 1929, pelo Decreto nº 30 como professora adjunta, conforme documento da Diretoria Geral da Instrução Pública. Casou-se com Raimundo Gomes da Silva Neto, que era funcionário da Coletoria Estadual, e teve os seguintes filhos: Maria das Mercês Gomes de Penna (adotiva) e Raimundo Nonato Santos Gomes. Foi embora para Teresina, em 1951, período em que atuou no Grupo Escolar Abdias Neves. Faleceu em agosto de 1971

O segundo marco se deu em função da influência sobre as moças de Picos da aura de glória da figura da professora normalista, que desfrutava de status, admiração e de uma profissão que não era do lar. As senhoritas, filhas de Picos, Luiza Maia e Silva¹⁷ e Adalgiza Nunes de Barros¹⁸, imbuídas desse ideal, foram embarcadas por seus pais para Teresina, com o objetivo de estudar na Escola Normal, motivo de notícias no jornal O Aviso, nº 173, de 15 de abril de 1930.

Normalistas – No mesmo dia e com o mesmo destino seguiram as formosas e prendadas senhoritas Adalgiza Nunes de Barros e Luiza Maia e Silva, inteligentes e aplicadas segundannistas da Escola Normal, as quaes passaram as fêrias no seio das respectivas famílias nesta cidade.

As futuras preceptoras picoenses, que, pelas suas bellas e alevantadas virtudes de espírito e coração, desfructam de largo e selecto círculo de sympathias em o nosso meio social, mandamos, com os augúrios de brilhante tirocínio no respectivo curso, votos de feliz viagem.(NORMALISTAS, 1930)



Figura 8: Luiza Maia e Silva
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 9: Adalgiza Nunes de Barros
Fonte: Arquivo particular

¹⁷ Lilá, como era conhecida a Professora Luiza Maia da Silva Campos, nasceu em 15 de agosto de 1913, filha de José Carlos Pereira da Silva e Maria Maia da Silva. Casou-se com o poeta Lourenço Augusto Pereira Campos em 25 de dezembro de 1944. Atuou no Grupo até 20 de setembro de 1945 quando faleceu, no parto.

¹⁸ Adalgiza Nunes de Barros, era filha de Joaquim Baldoíno de Barros. Alfabetizada por uma mestre-escola conhecida como Modestina Nunes, terminou o curso Primário na Escola do professor Miguel Lidiano. Em seguida vai para Teresina estudar na Escola Normal Oficial, sendo aluna de Sotero Vaz. Ao se tornar professora Normalista retornou a Picos e assumiu a organização do Museu Escolar, conforme telegrama nº.578 de 21 de Junho de 1936, do Diretor de Departamento de Ensino. Trabalhou poucos anos no Grupo

O terceiro marco ocorrido foi a intensa seca no Estado do Piauí, que fez com que Picos se encontrasse em estado de calamidade pública, o que ocasionou a visita do então governador Landri Sales à cidade.

Nesse período, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues ainda funcionava em prédio alugado. Ao regressar à Teresina, Landri Sales se faz portador, ao Ministro Américo¹⁹, de dois pedidos do Cel. Francisco Santos: uma frente de emergência para ocupar os atingidos pela seca e a construção de uma sede para o Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Os pedidos do coronel foram prontamente atendidos, sendo recebida uma verba destinada à realização de uma frente de serviço (emergência) para os flagelados da seca. Essa mão de obra foi empregada na construção de um prédio público para o funcionamento do Grupo Escolar da cidade. Segundo Brito (1996), o Governo do Piauí empenhou-se seriamente, no período de 1933 a 1937, na expansão da rede escolar primária, construindo novos e modernos prédios escolares em todo o estado, ampliando consideravelmente as matrículas do período. O Governo Landri Sales²⁰ conseguiu, assim, montar uma rede de escolas. Segundo Nascimento (2002, p.61), “o modelo de administração centralizado permitiu que o governo do Estado desse início à construção de pelo menos um prédio destinado ao funcionamento de um grupo escolar de cada município”. Isto também só foi possível devido aos acordos entre governo estadual e prefeituras, como mostra relato de Luis Mendes Ribeiro Gonçalves (Cepro 1993 , p. 116):

Um prefeito municipal chegava em Teresina com a pretensão de construir no município por ele dirigido, uma praça, por exemplo. O secretário de obras perguntava: “No município tem escola pública?” Se a resposta fosse não, o prefeito saía de Teresina com um projeto de um grupo escolar debaixo do braço, transformado em prioridade“.

¹⁹ José Américo de Almeida, nasceu em Areia (PB) em 10 de janeiro de 1887. Autor de A Bagaceira, teve relevante papel na Revolução de 1930, foi governador da Paraíba e ministro dos Transportes de 24.11.1930 a 25.07.1934. Faleceu em 10 de março de 1980.

²⁰ Landri Sales Gonçalves, interventor Federal no Piauí, entre maio de 1931 e início de maio de 1935, nasceu em Acaará (CE) a 19 de junho de 1904, sendo filho de Francisco Lousada Gonçalves e Efigênia Sales.

Como afirma Gonçalves (1980, p. 258), sobre a construção do prédio escolar no período, “o programa é portanto, elaborado à base da cooperação municipal”. Dessa forma, edificam-se e inauguram-se os grupos escolares de Picos, Campo Maior e outras cidades, o que demonstra a cooperação entre município e Estado na construção dos edifícios escolares.

No dia 15 de janeiro de 1933, passava a funcionar em prédio próprio o Grupo Escolar, situado à Praça da Bandeira, hoje Josino Ferreira, no centro da cidade. Sua localização, como ocorria no restante do país, ficava no centro do núcleo urbano, para demonstrar o seu grau de importância, com um edifício belo, majestoso como um palacete, em estilo neoclássico, com dois pilares, um de cada lado, com um símbolo bem ao centro representando o mapa do Piauí. A planta foi elaborada por um renomado engenheiro da época responsável pela construção de várias obras públicas no estado, especialmente escolas, o Sr. Luís Mendes Ribeiro Gonçalves. O prédio dispunha das seguintes acomodações: cinco salas de aula, diretoria, dois banheiros e um pequeno pátio (na época era um quintal). As salas eram amplas e com janelas grandes que permitiam uma excelente iluminação. Quanto à mobília, especificamente os bancos escolares eram carteiras em que os alunos se sentavam em duplas, havendo um pequeno orifício à direita onde era colocado o tinteiro.

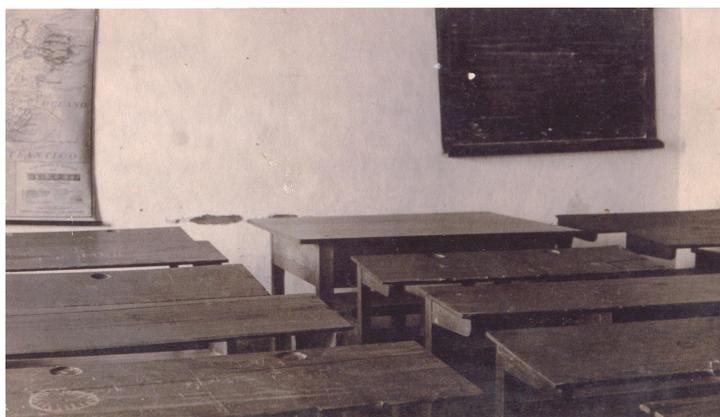


Figura 10 : Carteiras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues
Fonte: Arquivo Particular DR. Luís Ayrton Santos Júnior

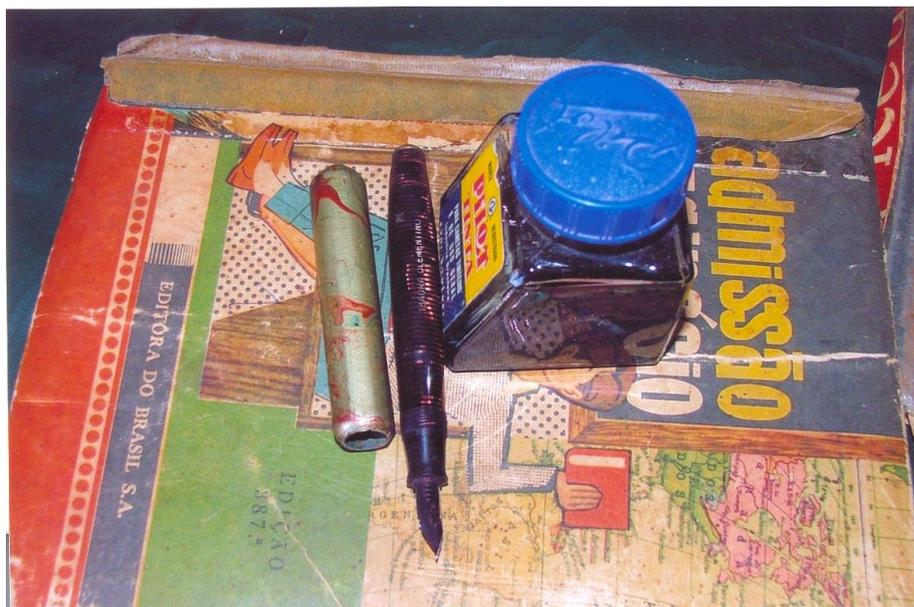


Figura 11: Tinteiro e caneta do Grupo Escolar Coelho Rodrigues
Fonte: Museu Ozildo Albano

A inauguração do prédio foi realizada na gestão do Prefeito Elizeu Pereira Nunes. A aquisição de uma sede própria para a escola foi motivo de grande euforia para a juventude e para toda a sociedade picoense. Conforme Farias Filho (1996, p. 71), “acomodação, conforto e bela aparência: ideais do habitante e do habitar da/ na cidade moderna desdobram-se em referências para a organização dos serviços da educação”



Figura 12: Grupo Escolar Coelho Rodrigues na década de 60
Fonte: Museu Ozildo Albano

Como podemos perceber, apesar de ser a fotografia (figura 12) da década de 60 é possível fazer uma análise da localização do prédio: foi construído no centro da cidade, representando um marco modernizante da cidade, com uma arquitetura novíssima, diferente dos padrões picoenses. Tinha uma porta, oito janelas na frente, mais oito janelas de cada lado e nove ao fundo, onde se estendia um grande quintal, além de uma meia parede na frente, com um pequeno portão para entrada dos alunos. Dessa forma, o Grupo Escolar estava implantado e consolidado na cidade, com seu marco arquitetônico e seu vínculo com o espaço urbano modernizado. Isso acrescentava à cidade um elemento decisivo para sua inclusão entre as mais importantes cidades do Estado.

1.4 AMOR, DEDICAÇÃO E ESFORÇO: A INSPEÇÃO TÉCNICA DO ENSINO E AS VISITAS AO GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES

Os inspetores técnicos eram regulamentados em seu ofício pela Reforma de 1933, em todo o seu capítulo IX. Contratados mediante concurso, não poderiam demorar-se mais de 15 dias em cada localidade, sendo que, a cada inspeção realizada, era enviado um relatório, o qual era publicado no diário oficial. Quanto a esses inspetores aponta Cunha (2002, p.52):

Temidos, respeitados e, não raro, até bajulados, os inspetores escolares, na intenção de organizar/ manter/ instituir uma dada ordem escolar, escreviam seus relatórios plenos de críticas e / ou elogios às escolas visitadas. Suas visitas, quase sempre sem aviso prévio, eram motivos de apreensão de professores (as) e diretores(as) dos estabelecimentos escolares.

Estes relatórios descreviam desde as condições do prédio até a atuação dos professores e rendimento dos alunos. Ao visitar Picos, eles deixavam seus relatos no livro de visitas e registros protocolares da escola, sendo que suas descrições, narrações, opiniões e

sugestões serviram para recompor a cultura escolar do grupo. Como descreve Sousa (2000, p.15),

Os livros de termos de visitas põem em destaque a atuação dos inspetores de ensino. Neles encontramos registros das observações dos inspetores sobre a organização administrativa e pedagógica da escola. Além da verificação dos dados de matrícula e frequência das condições de asseio e ordem do estabelecimento de ensino, esses profissionais assinalavam as atividades desenvolvidas com os professores a saber: visita às classes, exame dos cadernos dos alunos e dos desenhos gráficos. Aulas-modelo.

O Conselho Popular de Instrução também era regido pela reforma de 1933, e deveria ser criado em cada local pelos prefeitos. Era composto do juiz de direito e de dois chefes de família. Os conselheiros não eram remunerados e tinham várias incumbências: fiscalizar e inspecionar as escolas; informar e inspecionar a atuação dos professores.

O Conselho Popular de Inspeção de Picos foi criado no dia 29 de junho de 1932, estando presentes à fundação José Baldoíno de Barros, Francisco de Sousa Santos e Luís Martins dos Santos. Na ata de fundação, foi designada como secretária a professora normalista Alda Rodrigues Neiva e, como delegado escolar, o professor do povoado Jenipapo, Vicente Alves Pereira. O conselho se reunia a cada três meses e tinha como função examinar a sala de aula, o aproveitamento dos alunos, a frequência e o trabalho das professoras.

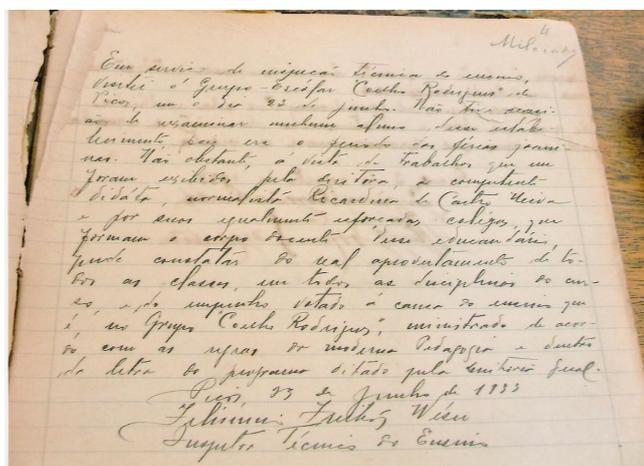


Figura 13: Livro de registro de inspeções
Fonte: Museu Ozildo Albano

Após o Grupo Escolar mudar-se para sede própria em 1933, o primeiro inspetor técnico de ensino²¹ a visitá-lo foi o Sr. Felismino Freitas Weser, no dia 23 de junho de 1933.

Ele assim relatou sua visita:

Em serviço de inspeção técnica de ensino visitei o Grupo escolar Coelho Rodrigues de Picos. Não tive condição de examinar nenhum aluno deste estabelecimento pois era período de férias. Não obstante a vista de trabalho, que foram exercidos pela diretora, a competente didata normalista Ricardina de Castro Neiva e por suas igualmente esforçadas colegas que formam o corpo docente desse educandário, pude constatar o real aproveitamento de todas as classes em todas as disciplinas do curso e do empenho voltado à causa do ensino que o Grupo escolar Coelho Rodrigues, ministrado de acordo com as regras da moderna pedagogia e dentro das normas ditadas pela diretoria geral.

Após a primeira direção em 1930, exercida por Alborina Silveira Reis, assumiu a direção do Grupo Escolar a Sra. Ricardina de Castro Neiva. Sua indicação para diretora ocorreu no mesmo período do mandato de prefeito da cidade do seu marido, o primeiro médico de Picos Dr. Antenor Neiva.

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues funcionava como um cartão-postal da cidade, servindo de ponto de visitas para aqueles que se destinavam a Picos. Para a comunidade, era o que se tinha de melhor para apresentar aos visitantes, dessa maneira a escola recebeu inúmeras visitas que deixaram suas impressões no livro de visitas e inspeção do Grupo Escolar.

Em 2 de agosto de 1933, o Grupo recebeu uma visita da embaixada acadêmica cearense, que estava em excursão pelo Piauí, representando a Casa do Estudante Pobre de Fortaleza. Na sua passagem, essa embaixada enalteceu o trabalho do Grupo, elogiando o progresso intelectual da mocidade picoense.

Elias de Araújo, em seu registro de visita ao Grupo, datado de 2 de setembro de 1933, elogia a diretora e o corpo docente, fazendo também uma apreciação dos trabalhos dos

²¹ Com a República, foi criado novo órgão administrativo com trinta inspetores, um para cada distrito, possuindo ainda o Conselho Superior e a Diretoria Geral de Instrução Pública.

alunos principalmente os desenhos, pontos e provas em matérias como: História, Português, Geografia, Ciências Naturais e Físicas. Nessa visita, os alunos do 4º. ano foram argüidos em todas as disciplinas, tendo sido reconhecida a dedicação, a assiduidade docente e discente e o conforto da escola. Esta idéia foi reafirmada pelo inspetor Clemente Elias Ferreira Neto, em 03 de maio de 1934, que complementou a impressão do grupo elogiando a higiene, a ordem, a disciplina e a aplicação dos alunos.

Em 15 de junho de 1934, o inspetor Anísio Brito visitou o Grupo²² e registrou o entusiasmo das professoras na ação educativa. Em 27 de agosto de 1934, o inspetor de ensino Felismino Freitas Wésler fez o seguinte comentário:

Vive mais gracioso agora, na sua parte material graças à instalação de um suntuoso prédio, concebido pela inteligência de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves digno doutor das obras públicas do Piauí e cuja planta foi com critério executada na sua parte principal. Excelentes os trabalhos apresentados por ocasião das minhas visitas revelação perfeita e acabada da inteligência e amor a grande causa do ensino votado pelas dignas professoras do grupo Escolar Coelho Rodrigues. Todas as disciplinas do curso são ensinadas com dedicação e esforço, disso obtive a prova exuberante no exame a que submeti vários alunos.

Lamentável, entretanto, a falta de mais uma professora que o grupo em apreço está a exigir pelo número elevado de alunos da sua matrícula, falta essa que vem determinando embaraços e sacrifícios a sua maior eficácia.

Em 22 de agosto de 1936, o inspetor técnico de ensino Alceu Brandão visitou o Grupo diariamente durante dezesseis dias, relatando que o corpo docente da época era formado por Raimunda Portela Lima Cardoso, Magnólia Leão Padilha²³, Maria do Socorro Santos e Maria de Jesus Santos, sob direção de Maria das Neves Cardoso Santos. Alceu Brandão registrou a perfeita harmonia do Grupo, a boa concórdia, além de fazer argüições aos

²² Neste período a matrícula alcançava 151 alunos

²³ Professora normalista Magnólia Leão Padilha nasceu em Teresina (PI), em 31 de dezembro de 1914. Filha de Reinério Leão Padilha e Virgínia Padilha, formou-se em 1932. Foi nomeada como professora do Coelho Rodrigues em 03 de Julho de 1935. Casou-se com Aristarco Clementino de Carvalho com quem teve os filhos Isabel Maria Padilha Martins e Augusto Wagner Padilha Martins. Trabalhou no Grupo até 1944, oportunidade em que foi embora para Rondônia, trabalhando como professora no Grupo Símon Bolívar. Foi diretora deste grupo e, em 1959, foi transferida para Brasília, se aposentando em 1976 .

alunos, o que proporcionou ao Grupo receber elogios ao aproveitamento escolar dos estudantes.

Nos relatórios de inspeção datados até 1941, os inspetores mostram imensa satisfação com o trabalho desenvolvido na escola pelas normalistas, no entanto Abílio Neiva lamentou a escassez de material e criticou a indisciplina dos alunos: “é conveniente que a diretora torne os alunos das classes menos adiantadas mais disciplinados, ensinando-lhes como devem se portar na escola já que os responsáveis não o fazem em casa”.

Os tempos áureos do Grupo e os elogios à sua ação nos registros de inspeção técnica vão perdurar até final da década de 1940 e início dos anos 1950, quando os primeiros indícios de decadência do estabelecimento escolar começam a aparecer: falta de professores qualificados, falta de carteiras e materiais, além do próprio descuido com o prédio escolar, como pode ser notado na última inspeção de 16 de outubro de 1954, feita pelo inspetor Erasmo Souza Borges:

Visitei o grupo escolar Coelho Rodrigues, e quanto ao aproveitamento considero regular, quanto ao estado do prédio escolar, acho péssimo, quanto a pobreza é como os outros grupos do estado. Em Teresina, farei o possível no sentido de melhorar ao menos em parte esta situação.

É necessário que as professoras cooperem com a diretora no sentido de serem promovidas festas para adquirir dinheiro e por conseguinte sanaremos a grande falta de material de 1ª grandeza.

A partir do relato do inspetor, podemos concluir que o processo de declínio e precariedade não era apenas relativo ao Grupo Escolar da cidade de Picos, o que se percebe na passagem “quanto a pobreza é como os outros grupos do Estado”. Relatando a falta de financiamento por parte do Estado na melhoria das acomodações e materiais escolares, o inspetor sugere que a escola recorra à comunidade, com a realização de festas, para sanar as principais dificuldades.

1.5 DECLÍNIO DO PERÍODO ÁUREO DO GRUPO

Em 1949, o Ginásio Estadual Picoense foi fundado, com as aulas funcionando no período da tarde. Como não tinha sede própria, essa escola funcionou inicialmente nas instalações do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que já dava claros sinais de declínio. No início da década de 50, o ensino na cidade de Picos estava assim constituído: havia o Ginásio Estadual Picoense, em que funcionavam o curso ginásial e um curso técnico de comércio; 54 unidades de ensino primário fundamental, sendo 11 mantidas pelo governo estadual, 30 pelo municipal e uma particular; e cinco cursos supletivos.

Em 1954, a situação do Grupo, dirigido por Benvinda Santos Nunes, auxiliada por treze outras professoras, era a seguinte: funcionavam 09 classes, sendo três da 1ª. série A, duas da 1ª. série B, duas da 2ª. série, uma da 3ª. série e uma da 4ª. série. Os boletins eram entregues mensalmente, recebendo o visto dos pais ou dos responsáveis. A matrícula inicial era de 320 alunos, a implementar a de 29 alunos. Os alunos estavam assim distribuídos:

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SÉRIE/SEXO DO GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES EM 1954.

Série	Sexo Masculino	Sexo Feminino
1ª.série	106	75
2ª.série	33	28
3ª.série	25	14
4ª.série	13	11

Fonte: Livro de termos de inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues

Assim, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues recebia maior parte da demanda dos alunos do município, e, mesmo em fase de declínio, tinha seu ensino considerado como de qualidade para as classes menos abastadas, pois, com a criação do Colégio das Freiras, em 1944, as filhas da elite não mais procuravam o Grupo para seus estudos. Dessa forma, o

Grupo passou a dividir espaço com outras escolas, não sendo mais o único centro irradiador do saber na cidade.

O inspetor de ensino Pe. David Ângelo Leal mostra, no seu relatório, de 3 de setembro de 1954 a situação do grupo:

[...] Além disso o número de carteiras é insuficiente. No dia em que comparecem todos os alunos, não há bancas para todos.

Houvesse mais salas e mais carteiras, poder-se-ia elevar de muito a matrícula anual já que a procura é grande.

Auscultando o desejo das ilustres professoras para logo notei que muito gostariam que o grupo, digo, o prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues fosse reservado somente para os alunos do referido grupo. Sendo estadual o ginásio. Por que, as autoridades estaduais não procuram acelerar o início da construção do prédio para o mesmo ginásio para o que já dispõe o município de um terreno bem localizado?

Percebemos que a implantação do Ginásio no mesmo prédio como também a falta de investimentos públicos contribuíram para derrocada do Grupo, que, por um longo período, teve seus tempos áureos e de grandiosidade. Assim, em 1954, o prédio do Grupo encontrava-se em ruínas, com pedaços de reboco caindo, calçadas destruídas, piso esburacado, ausência de aparelhos sanitários, carteiras, mapas geográficos, geométricos e do sistema métrico. Também não havia mapa-múndi, globo terrestre, quadros históricos ou descritivos da fauna e flora. Enfim a situação não era condizente com as normas técnicas do Conselho.

Houve também uma mudança no perfil do seu alunado. O Grupo Escolar inicialmente atendeu principalmente às necessidades dos filhos da elite, da classe média, dos profissionais liberais e dos grandes proprietários de terra. Exemplos desses primeiros alunos são Helvídio Nunes de Barros (senador e governador do Piauí), Fontes Ibiapina (juiz de direito e escritor), José Odon Maia Alencar (prefeito de Pio IX, deputado estadual e governador), Izaías Santos (alto funcionário da Fazenda Estadual), Antonio de Barros Araújo (conselheiro do Tribunal de Contas), Severo Eulálio (prefeito de Picos).

A primeira turma funcionava no turno da manhã, com poucos alunos de 1^a. à 4^a. série. Um dos alunos que se destacou bastante foi o Sr. Enoque Bispo de Sousa, aluno do Grupo Escolar em 1932, o qual relatou (1994) :

Os alunos daquela época realmente aprendiam o que o professor ensinava, pois além dos professores serem muito bem preparados e competentes eram também muito rigorosos, exigindo dos alunos muita disciplina e respeito. Uma das professoras mais severas era Dona Ricardina, da qual cheguei a receber alguns castigos e um deles foi por causa de um bilhete que enviei para uma menina. Um outro foi porque na hora do recreio eu e alguns colegas fomos jogar bola no meio da rua. O castigo mais usado além da palmatória, era quebrar a régua na cabeça dos alunos ou deixá-los trancado num quarto escuro.

Outro aluno do Grupo Escolar, de 1945 a 1949, foi o Sr. José Eulálio Martins (1994), conhecido como Zé de Emir, que esclareceu:

Fui aluno de Dona Benvinda no 4º.ano, estudei no período de 1945 a 1949 [...] Aprendíamos a ler, escrever e contar como também a falar. A palmatória era o maior incentivo para que houvesse uma boa aprendizagem, existia uma disputa entre alunos para ver quem era melhor. A sabatina existia para se fazer uma avaliação da aprendizagem semanal. Naquele tempo a professora ensinava e os alunos estudavam em casa, não existiam livros, nós tínhamos que colocar a cabeça para funcionar, principalmente a matemática que desenvolvia o QI dos alunos.

A sabatina a que o aluno José Eulálio remete, consistia em, nos dias de sábado, fazer perguntas sobre o que tinha sido ensinado durante a semana. Na sua fala, percebe-se o uso da palmatória, negado nas memórias da Professora Nevinha Santos, mas presente na maioria dos relatos de ex-alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o que mostra a permanência do uso dos castigos corporais, embora estes tenham sido legalmente abolidos desde a Lei de Instrução de 1827, e a Reforma de 1933, no seu artigo 168, indicar que as faltas cometidas por alunos deveriam ser observadas com bastante carinho. Os castigos corporais ainda existiam na prática de sala de aula desse período, portanto a lei e a formação na Escola

Normal não modificaram rapidamente a prática pedagógica das professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Oscar Eulálio (2005) lembrou o período em que estudou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues:

Estudei seis meses no quarto ano do Grupo Escolar com Ricardina até novembro de 1943[...] Ela era muito exigente o pior que achava da minha madrinha e professora é que a exigência dela me fez um cidadão cumpridor dos meus deveres. Ela dava aula, a classe cheia e na mesma hora, depois que terminava a aula ela procurava fazer com que os alunos repetissem o assunto das aulas que ela dava. Aquela exigência dela fazia com que o aluno prendesse a atenção e virar os olhos para ela acompanhado não só as palavras mas também os gestos. [...] Todo mundo comprava seu caderninho. Era um caderno de caligrafia, que tinha todas as letras, depois tinha sílabas, depois as palavras e a gente procurava imitar. Tinha quadro de giz. Aquele quadro de madeira. Cantávamos os hinos da Bandeira, o nacional, o da primavera “Plantemos nossa árvore amiga e viçosa” [...] O desfile de 07 de setembro era só a caminhada pela rua, aqueles meninos tudo fardado, a furiosa da prefeitura (a banda de música) tocando seus tambores e saía todo mundo acompanhando. A bandeira nacional defraudada e a bandeira do Piauí. O que mais se disputava era ser um porta-bandeira para sair na frente.

Nas práticas escolares, era comum o canto de vários hinos na entrada, na saída ou nos intervalos da escola. As normalistas possuíam caderninhos com todos os hinos copiados, os quais decoravam e também faziam com que seus alunos decorassem e entoassem todos os dias na escola. Temos como exemplo, o caderno de hinos escolares da professora normalista Dorinha Xavier de Oliveira, aluna da Escola Normal Rural em 1942, na cidade de Juazeiro do Norte (CE). Esse caderno está no Museu Ozildo Albano. Os hinos permanecem na memória de muitos ex-alunos, como o Hino da Festa das árvores, entoado pelo ex-aluno Oscar Eulálio, conforme acima descrito.

Festa das Árvores

Cavemos a terra, plantemos nossa árvore,
Que amiga bondosa ela aqui nos será!
Um dia ao voltarmos pedindo-lhe abrigo,
Ou flores, ou frutos, ou sombra dará.

O céu generoso nos regue esta planta

O sol de dezembro lhe dê seu calor.
 A terra que é boa lhe firme as raízes.
 E tenham as folhas, frescura e verdor.

Plantemos nossa árvore, que árvore amiga.
 Seus ramos frondosos aqui abrirá.
 Um dia ao voltarmos em busca de flores.
 Com flores, bons frutos e sombra dará.

A Festa da árvore, no dia 21 setembro, e o Dia da bandeira, no dia 19 de novembro, eram festas realizadas pelos alunos em conjunto. O professor ou diretor deveria fazer um discurso sobre o ato, que equivalia a uma aula de educação cívica. Essa prática era regulamentada e deveria ocorrer em todos os grupos escolares do Estado.

As festas cívicas como também o dia-a-dia do grupo Escolar Coelho Rodrigues podem ser observados no depoimento da professora normalista Benvinda Nunes Santos²⁴ (1994), que trabalhou no Grupo de 1939 a 1964:

Quanto ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues, tenho boas recordações, Todo meu trabalho foi no Grupo, não existia individualidade. Nós comemorávamos todos os eventos da cidade, da Igreja e do Estado com os professores organizando palanques, carros alegóricos, desfiles, procissões e muitos outros. Todas as datas comemorativas eram festejadas com total apoio dos alunos e também de seus pais. Dia das mães, Dia da árvore, Independência do Brasil, Dia da Bandeira etc. Dei uma parte da minha vida por aquela instituição, trabalhava por amor, embora nós professores termos sido mal remunerados sempre. Cada professor lecionava da 1ª. à 4ª. Série. Na escola tinha livro de ocorrências onde se registrava todos os acontecimentos importantes da cidade. A comunidade participava ativamente, criando um bonito trabalho de grupo. Os concursos de efetivação eram baseados na experiência. Para se candidatar a uma vaga era exigido do professor pelo menos um ano de trabalho. Recordo-me de vários alunos, principalmente daqueles mais inteligentes como; José Eulálio, Dagoberto e José Antenor. A gratificação do meu trabalho no magistério é a gratidão e o testemunho dos meus ex-alunos. Quanto à aposentadoria, somente ela não dava para minha sobrevivência.

Os eventos da cidade e algumas das datas comemorativas que a professora se refere já se faziam nos Grupos Escolares desde a criação desse tipo de escola no Piauí. Outros foram

²⁴ Nascida em 12 de setembro de 1916, filha de Benvinda Ferreira e Eliseu pereira Nunes, foi diretora do Grupo durante 20 anos

sendo acrescentados, fazendo parte de um calendário da Era Vargas, como explica Parada (2005, p.01):

[...] – a “cultura cívica varguista” (que se realizou, dentre outras formas, a partir de um elaborado calendário de cerimônias públicas no qual se articulavam as idéias de ordem, solidariedade, disciplina e modernidade). [...] Este calendário começa a ser estruturado em 1936 e sua forma acabada pode ser encontrada já em 1938. Sua linha do tempo compreendia as seguintes comemorações: o dia de Tiradentes, em 21 de abril; o 1º. de maio, dia do trabalho; a Semana da Pátria, um conjunto de comemorações realizadas ao longo da primeira semana de setembro que incluía, além do desfile militar em 7 de setembro, “O Dia da Juventude” e “A Hora da Independência”; o “Dia da Revolução Brasileira”, em 10 de novembro; a Proclamação da República, em 15 no mesmo mês; e, por fim, no dia 19 ainda em novembro, o “Dia da Bandeira”. Cada comemoração tem uma trajetória própria durante o período, cada uma com seu público, sua pedagogia e seus temas próprios.

Cada comemoração tinha uma trajetória própria, o que nos remete à definição de lugar social de Certeau (1982), que afirma ser o lugar produtor de determinações próprias submetidas às suas particularidades. Em Picos, essas comemorações aconteciam geralmente com a participação de um público assíduo como, por exemplo, os membros da comunidade em geral, os pais dos alunos, os dirigentes da cidade, os funcionários de órgãos públicos, os policiais. Era uma forma de exaltação ao governo ditatorial, mas também de entretenimento da cidade, pois se configurava como um dia de festa. Os palanques, espécie de pedestal para autoridades do lugar, eram geralmente ornamentados pelas professoras, que também ensaiavam durante vários dias os pelotões de alunos em sua marcha simétrica. Além disso, os eventos promoviam um maior relacionamento entre a escola e a comunidade, sendo um momento de grande visibilidade da escola.

1.6 MEMÓRIAS DE NEVINHA SANTOS E A AÇÃO DOCENTE NO GRUPO ESCOLAR

Para compreender a ação da mulher professora no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, é interessante que se faça uma rápida retrospectiva da presença feminina na educação picoense, assim como também é preciso nos reportarmos à história da educação no Brasil,

afim de entendermos os motivos que contribuíram para que a mulher fosse gradualmente se tornando preponderante no magistério primário .

O sexo feminino encontrava sérias dificuldades no acesso ao magistério, contudo, segundo Campos (2002), a partir da década de 40 do século XIX, entendeu-se que o magistério era uma função própria das mulheres, principalmente daquelas que não casavam, uma vez que tal função era entendida como um sacerdócio. No final do Governo Imperial, no entanto, ainda predominavam os homens no magistério. Em Picos, são muitos os professores que atuaram neste período, ensinando as primeiras letras, dentre eles: Quirino Pereira Nunes, Manoel Madeira Batista, João Antonio dos Santos, Felix Veloso, Evaristo Velho, Miguel Borges Guarani.

A premissa de que as mulheres ajustavam-se muito bem ao magistério já era uma constante na Europa no século XIX, como afirma Perrot (1998, p.105): “Dentre as primeiras profissões assumidas na França pelas mulheres, temos os ofícios ligados à educação e à formação: professora primária, bibliotecária, e antes de tudo, preceptora”.

No Brasil, do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, ocorrem inúmeras mudanças com a implantação do regime republicano no país. No plano educacional, oferecem-se mais oportunidades ao sexo feminino. O magistério primário era a oportunidade que as mulheres possuíam para ingressar no mercado de trabalho ou, como afirma Almeida (1998, p.30)

a possibilidade de aliar o trabalho doméstico e a maternidade. Uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se a princípio temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais.

Os estudos sobre a feminização do magistério, que ocorreu de modo mais intenso na Primeira República, divergem. Alguns autores defendem a idéia de que a inserção da mulher no magistério deveu-se à ideologia da domesticidade e da submissão feminina; outros a

associam à desvalorização econômica e social da docência, pois pagar pouco era um discurso bem dirigido às professoras primárias. Assim, por vocação ou por não precisar ser bem remunerada, sobrou o silenciar de suas mazelas, como bem explicita Sousa, M. (2000, p.119):

Pois nessa extensão da maternidade e nesse vocabulário de abnegação e devotamento, as professoras nunca tiveram formas e lugares de dizer dos seus demônios, da decepção, eventual ódio ao ofício, da mesquinha de seu entorno, ou simplesmente do seu enfado.

Com todas essas dificuldades, um novo comportamento é esculpido na vida das mulheres. Era uma chance de possuir um espaço próprio no tecido social, uma aliança entre o desejo de desempenhar um trabalho remunerado com as aspirações afetivas que lhes foram legadas pela sociedade. Mesmo ganhando pouco, possuíam um pouco mais de liberdade, embora fossem severamente vigiadas. Outra vantagem era que o magistério apresentava-se como uma forma de quebrar os grilhões domésticos e privados.

Os resultados que a feminização do magistério promoveram acentuam atributos de amor, respeito, vocação e competência, portanto havia a necessidade de conhecimento e técnica para o correto desempenho da atividade.

Em Picos, esse processo ocorreu ainda durante o período imperial, entrelaçando-se, neste ponto, com a própria história do Brasil. A cadeira de primeiras letras da vila de Picos para o sexo feminino foi criada em 1867, sendo professoras: Mariana Joaquina d'Almeida Britto, Maria Antonia da Soledade Alvarenga e Antonia Maria da Conceição. A última, fora denunciada pela Inspetoria Pública devido seu comportamento moral, nunca comprovado de fato e reflexo do preconceito sofrido, como mostra em sua dissertação de mestrado Vieira (2002, p.16)

a situação vivenciada pela professora Antonia Maria da Conceição não se constituía num caso isolado peculiar aos padrões culturais do sertão piauiense, mas reflete o preconceito comum nas sociedades androcêntricas em relação às mulheres que ousavam ultrapassar os limites impostos.

A primeira professora formada a atuar em Picos, segundo documento datado de 1894, foi Ana Clara de Lima Castro, egressa da Escola Normal Oficial do Piauí, em 1883.

Outra mulher professora era Nhazinha Freire, que mantinha uma escola particular, como bem anunciava o Jornal O Aviso de 15 de maio de 1918:

Collegio – Nhazinha Freire, científica aos Exmos. Senores Paes de Família que, no dia 1^o. de junho, abrirá um colégio para creanças do sexo feminino, em o qual lecionará primeiras letras, funcionando em casa de residência de seu pae Dr, Urbano Eulálio, à Rua da igreja, desta cidade. (COLLEGIO, 1918)

Existe um vácuo, que requer um estudo mais profundo, entre essa data até 1929, em se tratando da presença de mulheres no magistério picoense, principalmente das que atuavam como mestres ambulantes, ensinando a ler, escrever e contar nas casas que lhes forneciam alojamentos e pagamento por seu trabalho. Essa lacuna ocorre em virtude do esquecimento a que foi relegada a história das mulheres, porque os historiadores e até mesmo a memória e a história oral não tiveram força suficiente para fazer tais fatos sobreviverem.

Em 1928, já com o crescente processo de interiorização do Grupo Escolar no Piauí, é criado o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, na cidade de Picos, somente inaugurado em 1929. A criação do Grupo Escolar requiritava a presença da professora normalista.

A primeira diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi a normalista Alborina Silveira Reis, casada com o Senhor Basílio Reis que permaneceu pouco tempo na cidade, sendo desconhecidos e passíveis de investigação os motivos de sua saída e o seu destino.

No Piauí, a presença da mulher no magistério já era um fato na primeira república como mostra Castelo Branco (1996, p. 92)

A partir da década de 20, os investimentos em educação resultaram em paulatino aumento do número de vagas nas escolas públicas e conseqüentemente, abriram-se

novas vagas para as professoras formadas na Escola Normal. O ensino primário tornava-se um campo de trabalho essencialmente feminino, um espaço aberto principalmente às mulheres de elite. Ser professora firmava-se como uma profissão digna e aberta ao talento feminino.

Em 1929, a presença feminina no magistério na cidade de Picos terá maior ênfase quando chegaram três normalistas, vindas de Teresina, trazidas pelo Coronel Francisco de Sousa Santos, para atuarem no recém-criado Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Nevinha Santos relata o momento da viagem em suas memórias:

Foi no dia 29 de janeiro de 1929 que acompanhada pelo poderoso chefe político do município, coronel Francisco Santos, um senhor austero, educado, simpático, que nos veio buscar em Teresina e assumir com nossas famílias de nos levar e ter conosco certas responsabilidades ... Viajamos numa manhã chuvosa, e isso nos deixava tristes, pois ficavam para trás famílias, amigos, saudades. Um carro bem novinho, um Ford modelo 1929 ... na frente o Coronel, que sempre se voltava para trás para nos tranquilizar... às vezes dormíamos em tapetas até chegar, seis dias depois ... A cidade era pequena, limpa, bonitinha cercada por morros muito verdes e um riozinho correndo por trás da imponente Matriz de Nossa senhora dos Remédios.

A chegada dessas três mulheres conduziu Picos a uma verdadeira mudança em seus padrões de comportamento e vida cultural. Assim a consolidação da feminização do magistério em Picos se entrelaçou com a estrutura de poder bem como com toda uma mudança no modo de viver da cidade: as roupas acima dos joelhos, o cabelo mais curto do que o convencional. A população ficava nas calçadas para observar o momento em que as professoras, essas “moças diferentes”, se dirigiam até o grupo para ministrarem suas aulas. Elas eram Maria das Neves Cardoso Santos, Ricardina de Castro Neiva²⁵ e Alda Rodrigues Matos Neiva²⁶.

²⁵ Ricardina de Castro Neiva, chegou a Picos em 1929 juntamente com Maria das Neves Cardoso Santos e Alda Rodrigues da Mata Neiva. Casou-se em 1930 com Antenor Martins Neiva, primeiro médico de Picos e prefeito municipal nesta mesma época, o que legou à professora normalista Ricardina a direção do Grupo Escolar. Desta união nasceram os filhos, Célia Neiva, Elza Neiva, Maria Cleide Neiva, José Antenor Neiva. Nasceu em Alcântara (MA), em 09 de novembro de 1911, filha de Emelinda de Castro Soares e João Soares. Perdeu o pai aos nove anos de idade, sendo criada por um tio em Teresina (PI), o Sr. João de Castro Lima. Famosa pela beleza, alcançou o título de Miss Teresina em 1928. Dirigiu o primeiro posto de atendimento social existente em Picos, que tinha atendimento médico, cursos de corte e costura. Era zeladora da congregação de Nossa Senhora



Figura 14: Ricardina de Castro Neiva
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 15: Alda da Mata Neiva
Fonte: Museu Ozildo Albano

As professoras ganhavam naquela época duzentos e onze mil réis (recebiam na coletoria, o dinheiro todo em moedas, precisando muitas vezes da ajuda de um aluno no dia do pagamento de salário). Elas pagavam a pensão, trabalhavam bem vestidas e se casaram com os rapazes das famílias mais abastadas da região. O consórcio trouxe o enlevar da profissão com a estrutura de poder. Assim, por vezes, assumiam cargos públicos, ora de diretora do grupo, ora de primeira dama.

Pensando a mulher professora no espaço do Grupo Escolar, considerando cada uma como um indivíduo na sociedade, suscita-nos a curiosidade sobre a história dessas mulheres professoras. O que imaginavam essas jovens entre 16 e 19 anos numa cidade completamente

do Carmo. Recebeu duas homenagens póstumas: o nome de uma escola filantrópica, mantida pelo Rotary Club de Picos e uma sala de aula na Universidade Estadual do Piauí. Faleceu em 15.09.1985.

²⁶Alda Rodrigues da Mata Neiva, aos quinze anos veio para Picos para trabalhar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Fundou o núcleo educacional Monsenhor Hipólito, que tinha como função alfabetizar crianças pobres. Casou-se com Albertino Martins Neiva, tiveram os seguintes filhos: Arnaldo, Atualpa, Adroaldo, Albertino e Alda. Com a morte do filho Atualpa volta para Teresina e se aposenta aos quarenta e cinco anos de idade, oportunidade em que começa em sua própria casa, ensinar tarefas de crianças e alfabetizar os netos. Assim, começa a Escolinha Dom Bosco, hoje uma das maiores escolas de Teresina. Um dos seus maiores lemas era “alfabetizar a todos”.

diferente da sua cidade de origem como também da capital em que estudaram durante anos, na solidão legada pela distância dos seus lares? Eram mulheres em busca de sua profissão e com o diferencial marcante de não desejarem apenas ser mães e esposas, com a disposição de pagarem um preço, como mostra Muller (2005 , p. 8)

O preço da autonomia era a solidão pelo afastamento geográfico dos familiares, solidão pelo espaço social que ela passara a ocupar e a tornava diferente de outras mulheres de sua geração. Sua liberdade era muitas vezes negociada, transigida e limitada pelos preconceitos da época e pelo grupo social a que pertencia. Os sapatos altos, as roupas elegantes enunciavam uma condição econômica de manter. A autonomia e a independência que os estudos e o salário propiciavam não devia ser proclamada abertamente. E, ainda por cima, deveria ser o sustentáculo da sua família e dos filhos das demais famílias, seus alunos.

As memórias de Nevinha denotam essa mesma interpretação, ressaltando o sentimento de sair do seu espaço geográfico e ir para um local totalmente desconhecido:

[...] saí de casa com saudades pois deixei tudo...tudo o que mais amei na vida. Mas havia terminado os estudos e, com o diploma na mão, com 18 anos, sentia-me realizada e feliz . Naquela época o meu pai já começava a passar por um período difícil e eu tive que trabalhar, ser independente e fazer o que mais sonhei na vida: ensinar e educar crianças.

A professora primária, ao ser instalada na cidade, era como uma redentora da sociedade, uma missionária da civilidade. Em busca de sua autonomia, conquistada muitas vezes a duras penas, e de seu espaço, foram submetidas de algum modo às pressões da sociedade, pois, mesmo tendo o seu salário e o seu papel social, compartilhavam, em parte, do espaço tradicional da mulher, tendo dupla jornada e dedicando-se também ao marido e aos filhos, por isso cabem bem a essas mulheres adjetivos como formosas, prendadas e professoras.

Assim, através das memórias de Nevinha Santos, é possível reconstruir o sentido de sua vida e de sua atuação profissional, pois ela refaz suas trajetórias e vivências, que não são

apenas particularmente suas, mas do grupo em que estava inserida. Como mostra Halbwachs (1990, p. 14), “a aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos os quais estamos misturados e relações que se estabelecem entre esses grupos”. Revisitar sua trajetória é assistir a sua aventura pessoal e à dos que estiveram envolvidos neste contexto, sendo possível analisar as práticas educacionais do período, que permearam a visão de mundo da professora, além de procurar entender o momento histórico cultural e social que predominou na sua época.

Os registros deixados pela educadora foram escritos em rascunhos. Quando tinha 89 anos de idade, ela decidiu publicá-los em um jornal local, o Meio Norte. Tendo uma excelente memória, assegurava a todos que lembrava de fatos ocorridos desde os cinco anos de idade. Desde sua adolescência escrevia sua vida em diários íntimos, mas resolveu destruí-los por considerar que aqueles textos só expressavam sua vida pessoal. Assim pensava: “Escrever é uma atividade prazerosa. Sempre durmo tarde da noite e, antes do sono, aproveito para escrever sobre memórias e educação”.

Os seus artigos, contudo, evidenciavam fatos de sua vida pessoal, como casamento, filhos, noras, netos, amigos e, principalmente, sua vida profissional, sua formação na Escola Normal, o primeiro emprego, vida de professora, os alunos, o cotidiano da sociedade da época.

O estudo de suas memórias permitem o não desaparecimento dessa mulher professora no poço do esquecimento, o que resultaria em mais uma “anônima”, uma mulher comum, esquecida e, principalmente, não se conheceria o processo histórico do momento em que viveu e da educação do período. Como afirma Nunes (2003, p. 20), “as autobiografias, as memórias e os diários têm constituído documentos singulares e decisivos para a reconstituição de aspectos dos processos educativos de outras épocas históricas”.

Maria das Neves Cardoso Santos, conhecida em Picos como Nevinha Santos, nasceu em 12 de março de 1910, na localidade Marruás (atualmente cidade de Porto). Era filha do coronel José Olimpio Rodrigues, político e comerciante, e de Lina Cardoso Rodrigues.

Fez o curso Primário na cidade de Brejo, no Maranhão, onde moravam sua avó paterna e seus tios. A escola era particular e pertencia a Dona Belinha Bacelar, sendo exclusivamente de meninas. Quando foi inaugurada a primeira escola do seu município, tinha dez anos e pediram para que recitasse de pé, numa mesa um discurso anteriormente decorado.

Na cidade de Brejo morava na rua Santana, na mesma rua, do seu colégio. Fez a primeira comunhão na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios.

Pela manhã ia ao colégio, o que representava um belo passeio, como ela mesma define:

Andar pela rua Santanna era um sonho, na rua havia pontesinhas, pois por ela passavam os riachos que cortavam a cidade. Achava aquilo maravilhoso e mais os sobrados que havia na rua, casas lindas, com jardins, grandes lojas, as palmeiras imperiais e fogueiras enfeitando a cidade, para mim tudo aquilo era maravilhoso, adorei morar lá.

Quando chegava do colégio, ia para o riacho tomar banho. Subia nas árvores, tirava ninho dos pássaros, acompanhada sempre da Zezé (menina vizinha de sua casa). Voltava para casa, almoçava e ia aprender a lição com Bibi, sua prima. Nessa época, o pai sempre a visitava, levando-a para as lojas com o fim de comprar o que necessitava.

Ao terminar o Primário, viajou para Teresina no vapor Manoel Tomaz, indo morar com Dona Mariazinha Alencar e suas filhas, para continuar os seus estudos. Em Teresina, Nevinha Santos ingressou na Escola Normal Oficial, tendo como professores Adelaide Fontenele, Lélia Avelino, Anísio Brito, Sotero Vaz e Higino Cunha.

Em suas recordações a educadora enfatiza suas amizades nesta época: Nydia Carvalho, Erina, Dagmar Miranda, Hilda, Aldenora e Angélica Martins, amigas estas que, nas horas de lazer, recitavam poemas de Olavo Bilac, cantavam, balançavam nas redes, recitavam

sonetos de poetas piauienses, faziam festinhas de aniversário para as professoras e também estudavam as atividades da Escola Normal.

Aos 18 anos Nevinha termina os seus estudos de normalista e recebe um convite para instalar, na cidade de Picos (PI), o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, sendo assim uma das primeiras normalistas a morar e trabalhar na cidade. É assim que Nevinha Santos descreve este momento:

Picos, 1929. As professoras, era como éramos chamadas pela população da cidade de Picos, onde fomos inaugurar o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, construído àquela época pelo governo do Estado. Éramos três meninas-moças recém-diplomadas pela Escola Normal Antonino Freire, Ricardina, Alda e Nevinha, que íamos assumir esta enorme responsabilidade. Éramos três jovens que com muita garra e muitos ideais, nos aventuramos a procura das nossas profissões e da nossa independência. Àquela época tínhamos o direito de escolher a cidade. Escolhemos Picos uma das mais distante e difícil acesso. É que os nossos pés nos levam aos nossos destinos.

Como Nevinha mostra em sua memória “a procura das nossas profissões e da nossa independência”, é possível fazer uma interconexão com o pensamento de Cardoso (2003), ao afirmar que ser professora era um projeto pessoal voltado para a esfera pública, que podia aliar casamento e maternidade, além disso compunha um panorama de inserção da cidade na modernidade edificada no cenário urbano.

O cenário da cidade é modificado com a presença dessas novas professoras, com novos métodos, novos comportamentos e logo a comunidade se dá conta disso.

Chegou o dia da inauguração do Grupo Escolar, 15 de Fevereiro de 1929. A inauguração foi pela manhã e à noite uma grande festa. No dia seguinte começou a falação. Um verdadeiro rebuliço tomou conta da cidade. Os melhores rapazes, filhos das melhores e mais importantes famílias, médicos, comerciantes, todos comprometidos com as moças da terra, se encantaram com as jovens professoras e acabaram seus namoros, compromissos e até noivados. Foi um inferno. Choro, pragas, desesperos, pedidos, tudo em vão, as professoras venceram.

Nevinha Santos contrai matrimônio com o filho do coronel Francisco Santos, Adalberto de Moura Santos, no dia 17 de junho de 1930, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, e com ele teve seis filhos: Luís Ayrton Santos, Wanda Cardoso Santos, Maria Lina Santos Melo, Teresinha de Jesus Santos, Francisco Newton Santos, José Ewerthon Santos.

Com a ascensão do Estado Novo, seu marido, conhecido popularmente como Bertim Santos, foi indicado prefeito do município nos anos de 1938 a 1945. Houve nesse período, um grande desenvolvimento da cidade, resultado do processo de modernização implantado pelo regime ditatorial do Estado Novo, como mostra Nascimento (2002), para quem o Estado Novo foi um estado forte. Junto com o regime, chegaram a rádio²⁷, transportes, praças, tendo como objetivo transformar a cidade modernizando-a. No Piauí, durante o governo Leônidas Melo, foi marcante o processo de modernização, com projetos de higienização, construção de hospitais, alargamento de ruas, dentre outros.

A cidade ganha importantes obras²⁸, como a usina elétrica, mercado central e da carne, matadouro público, posto de saúde na sede do município, construção da praça Félix Pacheco, rede de esgotos, campo de aviação, Prefeitura Municipal, Escola Municipal Landri Sales, avenidas, ruas e praças, banda de música, fundação do jornal A Ordem. Era a consumação do projeto político dos ideólogos do Estado Novo de fazer a modernização ganhar força através de um Estado centralizador.

A professora Nevinha Santos, como primeira dama, alfabetizou os presos e assumiu a diretoria do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, como ela própria atestou:

Mesmo como primeira-dama, nunca deixei a sala de aula. Sempre consegui harmonizar os trabalhos de serviço social com as atividades na escola [...] como diretora do Grupo, passei todo o governo de Leônidas Melo e mais os governos de Pedro Freitas e de Jacob Gayoso e Almendra. O Grupo foi muito bem cuidado naquela época e bem administrado [...] logo tínhamos um grande amigo do Grupo,

²⁷ Inaugurada em 1942 como rádio difusora de Picos, mas conhecida popularmente como amplificadora, por ter vários auto-falantes espalhados pela cidade.

²⁸ Obras construídas e inauguradas na administração de Bertim Santos (1938 a 1945).

o coronel Francisco Santos, que resolvia com carinho e presteza todos os nossos problemas.

Com o fim do Estado Novo, terminava a era Bertim Santos. É interessante a maneira como Nevinha, em suas memórias relembra o fato:

Nunca perdoaram uma jovem professora, de outro lugar, se tornar a primeira dama de uma cidade importante, mesmo sendo ela preparada e educada. Neste dia Picos viveu uma verdadeira loucura: a prefeitura foi invadida, as praças destruídas, foguetes enfiados que caíam propositadamente em minha casa com tristeza que naquela ridícula manifestação de ódio estavam alguns dos meus alunos, que de mim receberam ensinamentos completamente diferentes daquele procedimento.

É como se Nevinha, nesse instante, sentisse ter, de algum modo, fracassado como educadora. Mesmo assim, a professora normalista Maria das Neves Cardoso Santos e suas companheiras normalistas promoveram uma verdadeira revolução cultural na cidade de Picos, introduzindo novos hábitos, novos costumes, novos métodos, proporcionando o desenvolvimento cultural, com a realização de dramas, recitais de poesias, passeios de barcos pelo Rio Guaribas, incentivo à criação da banda de música do município com integrantes dos filhos da terra. Além disso tudo trouxeram a inovação dos métodos de ensino, recusando o predomínio da palmatória e dos castigos físicos. Foi professora de alunos que se tornariam governantes da cidade e do Estado, entre eles, Helvídio Nunes de Barros (senador, governador do Piauí), Fontes Ibiapina (grande escritor piauiense), Severo Eulálio (prefeito municipal), Antonio de Barros Araújo (conselheiro do Tribunal de Contas do Estado).

Notamos, dessa forma, o orgulho de Nevinha Santos em ter sido professora dessa geração de picoenses. Ela mesma intitulou-a “turma do brilhante”: “eram meninos educados, obedientes, esforçados, inteligentes e meus amigos”

Percebemos, diante de todos os fatos narrados, a prática educacional de Nevinha Santos, prática essa permeada de vários elementos que marcariam toda uma geração. Em alguns momentos sua prática educativa era tradicional; em outros, escolanovista (tinha como

centro principal o aluno e a negação dos castigos físicos). O mais notório é a valorização da formação do aluno ativo, despertando neste o saber e valorizando suas qualidades e experiências.

Nevinha Santos foi uma educadora de fato preocupada não somente com o repasse dos conteúdos, mas com o acompanhamento de seus alunos, preparando-os para a vida e tendo o imenso orgulho de vê-los bem sucedidos, provando dessa maneira que a escola não é tão só um espaço da transmissão de conhecimentos, mas de dedicação e amor:

Amei ensinar. Adorei minha profissão e me sentia muito feliz naquela sala de aula, cercada por crianças pobres e ricas que me respeitavam, me abraçavam, riam para mim, me queriam bem e me levavam flores, numa demonstração sincera de carinho e apreço à professora.

Nevinha Santos faleceu no dia 02 de julho de 1999, legando suas memórias ao registro da história. Como afirma Le Goff (2003, p.471), “a memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. É assim que analisamos as memórias da professora, num processo de reconstrução e entendimento do presente.



Figura 16: Professora Maria das Neves Cardoso Santos
Fonte: Museu Ozildo Albano

De 1936 a 1940, outras professoras primárias chegaram à cidade de Picos para atuarem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Eram filhas de Picos, como Luiza Maia e Silva e Aldalgiza Nunes de Barros, que assumiu a organização do Museu Escolar, conforme telegrama nº. 578 de 21 de Junho de 1936, do diretor de Departamento de Ensino. Trabalhou poucos anos no Grupo, tendo sido escolhida para fazer um dos cursos de aperfeiçoamento de professores promovido no governo de Landri Sales em Belo Horizonte. Como confirma documentário elaborado pela Fundação Cepro (1993, p. 116)

O governo com o intuito de melhorar a qualidade do ensino primário, em 1934, realizou seleção entre professoras primárias com melhor currículo e enviou seis candidatas a Minas Gerais, para um curso de aperfeiçoamento. As candidatas firmaram contrato com o estado, comprometendo-se que ao retornar obrigavam-se a prestar serviço durante três anos.

Em 1938, chegou Benvinda Nunes Santos²⁹ e, em 1940, Julieta Martins Neiva Nunes³⁰.

²⁹ Benvinda Nunes Santos, nascida em 12 de setembro de 1916, era filha de Caetana dos Santos Nunes (Dona Calu) e Eliseu Pereira Nunes. Foi casada com Francisco Santos Sobrinho. Estudou o Primário em Picos, na Escola Particular de Miguel Lidianio. Sua formação pedagógica ocorreu no colégio das Irmãs em Teresina (PI), chegando formada a Picos no dia 07 de dezembro de 1938, iniciando no Grupo Escolar no ano de 1939. Foi Diretora do Grupo durante 20 anos, secretária de Educação Municipal de 1971 a 1976, professora na Escola Normal Oficial de Picos. Faleceu em 01 de março de 1994. Teve um filho, Antonio Helder Nunes Santos.

³⁰ Julieta Martins Neiva Nunes nasceu em 09 de março de 1914 na Fazenda Tabuleiro do brejo, sendo filha caçula de Raimundo Carvalho Neiva e Maria Martins Neiva. Aluna da primeira turma do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, foi aluna da professora e cunhada Alda Rodrigues da Mata Neiva. Em 1934, segue para Teresina onde cursa o primeiro ano Pedagógico no Colégio das Irmãs. Depois se transferiu para Escola Normal Oficial, onde obteve uma participação efetiva, publicando, em 1937, uma crônica intitulada, "Luar de Minha Terra", a 15 de maio de 1937, no jornal 'A Escola', órgão da Escola Normal Oficial do Piauí. Na época, Julieta Neiva cursava a 3ª. Série. Em 1939, conclui o Curso Normal, mas, antes de chegar a Picos, trabalhou em Itainópolis, Inhuma, Esperantina até retornar em 1940, época em que trabalhou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, até 1966. De 1960 a 1962, foi diretora do Grupo. Casou-se em 1946 com Abdenor de Deus Nunes e teve os seguintes filhos: Carlos, Verônica, Socorro e Roberto. Foi a primeira professora de todos os filhos. Faleceu em 17 de junho de 1987.



Figura 17: Benvinda Nunes Santos
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 18: Julieta Martins Neiva Nunes
Fonte: Arquivo Particular da família

Vejamos o reconhecimento do trabalho dessas mulheres professoras no livro do Conselho Popular de Inspeção, redigido pelo inspetor Manoel Felício Pinto em 26 de julho de 1933.

De passagem por esta cidade com destino à capital do Estado, a objeto de serviço público, tive ensejo de espontaneamente e em companhia do meu distinto colega. Dr. Milciades Lopes, digno juiz de direito da Comarca, visitar o Grupo Escolar Coelho Rodrigues que é dirigido pela professora normalista Ricardina de Castro Neiva coadjuvada pelas suas colegas também normalistas, Exmas. Senhoras Donas Alda Rodrigues da Mata Neiva, Maria das Neves Cardoso Santos, Raimunda Portela Lima Cardoso e senhorita Maria do Socorro Santos.

Nessa ocasião funcionavam as aulas de todas as classes. Percorrendo-as, estive demoradamente em cada uma delas, assistindo as provas orais a que foram submetidos pelas respectivas professoras e de acordo com o programa adotado – vários de seus alunos, e examinando numerosos trabalhos executados com estes, como escrita, desenho, pintura, bordado, costuras, etc. Tudo o que vi e ouvi com satisfação, neste templo em que se prepara a mocidade para a luta pela vida – além de ordem e bom gosto – traduzia seriamente a competência e a dedicação de todas as suas ilustres professoras e avançado adiantamento de seus dignos alunos. Sendo o que ouvi e vi é também a prova eloqüente de que no grupo escolar Coelho Rodrigues se trabalha, se ensina, se estuda e se aprende.

O enaltecimento do trabalho das professoras normalistas foi enfatizado por quase todos os inspetores de ensino que visitaram o Grupo Escolar, concedendo a estas professoras vários elogios, como o de Elias de Araújo, registrado em 02 de setembro de 1933: “Eis o reflexo da dedicação e assiduidade das que constituem o corpo docente deste estabelecimento

de educação para o progresso intelectual da cidade de Picos”. Clemente Elias Ferreira Neto registra em 03 de maio de 1934: “O corpo docente desempenha com honra e sublime missão que lhe foi confiada”. Anísio Brito, em 15 de junho de 1934, escreveu: “É notável o entusiasmo das professoras e por não muito a professora do ensino popular desta cidade”. Em 27 de agosto de 1934, Felismo Wéser reconheceu: “Incansáveis e ciosas no cumprimento do dever que fundaram em 1929, cheio de alegria de trabalho, de ordem e de conceito”.

O trabalho das normalistas era reconhecido na cidade, que as admirava, e de certa forma, promovia uma visão romântica de sua ação. Contudo essa visão não era apenas típica de Picos e sim um pensamento predominante no Brasil acerca do que era ser normalista, como pensa Tobias (1986) ao afirmar que as Escolas Normais tiraram as mulheres do enclausuramento e lhes ofereceram outras oportunidades, sendo uma ponte para o ensino superior e mais tarde a participação delas em todas as esferas da sociedade, fato jamais visto no Brasil até então. A aura que cobria a professora normalista pode ser notada, nos poemas, versos e canções entoados na época, enaltecendo-as, como na música “Normalista” de autoria de Benedito Lacerda e David Nasser, tocada nas rádios em 1949, na interpretação de Nélon Gonçalves:

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
Num rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor
Eu que trazia fechado
Dentro do peito guardado
Meu coração sofredor
Estou bastante inclinado
A entregá-lo ao cuidado
Daquele brotinho em flor
Mas a normalista linda
Não pode se casar ainda
Só depois que se formar
Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar.

Todas as normalistas que atuaram no Grupo no período de 1929 até a década de 40 eram vinculadas à classe dominante da cidade, refletindo o quanto era importante ser normalista e somente aqueles que tinham condições financeiras podiam subsidiar o estudo dessas mulheres fora da cidade. Ao chegarem formadas, todas, pelo fato de serem filhas de pais que tinham condições financeiras, pela beleza e ou pela admiração que causava a profissão, casavam-se com os homens mais ricos e influentes da cidade, se entrelaçando mas ainda com a estrutura de poder vigente.

O mais importante disso tudo é que estas mulheres que atuaram no magistério picoense na época estudada o fizeram de modo marcante, seja por paixão ou por um mero cumprimento de deveres impostos. Formaram cidadãos, modificaram hábitos, fizeram parte da sociedade e orgulhavam-se do papel que desempenharam, o que se concretiza na frase de Nevinha Santos: “adorei ser professora”. Retrata-se muito bem uma época em que a professora primária imperava no contexto social como educadora, preceptora, mãe, defensora da pátria amiga dos seus alunos, redentora da nação e promotora da civilidade, tendo o respeito e a admiração de todos na cidade.

A fé e a esperança e, sobretudo, a paixão coexistiram na alma dessas mulheres, fazendo-as permanecer em sala de aula, vencer batalhas, inclusive as de sua ausência na história da educação.

2 O ENSINO MUNICIPAL E O ENSINO PRIVADO EM PICOS

“A prudência supõe a paz na alma a sobriedade nas palavras e a calma nas ações”.
(Pe. Júlio Maria).

2.1 O ENSINO MUNICIPAL

Durante o governo do prefeito Antenor Martins Neiva (1928 – 1930), a cidade de Picos vivia sob a influência do coronel Francisco Santos, que tinha governado até o ano de 1928. De 1928 a 1938, o município teve oito intendentes que se alternaram no poder, entre eles, o que mais demorou no comando foi Justino Rodrigues da Luz. Em 1929, na sede do município, havia o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, mantido pelo Estado, e escolas particulares de professores que ensinavam as primeiras letras.

Em 1929, o Estado ampliou suas escolas fora da sede do município e criou, sob a lei nº. 40 de 17 de agosto do mesmo ano, escolas nos povoados Genipapo, Riachão, Bocaina e São Luís³¹. Em 11 de outubro de 1929, a Diretoria Geral de Instrução Pública, então dirigida por Christino Castelo Branco, exonerou a professora interina do povoado Riachão, Albertina Maria de Castro Leitão, por considerar falsos os mapas e atestados apresentados pela mesma. Essas escolas funcionaram legalmente até 1931, quando são fechadas pela Diretoria Geral de Instrução Pública, em 30 de novembro, devido a pouca frequência de alunos. Nessa época, a escola de Genipapo tinha 29 alunos; a de Riachão, 19; a de Bocaina 14 e a de São Luís, 22. Com o fechamento dessas escolas ficou somente a de Picos, que tinha 49 alunos. Estavam assim as outras aquém do permitido no regulamento, motivo pelo qual não deveriam ser conservadas, uma vez que o resultado dessas escolas era inapreciável, segundo documento de nº. 539, da Diretoria Geral de Instrução Pública, assinado pelo diretor Benedicto Martins Napoleão.

³¹ Atualmente são municípios que foram desmembrados, respectivamente, Itainópolis (1954), Monsenhor Hipólito (1956), Bocaina e São Luís.

Na época, a administração do município estava sob o comando de Plínio Mozart de Moraes, que, ao assumir a Prefeitura, enviou um relatório para o Governo do Estado, em dezembro de 1931, descrevendo a situação da educação no município, relatando que as escolas localizadas nas povoações não estavam em condições de funcionamento. Na sua visão, isso ocorria em função dos professores serem leigos, e, conseqüentemente, os pais tiravam os filhos da escola, por considerarem o ensino deficiente. Essa atitude dos pais provavelmente também decorreu da presença da professora normalista na cidade e do funcionamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, considerado até então como um ensino moderno e de qualidade.

Em 1932, precisamente no dia 02 de janeiro, foi fechada a escola mista de Picos, sob alegação de essa instituição não atender aos interesses do ensino. Provavelmente esse ato ocorreu em virtude do funcionamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que atendia à demanda dos alunos da sede municipal.

Até então a ação do município em educação era muito incipiente. Somente em 1935 foi fundada a primeira escola municipal, funcionando num mesmo espaço físico, denominada de Escola Municipal Landri Sales, localizada em casas alugadas na Rua Grande, atualmente Avenida Getúlio Vargas.

Chamada dos alunos da E. M. de Picos de julho de 1942												
Nomes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	Prof. M.
1 Antonio Silva	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
2 Simas Belis	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
3 José Mendes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
4 Jacaci Hopeli	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
5 Betúcia Gomes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
6 M. do Socorro Leopoldo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
7 M. do Carmo Muniz	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
8 M. Elisa Estalho	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
9 M. Isabel Sousa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
10 M. Bela Arauda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
11 Honilde Hopeli	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Figura 19: Livro de frequência dos alunos da Escola Municipal Landri Sales
Fonte: Museu Ozildo Albano

Havia grande rivalidade entre os alunos da Escola Municipal Landri Sales e os do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, conforme Duarte (1995, p.61):

a disputa se dava nos mais variados aspectos: culturais, desportivos e até nos desfiles realizados em ocasiões solenes. Motivos das rugas entre os alunos eram os apelidos dados aos estudantes de cada escola: por causa das letras C e R, o Coelho Rodrigues era chamado de Cera Roubada; as iniciais L e S do Landri Sales inspiraram o apelido de Lombriga Salgada.

O aluno Dimas Lélis (2004) relembra o tempo em que estudava no Landri Sales. Analisando suas memórias, podemos notar que o comportamento, a metodologia e as práticas educacionais eram semelhantes às implementadas no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, até porque algumas das professoras da Escola Municipal Landri Sales também atuavam no Grupo Escolar, como era o caso da professora Maria do Socorro Santos

Cantávamos o Hino Nacional, da Independência e do Brasil. Todo caderno tinha letras desses hinos. O que marcava mais a gente era do dia do aniversário do Presidente Vargas, o aniversário do Prefeito de Picos, desfilava nas ruas com a banda de música, distribuía bombons para gente. Tinha festinha quando era aniversário da professora. As professoras eram bem trajadas, naquele tempo a gente chegava na escola, ela olhava atrás das orelhas. O castigo era escrever frases contradizendo o que tinha feito, às vezes ficava mesmo de joelhos. Naquele tempo, quando a professora reclamava e ia de castigo, a gente ia logo pra ver se ela não mandava dizer aos pais. O castigo era duro. Tinha um livro que era Coração de criança. No sábado colocavam a gente pra ler, leitura de classe. A professora notava quem tava conversando e de repente mandava continuar pra ver quem estava prestando atenção na leitura do amigo, coisas práticas que hoje poderia vigiar.

Lélis guardou provas, boletins e exames da época em que era estudante. Como afirma Mignot (2003, p.07), “muitos dos papéis guardados fazem parte do tempo escolar. Entrar na escola significa adentrar no universo das letras, das palavras, do deciframento do mundo”. A prova guardada nos possibilita conhecer parte da cultura escolar da época, nela estando explicitados o conteúdo e a metodologia. Através da sua análise, é possível percebermos que o ensino era voltado para a memorização. A prova era composta de três

partes, por isso era chamada de mista, englobando, na primeira parte, linguagem; na segunda, aritmética e, na terceira, conhecimentos gerais. Cada parte da prova valia 10 (dez) pontos. O resultado final se dava pela soma das três partes dividido por três. As correções da professora eram anotadas ao longo da avaliação, com registros de cor azul, para diferenciar da escrita do aluno, em cor preta. Nessas correções, a professora externava suas impressões sobre o rendimento do aluno, colocando as iniciais “MSS”, de Maria do Socorro Santos. O aluno, numa clara expressão de organização, desenhava florzinhas coloridas e caprichava na caligrafia, o que, segundo Mignot (2003), revela como a escrita não é apenas a aquisição da norma culta, mas também a expressão das letras bonitas e da limpeza do material escolar.

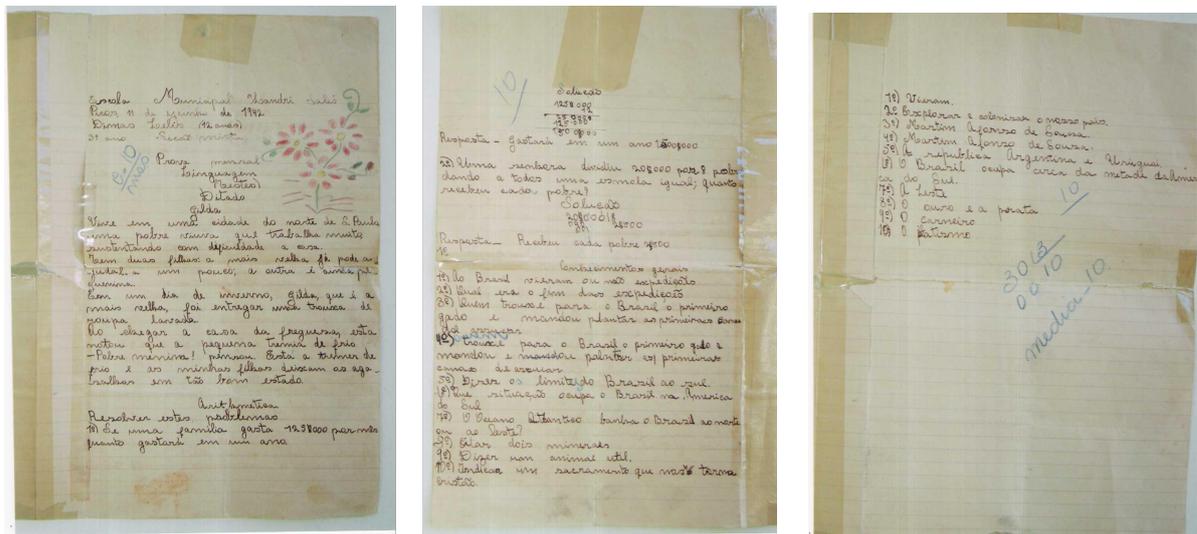


Figura 20: Avaliação do Landri Sales do aluno Dimas Lélis em 1942
Fonte: Arquivo particular Dimas Lélis

A análise da avaliação também constitui objeto da história da cultura escolar, servindo para recompor a trajetória das disciplinas escolares que, como aponta Dominique Julia (2001), está em plena expansão, por identificar as práticas de ensino e o núcleo da

constituição das disciplinas, buscando compreender o que ocorre no espaço da sala-de-aula, configurando uma espécie de “caixa preta” da escola.

A partir do exame do Livro de Compromissos da Prefeitura Municipal, em 1937, podemos perceber o processo de criação das escolas municipais, como a Lopes Filho. Esse acontecimento provavelmente se deu em virtude da ascensão do Estado Novo e da conseqüente subida ao poder de Adalberto de Moura Santos, que, naquele contexto, pode melhor responder aos anseios pela modernização da cidade e, de certa forma, responder às pressões do Governo estadual para que os municípios tivessem uma maior participação no campo educacional. Assim, na tabela apresentada abaixo, há uma verdadeira explosão de contratações no período de 1937 a 1945. As escolas foram espalhadas principalmente nas localidades Genipapo, Riachão, São Luiz, Bocaina, Baixio, Junco, Coroatá, Paquetá, Sussuapara, Genipapeiro, Ipueiras, Saco do Engano e Abóboras. Essas escolas funcionavam em regime multisseriado a exemplo da escola de Jenipapeiro, conforme Silva Neto (1985, p. 174):

Jenipapeiro conheceu sua primeira sala de aula mantida pelos cofres públicos, em 1935, cento e dezessete anos após o início de sua história. Era apenas uma turma multisseriada, com seus trinta a quarenta alunos. Maria Rodrigues dos Santos, D. Mariinha, foi nossa primeira professora pública. Com ela, eu e muitos de minha geração iniciamos as lides da inteligência.

Ainda sobre as escolas criadas durante a gestão de Antenor Neiva, o ex-aluno do Coelho Rodrigues, Eulálio (2005) relata:

Todos esses povoados tiveram escolas e a elas eram entregues os mais letrados nomes da localidade, sujeito que lia jornal pra todo mundo da localidade. Tinha um cidadão de nome Zezinho Bezerra, que era o homem mais letrado da região. Essas escolas que Dr. Antenor Neiva criou tinha só um professor e fazia reuniões com os pais e eles transferiam àquela população os conhecimentos básicos, o alfabeto e a leitura.

Também foram contratadas professoras para o Grupo Escolar Coelho Rodrigues (mantido pelo Estado) e para o Landri Sales. Há um silêncio intenso, pelo menos nos

documentos oficiais, sobre a história dessas escolas, uma vez que a Prefeitura Municipal não conservou documentos referente a nenhuma escola até 1978.

QUADRO 02: RELAÇÃO DE PROFESSORES CONTRATADOS DE 1936 A 1948

ANO	Nº DE PROF.	NOME	ESCOLA
22/05/1936	01	Adalgisa Nunes Barros	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
01/03/1937	04	Hilda Policarpo de Melo	Riachão
14/02/1937		Minervina Moura Leal	Baixio
05/05/1937		Antônia Raimunda Araújo	São Luís
04/09/1937		Delzuith Pessoa Rios	Genipapo
13/08/1938	12	Luisa Amélia Moura	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
04/07/1938		Joaquina Rosa Bezerra	São Luís
04/07/1938		Francisco de Sá e Silva	Riachão
01/07/1938		Maria Leal de Barros	Bocaina
04/07/1938		Maria do Carmo R. Leal	Sussuapara
21/07/1938		Maria Socorro Santos	Lopes Filho
01/07/1938		Maria de Jesus Santos	Coroatá
13/05/1938		João Antônio dos Santos	Paquetá
24/06/1938		Antonietta de Moura Araújo	Aroeira
01/07/1938		Maria Lourdes Santos	Coroatá
01/07/1938		Hilda Policarpo de Melo	Coroatá
25/08/1938		Quirino Pereira Nunes	Coroatá
17/07/1939	09	Antônia de Moura Varão	Paquetá
04/04/1939		Ângela de Maria Bezerra	Genipapo
09/08/1939		Antônio Raimundo Araújo	São Luís
25/08/1939		Aldery Maria Silva	Genipapo
06/05/1939		Dulcineia Libório Barros	Genipapo
16/02/1939		Benvinda Nunes Santos	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
20/05/1939		Minervina Moura Leal	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
01/06/1939		Maria Lourdes Santos	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
21/07/1939		Maria Dolores Moura Carvalho	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
01/02/1940	02	Josefa Maria J. Eulálio	Lopes Filho
29/03/1940		Julieta Martins Neiva	Genipapo
04/04/1941	07	Isabel de Moura Leal	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
01/02/1941		Luiza Amélia Maia	Landri Sales
30/08/1941		Adélia Rosa de Moura	Aroeira
10/05/1941		Estelita Rodrigues Araújo	Genipapo
01/07/1941		Antonietta Rodrigues Araújo	Abóboras
30/08/1941		Maria de Jesus R. Leitão	Abóboras
01/02/1941		Luísa Amélia Maia	Landri Sales
30/04/1942	10	Maria Rego	Saco do Engano
04/07/1942		Cleonice Leitão Oliveira	Landri Sales
08/05/1942		Hilda Stopeli	Ipueiras
25/02/1942		Maria de Lourdes Moura Santos	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
15/09/1942		Raimundo Leal de Barros	Bocaina

01/06/1942		Maria Dulce Carvalho	Genipapo
31/05/1943		Belarmina Sousa Santos	Coroatá
01/06/1943		Dulce Santos Eulálio	Landri Sales
01/03/1943		Magnólia Soares Oliveira	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
27/05/1943		Maria Nunes de Barros	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
11/04/1944	04	Maria de Sá Bezerra	Riachão
02/05/1944		Maria das Graças P. do Rego	Landri Sales
01/04/1944		Raimunda Matos Moura	Ipueiras
18/03/1944		Maria de Jesus Rocha Leitão	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
10/09/1945	04	Ana de Sousa Santos	Coroatá
02/07/1945		Draurita de Barros Nunes	Landri Sales
04/07/1945		Mariana Sousa Santos	Landri Sales
18/01/1945		Maria Laura de Brito Monteiro	Grupo escolar Coelho Rodrigues
01/07/1946	03	Alaíde Moura Leal	Ipueiras
02/09/1946		Maria Irene Nelson	Landri Sales
26/06/1946		Maria Cecília da Costa Reis	Grupo Escolar Coelho Rodrigues
18/03/1947	17	Antônia Matos Santos	Landri Sales
31/05/1947		Maria de Lourdes L. Oliveira	Landri Sales
31/05/1947		Francisca Moreira Brito	Landri Sales
03/06/1947		Maria de Lourdes Feitosa	Landri Sales
18/06/1947		Numeriano Gomes de Sá	Genipapo
29/07/1947		Isabel da Silva Leal	Coroatá
22/08/1947		Raimunda Macedo Brito	Sussuapara
02/10/1947		Manuel Oliveira Brito	Sussuapara
02/10/1947		Maria Ribeiro Batista	Genipapeiro
02/10/1947		João José Batista	São Luís
30/07/1937		Maria Rodrigues dos Santos	Genipapeiro
01/03/1947		Joaquim Hipólito de Sousa	Genipapeiro
04/10/1947		Manuel Luís Rodrigues	Genipapeiro
01/03/1947		Edite Rodrigues de Coima	Riachão
24/07/1947		Luzia Policarpo Bezerra	Riachão
25/07/1947		Nemésia Camila Bezerra	Riachão
29/07/1947		Maria de Moura Bezerra	Ipueiras
10/02/1948	3	Maria das Dores Lima	Riachão
05/03/1948		Maria dos Santos Rodrigues	Genipapeiro
01/03/1948		Maria de Lourdes Carvalho	Landri Sales

Fonte: Livro de Compromissos da Prefeitura Municipal de Picos (PI)

O quadro 2, mostra que o maior número de contratações de professores para o ensino municipal ocorreu no ano de 1947, totalizando 17 (dezesete) nomeações. O investimento no ensino municipal se limitou, no período, à manutenção da Escola Municipal Landri Sales e à contratação de professores para os povoados Riachão, Baixio, São Luís, Genipapo, Bocaina, Paquetá, Sussuapara, Coroatá, Aroeira, Genipapeiro, Ipueiras, Saco do

Engano e Abóboras. As contratações demonstram a consolidação da mulher no magistério que, nessa época, já estava totalmente feminizado, com a predominância de mulheres nas salas de aula. As aulas funcionavam em casas alugadas ou em residência dos alunos. Os professores, em sua maioria, eram leigos e dedicavam-se ao ensino das primeiras letras.

O pouco investimento do governo municipal de Picos para com a educação de seus municípios não era peculiaridade dessa cidade. Souza (1998) afirma que, em Campinas (SP), na década de 30, a participação do poder público municipal no ensino primário era muito pequena, por se conservar a idéia de que o ônus da instrução pública caberia ao governo estadual. No Piauí, desde 1922, época em que ocorreu o Congresso das Municipalidades, já se evidenciavam os acirramentos para decidir quem pagaria as despesas da instrução pública. Na mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmo. Governador João Luiz Ferreira em 01 de junho de 1922, ele relatou que o Congresso das Municipalidades apelava para a República e para o Estado para a criação e manutenção do ensino primário conforme as necessidades dos municípios. Isso demonstra a clara vontade dos municípios de não arcarem com as despesas da instrução pública, sob alegação de que estavam recém-saídos de um regime centralizador e que o alvorecer da República, com o seu regime democrático, ainda não tinha possibilitado a total ruptura dos municípios com os centros de administração, sendo que os seus dirigentes deixavam à margem vários setores primordiais, sendo um deles a educação.

Em virtude das carências evidenciadas no ensino municipal e de algumas dificuldades do ensino ministrado no Grupo Escolar e ainda em função da alta demanda da população por instrução, a elite econômica, influenciada pela promoção de ensino de qualidade e pela formação religiosa dos colégios da capital como o Diocesano e o Colégio das Irmãs, inicia a articulação da vinda das freiras para o município de Picos, a fim de educarem suas filhas com vistas não apenas aos aspectos didático pedagógicos, mas também à

modelação dos comportamentos, à valorização da religiosidade e à aprendizagem de prendas domésticas.

2.2 COLÉGIO DAS FREIRAS

Antes da fundação do Instituto Monsenhor Hipólito, existiram em Picos outras escolas de caráter privado como a de Miguel Lidiano, a de Mário Martins, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, destinadas ao ensino primário. A primeira escola de caráter confessional fundada em 1944 foi o “Colégio das Freiras”, como era comumente conhecido até o ano de 1972, quando ocorreu a unificação dos cursos primário e ginásial, passando então essa escola a ser denominada Instituto Monsenhor Hipólito.

Em 1943, encontrando-se enfermo no Hospital Getúlio Vargas, o Monsenhor João Hipólito³², acompanhado do seu sobrinho, o Reverendo Paulo Libório, manifestou às Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria³³ o desejo que ambos tinham de fundar um colégio religioso na cidade de Picos, terra natal do Monsenhor³⁴. Após a sua morte, o monsenhor Paulo Libório recorreu à madre geral, Irmã Maria de Jesus e a Dom Severino Vieira de Melo, pedindo freiras para instalar a escola em Picos. O pedido foi prontamente atendido. Assim telegrafou ao povo da cidade, avisando da vinda das freiras, como também pedindo ajuda para a instalação da escola, uma vez que o prédio para funcionamento havia sido doado pelo Monsenhor Hipólito, como herança. Necessitava-se de duzentos mil réis para sua reforma, por isso foi formada uma comissão composta de vários segmentos da sociedade com o objetivo de arrecadar o dinheiro. A comissão foi formada por Adalberto de Moura Santos (prefeito municipal), Hélio das Chagas Leitão (comerciante), Celso Maria Eulálio (comerciante), Cel.

³² Cônego honorário da catedral de Teresina e camareiro secreto do papa Pio XI, primogênito do coronel Carlos Hipólito Ferreira e de Isabel Maria da Conceição, nasceu em 16 de maio de 1880 na fazenda “Lagoa do rato”, atual cidade de Fronteiras (PI). Foi pároco de Picos em 1935 e faleceu no dia 17 de junho de 1943.

³³ A Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria foi fundada em 1916, em Macapá (PA), pelo padre Júlio Maria Lombardi.

³⁴ Em 1943, o local onde nascera o Monsenhor João Hipólito de Sousa Ferreira pertencia à cidade de Picos (PI).

Francisco de Sousa Santos, João de Moura Carvalho, Louzinho Monteiro, Mariquinha Stopelli (presidente associação de oração), Edith Alves Leopoldo, Benvinda Nunes Santos (professora).



Figura 21: Monsenhor João Hipólito Ferreira
Fonte: Revista Jubileu de Ouro (1994)

No dia 28 de julho de 1943, saíram de Teresina as primeiras freiras, que, após dois dias e meio de viagem, chegaram a Picos às 13h, sendo recebidas por Adalberto Santos, Celso Eulálio, Edith Leopoldo e Benvinda Nunes.

As primeiras a chegar foram Irmã Maria Adelaide³⁵, Irmã Maria Salvador, Irmã Maria Batista, Irmã Maria do Rosário, que, em sua companhia trouxeram cinco moças: Maria Ildete Carvalho, Maria Cristina Costa, Maria Borges da Silva, Alzira de Souza Saraiva e Maria da Conceição. As freiras recém-chegadas ficaram provisoriamente na casa de D. Mariquinha Libório, residência vizinha ao prédio ainda em reforma. O tempo livre era dispensado aos cursos de datilografia, bordado, corte e costura, culinária e catecismo. Nessa noite houve benção na Matriz, e as irmãs foram seguidas pela população, em procissão, até sua residência.

³⁵ Primeira superiora do Instituto Monsenhor Hipólito. Piauiense da antiga vila Marvão, não tinha tantos conhecimentos pedagógicos, pois sua experiência profissional era na saúde. Era exímia na arte de bordar e recitava poesias. Após a fundação do colégio, foi trabalhar no hospital psiquiátrico Areolino de Abreu, em Teresina.

Em 05 de março de 1944, às 15h, foi inaugurado o Colégio das Freiras, ocasião em que estavam presentes inúmeras pessoas, além das autoridades civis e religiosas, a comissão organizadora e o Monsenhor Paulo Libório. Discursaram o orador oficial, Hélio das Chagas Leitão, que apresentou traços biográficos de Monsenhor Hipólito e fez referências elogiosas ao Monsenhor Paulo Libório; a professora Benvinda Nunes Santos elogiou as crianças picoenses, falando em nome do corpo docente do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, sendo seguida da professora Luzia Maia e Silva, que se comprometeu em ajudar as irmãs. Finalizando a solenidade, a banda municipal promoveu a alegria a todos os presentes .

As primeiras atividades foram marcadas pela realização de dramas, que, segundo Duarte (1995, p.145), era uma prática da escola, embora não fosse possível ser realizada com muita frequência:

O colégio das freiras realizava horas de arte no seu auditório. Como o nome sugere, as horas de arte eram ocasiões em que se faziam apresentações de diversas manifestações da arte cênica: declamação de poemas, cânticos, ou encenação de dramas, tendo como protagonistas as alunas do colégio. Apesar de apreciadas e prestigiadas pela chamada “sociedade picoense” – que não se fosse por outro motivo, comparecia para aplaudir suas filhas – não era freqüente a realização de horas de arte, talvez pelas dificuldades que certamente havia para a formação do elenco e a realização dos ensaios no decorrer do ano letivo. Alguns dos dramas encenados tinham estes títulos: Espanha em sangue, José do Egito, Bandeira do Brasil.

Esses eventos tinham o intuito de arrecadar fundos e ajudar no sustento das irmãs.

Na revista Jubileu de Ouro vários comentários são apontados sobre os eventos realizados:

[...] porém de início realizavam-se vários dramas, o que deu apenas para pagar as despesas. Neste mesmo ano, em agosto, na festa do Coração Imaculado de Maria, as irmãs já celebraram a primeira comunhão de uma turma de alunos. A noite, Rosinha Eulálio promove leilões em benefício do Instituto, sendo concorrido e obtendo um total de CR\$ 1.140,00. Leilões e mais dramas foram realizados, tudo com dedicação, amor e bondade do povo picoense para que a obra pudesse se manter. (HISTÓRICO...,1994,p.05)

Os leilões e dramas realizados tinham como objetivo colaborar no sustento das irmãs e fundar o ensino primário, passando a ser, na opinião da população, o colégio que oferecia o

melhor ensino. Estudavam na escola as filhas da elite econômica, as quais pagavam mensalidade. No início, o regime foi de internato, não sendo possível precisar quanto tempo esse regime durou, devido a ausência de arquivo escolar relativo à época da fundação. Os homens não freqüentavam a escola nos primeiros anos da fundação, sendo admitidos somente a partir da criação do ginásio na escola, mas participavam dos cursos de datilografia oferecidos pelo colégio.

Como era comum a utilização de apelidos para os alunos das escolas, os que estudavam no “Colégio das Freiras” eram chamados de Chapéu de couro, devido às alunas utilizarem um chapéu com formato semelhante àqueles usados pelos vaqueiros. Em 1947, as irmãs fundam a Escola São José, para meninas carentes que estudavam na mesma sala das outras que podiam pagar a mensalidade. Esse tipo de serviço foi desativado anos mais tarde.



Figura 22: Primeiras alunas do “Colégio das Freiras”
Fonte: Revista Jubileu de Ouro (1994)

Assim se resumem as atividades do Instituto Monsenhor Hipólito na primeira década de sua fundação, conforme a revista Jubileu de Ouro:

I – Década 1944 - 1954

- . Catequese
- . Associação do Coração Imaculado de Maria
- . Criação da escola São José, para meninas pobres (1947)
- . Leilões e dramas em benefício do Instituto Monsenhor Hipólito (srta. Rosinha Eulálio)
- . Mês de São José (festivamente) diariamente benção do Santíssimo (com piedade e devoção)
- . Benção da imagem do Coração Imaculado de Maria (Pe. Francisco - junho de 1944)
- . Festa do Sagrado Coração de Jesus e Coração Imaculado de Maria (com santo ardor mariano)
- . Campanha do mês de outubro – A campanha do terço
- . Fundação da escola de corte e costura
- . 1ª. Vocacionada de Picos – Dulce Eulálio
- . Exposição dos trabalhos de corte e costura
- . Padre Madeira
- . Procissão (pelas ruas) com a imagem do Coração Imaculado de Maria
- . Fomos visitados por Dom Paulo Libório
- . Celebra vários dias na capela do Instituto Monsenhor Hipólito
- . Imagem do Coração de Jesus (CONHEÇA...,1994,p.18)

Podemos perceber que o papel desempenhado pelo Colégio das Freiras não era somente relativo à ação escolar. É notória a ação dessa instituição educativa na catequese dos moradores da cidade, nas missas, procissões, festas religiosas, campanhas de arrecadação de dinheiro para a igreja, o que caracterizava dessa maneira uma relação educativa muito aproximada com a igreja católica da cidade, extrapolando o âmbito escolar.

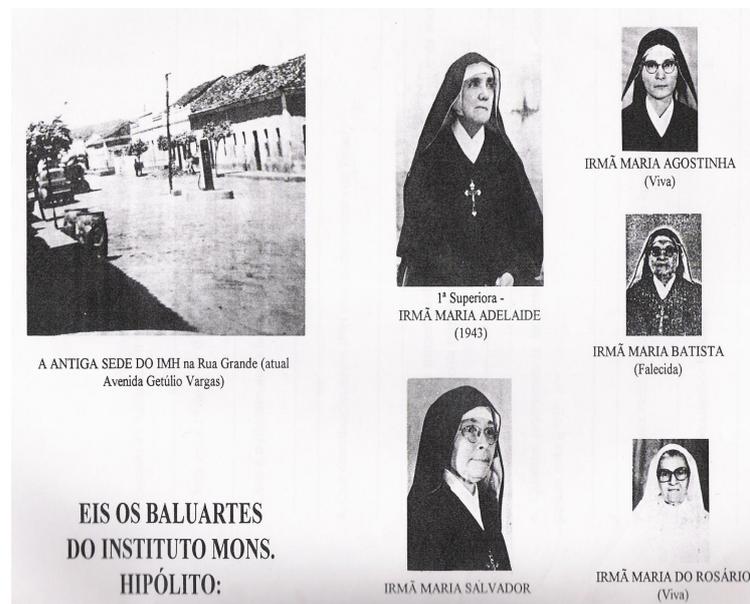


Figura 23: Fundadoras do Instituto Monsenhor Hipólito
Fonte: Revista Jubileu de Ouro 1994

A proposta educativa do colégio das freiras se baseia em ser “colégio de igreja, comprometido com a mensagem libertadora de Jesus Cristo, dando oportunidade a que cada educando possa tornar-se comunitário, crítico, criativo e liberto, capaz de engajar-se no mundo e transformá-lo” (PROPOSTA, 1994, p.02). Como escola católica, o Colégio das Freiras prosperou em Picos, educando as filhas da elite econômica e estendendo o seu ensino também a outras camadas da população. A procura pela matrícula na escola podemos atribuir, como Almeida (2004, p. 67), ao fato de que

esses colégios seriam determinantes nos rumos da educação feminina de elite. Resguardadas dos ventos da modernidade e das idéias emancipatórias, as famílias tradicionais mantiveram as jovens atreladas ao poder do catolicismo, que veiculava a mesma visão de mundo de sua classe social

Essa visão de mundo apregoada pelas escolas de igreja baseava-se na dedicação ao culto à Virgem Maria, nas missas regulares, bem como em atividades extracurriculares, como bordado ou corte e costura, o que leva à formação de uma mulher instruída no curso primário e com possibilidade de ascensão no mercado de trabalho, no entanto ainda ligada à religiosidade e às virtudes de mãe e esposa dedicada.

3 O GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE

A beleza física se esvai com o decorrer do tempo, e a riqueza material com os azares da fortuna, mas nem o fado nem a eternidade nos podem privar daquilo que efetivamente aprendemos. (Vidal de Freitas)

Até o ano de 1949, a cidade de Picos não possuía Ginásio. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a Escola Municipal Landri Sales, o Instituto Monsenhor Hipólito e os professores municipais espalhados em casas e escolas improvisadas, ensinando a ler, a escrever e a contar, constituía o panorama educacional da região. Quem desejasse ampliar os estudos ia para Teresina, Crato ou Floriano, como lembra Oscar Eulálio (2005):

Daqui foram colegas fazer o curso em Teresina no ginásio, fomos a cavalo, viagem que durou 27 dias. Descansávamos debaixo de uma tenda feita de couro de boi onde armávamos as redes uma ao lado da outra. Levávamos requeijão, rapadura, bode, carne de gado. Certa vez, tivemos que esperar oito dias pois o rio estava cheio e não tinha como passar. Passamos o mês de dezembro viajando saindo daqui dia 03 e chegamos lá dia 27 de dezembro de 1943.

Era uma viagem cansativa e dispendiosa mesmo para as famílias abastadas do município, que logo passariam a reivindicar a estruturação dessa modalidade de ensino na cidade.

Para entender o processo que desencadeou a fundação do ensino secundário picoense é necessária uma retrospectiva histórica desse nível de ensino no Brasil e no Estado do Piauí.

Durante o período do Brasil-colônia, a educação pragmática controlada pelo ensino dos jesuítas tornou o ensino secundário um grande campo de trabalho dessa ordem, sendo ministrado em colégios-seminário, colégios para estranhos à ordem e colégios mistos, com base na Ratio Studiorum e com dedicação maior dos inicianos. Categorizado como ensino das humanidades, durava sete anos, sendo sua certidão de conclusão exigida como matrícula na

Universidade de Coimbra. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, surge a escola leiga, com a introdução de novas matérias baseadas no ensino de ciências, típicas da revolução cultural do século XVIII. Para Nunes (2000), a política pombalina transformou o ensino secundário em aulas isoladas pelas províncias e o destinou à formação das elites ilustradas.

Com a vinda da família real em 1808, o ensino secundário tradicional continuava a ser ministrado em aulas isoladas espalhadas, sem planejamento, pelas províncias. Essa situação foi modificada com o Ato Adicional de 1834, que conferiu às províncias, o direito de legislar o primário e o secundário.

A criação do Colégio Pedro II, em 1837, marcou de fato o panorama do ensino secundário brasileiro devido a um programa gradual e integral de ensino, o qual funcionava da seguinte maneira, conforme Nunes (1999, p.70): “o curso, inicialmente de seis anos, abrangia língua nacional, latim, grego, francês, inglês, retórica, geografia, história, filosofia, história natural, física, química, matemática elementar e astronomia”.

Os exames preparatórios surgem a partir de 1851. Em 1870 o ensino secundário passa a ser resumido à condição de um pré-requisito para o ensino superior. Isso ocorreu porque o ensino secundário, de acordo com Nunes (1999, p.80), “por todo o império, quase resumiu o preparatório, objetivando habilitar o aluno para o ingresso nos cursos superiores.” Com a república, em 1889, e a constituição de 1891, que legou aos estados a obrigatoriedade com o ensino primário, ficando o governo federal com responsabilidades sobre o ensino secundário e superior ocorreu o processo de expansão do ensino secundário. Conforme Azevedo (1996, p.714), “na carta de 91 [...] estimulava o desenvolvimento quantitativo das escolas secundárias, para atenderem ao número crescente de candidatos às escolas destinadas à preparação para as profissões liberais”.

O Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, criado em 1890 por Benjamim Constant, transformou o Colégio Pedro II em Ginásio Nacional, sendo padrão para todo o

ensino secundário no país. O ensino ministrado no Colégio Pedro II era considerado um ensino de qualidade junto às elites. Desde então o ensino secundário brasileiro passou por diversas reformas: Regulamento do Ginásio Nacional de, 1898; a Reforma Rivadávia Correia, de 1911; Lei Maximiliano, de 1915; a Reforma Rocha Vaz, de 1925; Reforma Francisco Campos, de 1931; e a Reforma Capanema, de 1942³⁶, que é a que interessa para este trabalho, uma vez que esta lei subsidiou a implantação do Ginásio Estadual Picoense. A reforma Capanema determinou como função do ensino secundário:

Formador dos adolescentes, oferecer uma sólida cultura geral, apoiada sobre as humanidades antigas e modernas, com o objetivo de preparar as individualidades condutoras, isto é, os homens que assumiriam maiores responsabilidades dentro da sociedade e da nação, portadores de concepções que seriam infundidas no povo. (NUNES, 2000, p.40)

A afirmação mostra que, nas primeiras quatro décadas da República, o ensino secundário formava as elites, dando continuidade à seletividade através do exame de admissão, procedimento que deixava à margem muitos daqueles que objetivavam a ampliação dos estudos. Outro aspecto observado é que a preocupação do ensino secundário era formar o educando para atuação nas classes dirigentes da nação. Esse panorama educacional do ensino secundário perdurou até a votação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961.

3.1 CENÁRIO DA CIDADE À FUNDAÇÃO DO GINÁSIO ESTADUAL PICOENSE

Picos (PI) era um pequeno núcleo urbano. O Rio Guaribas (ainda perene) tinha relevante papel para a vida e para a economia da cidade (culturas de vazantes, lavadeiras e banhos nos animais). A cidade possuía uma agência bancária do Banco do Brasil (inaugurada

³⁶ Essa reforma reestruturou o ensino secundário num primeiro ciclo, chamado de Ginásio (secundário, industrial, comercial e agrícola) e num segundo ciclo subdividido em Clássico e Científico.

em 1944), a luz elétrica era gerada por uma caldeira de vapor de 36HP, funcionando de 18 às 21 horas (inaugurada em 1929 pelo coronel Francisco Santos); uma rádio difusora (inaugurada em 1942), que tinha seus amplificadores espalhados pela cidade; a feira livre que acontecia aos sábados com vários produtos da região, e dois cinemas (Cine Ideal e o Cine Guarani). O lazer era, como mostra Duarte (1995, p.77),

à noite as conversas nas calçadas, os bares, o passeio na praça, as tertúlias, as brincadeiras de rua, nos domingos as visitas familiares, a caça, a pesca, a praça, os bares, os matinais nos clubes e os desportos, que competiam com as sessões de cinema.

Obras e fatos marcantes aconteceram na cidade nesse período, como a construção da nova matriz da igreja católica, a construção da ponte sobre o rio Guaribas (devido à construção da BR -316), inauguração da sorveteria Ideal (local de prestígio e sucesso), visita do Brigadeiro Eduardo Gomes (em agosto de 1950). Existia uma única livraria de propriedade do Sr. Lourenço Campos (poeta) e revistas de circulação nacional (O cruzeiro, Alterosa e outras) eram lidas na cidade.

No espaço educacional, existia o Grupo Escolar Coelho Rodrigues (mantido pelo Estado), o Landri Sales (mantido pelo município) e o Colégio das Irmãs (Instituto Monsenhor Hipólito), de caráter privado.

Foi nesse cenário que surgiu a necessidade da fundação de um Ginásio na cidade, o que representava um anseio dos jovens egressos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, os quais desejavam a continuidade dos estudos, ascensão social e maior prestígio. Era uma forma de se chegar ao ensino superior. A procura pelo ensino secundário na região se deu em função também das modificações que vinham ocorrendo no país desde 1930, com o crescimento da população, o deslocamento da população rural para as zonas urbanas e as exigências de maior escolarização devido ao crescente processo de urbanização.

No Piauí, conforme a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nº. 17 de 1945, o quadro do ensino secundário era este:

Colégio Estadual do Piauí, Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, Ginásio Sagrado Coração de Jesus, Ginásio Municipal São Francisco de Sales e Ginásio Leão XIII todos em Teresina (PI); Ginásio Santa Teresinha de Jesus, em Floriano (PI); Ginásio Nossa Senhora das Graças, Ginásio Parnaibano e Ginásio São Luís Gonzaga, todos em Parnaíba (PI). (ENSINO...,1945,p.283)

Os dados apontam a existência do ensino secundário no Estado em três municípios. Podemos atribuir o fato de Floriano e Parnaíba ministrarem essa modalidade de ensino antes de Picos ao isolamento desta última cidade, como mostra a Revista Foco:

Por ser percorrida por três rios de vazão irregular, ela não tinha acesso permanente ao eixo econômico do Piauí, no caso o rio Parnaíba. Só a partir de 1953, é que a região foi realmente ligada aos grandes mercados nordestinos através da estrada federal. (CRESCIMENTO...,2001, p.8)

Os Ginásios até então se configuravam em um tipo de escola vinculada a centros populacionais urbanizados e desenvolvidos, implicando sua criação um reconhecimento do status de cidade no Estado, fato antes marcado pela criação de Grupos Escolares.

3.2 A FUNDAÇÃO: SONHO, NÃO. REALIDADE!

Segundo Dimas Lélis (2004), ex-aluno do Ginásio Estadual Picoense, teria o prefeito da época, Celso Eulálio³⁷, feito a seguinte pergunta ao juiz José Vidal de Freitas: "O que faço para minha administração nunca ser esquecida?" Logo veio a resposta: "Crie um Ginásio para a mocidade picoense". Dessa forma, Celso Eulálio empreendeu várias visitas à capital em

³⁷ Prefeito municipal, udenista, no período de 1948 a 1951.

busca da criação do Ginásio, como noticia o jornal O Piauí, de quinta feira, 25 de agosto de 1949.

Prefeito Celso Eulálio

Procedente da progressista cidade de Picos, encontra-se nesta capital nosso amigo e distinto correligionário Prefeito Celso Eulálio que para aqui se dirigiu a fim de tratar de interesses de seu próspero município.

Ao distinto itinerante, que é um dos políticos de maior prestígio do estado e que nos deu o prazer de uma visita, apresentamos votos de boas vindas e profícua estada (PREFEITO, 1949)



Figura 24: Prefeito Celso Eulálio

Fonte: Museu Ozildo Albano

Outra matéria no mesmo jornal já noticia os motivos que levaram o Prefeito Celso à capital:

GINÁSIO PICOENSE SUA PRÓXIMA INSTALAÇÃO

O povo picoense, tendo a frente o dinâmico Celso Eulálio, está vivamente empenhado no louvável propósito de levar a efeito no principio do ano vindouro a instalação do Ginásio Picoense, aspiração máxima daquele grande povo.

Para isso quando da estadia do ilustre chefe do executivo municipal picoense nesta capital foi lavrando um acordo entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Picos, transferindo o Governo Estadual àquela Prefeitura de acordo com o que estabelece a constituição estadual os poderes que lhes foram conferidos para criação e instalação daquele estabelecimento de ensino secundário, na terra de Coelho Rodrigues por não estar em condições de fazê-lo no momento. (GINÁSIO, 1949)

A matéria do jornal também se referia ao entusiasmo do povo picoense, exaltando o chefe do poder executivo municipal, ao mesmo tempo que informava sobre a formação de

uma comissão central composta por membros da comunidade picoense, como o Dr. Fonseca. Essa comissão ficou sob a presidência do prefeito Celso Eulálio e tinha como objetivo arrecadar fundos para o funcionamento do Ginásio. Como se vê, o governo do Estado, representado por José da Rocha Furtado³⁸, se empenhou apenas na autorização e funcionamento regular do Ginásio, alegando falta de recursos financeiros no Departamento de Educação fato que não difere do modelo de interiorização desse nível de ensino em Parnaíba e Floriano ainda na década de 20, que resultou da ação dos governos municipais e de membros da própria comunidade.

Olímpio (1993, p. 32) apresenta a seguinte explicação para a falta de investimento do governo Rocha Furtado em educação:

Essa situação era fruto da intransigência da maioria dos deputados, de filiação pedessista, que fazia oposição a Rocha Furtado e relutava em aprovar qualquer suplementação de verba para o Departamento de Educação, enquanto o governo não atualizasse o pagamento de seus subsídios, em atraso há algum tempo.

A implantação do Ginásio Picoense implicou em muitas brigas políticas entre os partidos e grupos dominantes da política municipal: a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático), ambos fundados em 1945, quando, segundo Bueno (2002, p. 344), “Vargas se viu forçado a baixar a guarda e, no dia 28 de fevereiro, assinou o Ato Adicional n. 9, fixando o prazo de 90 dias para a realização das eleições”. No Piauí, a UDN, contrária ao regime getulista tinha, um órgão de notícias intitulado “O Piauí”, que basicamente enaltecia os feitos udenistas e decrescia a ação do PSD. A briga relativa à implantação do Ginásio ocorreu entre os partidos e líderes políticos em função da repercussão na comunidade da idéia de criação dessa escola.

³⁸ Nasceu em União, em 24 de fevereiro de 1909. Concluiu o curso de medicina em 1932 e assumiu o governo do estado em 1945, após a ditadura Vargas. Era udenista.

Como fundar um Ginásio em Picos seria uma obra audaciosa e de cunho importante diante do anseio da comunidade, os deputados Alberto Monteiro e João de Moura Santos, ambos do PSD, chegaram a votar contra na Assembléia Legislativa para que tal ato não favorecesse os deputados Antenor Neiva e Hélio das Chagas Leitão (UDN)³⁹. Este último concedeu entrevista ao Jornal Piauí sobre esses acontecimentos:

Já foi dada a autorização pelo Ministério da Educação para realização dos exames de admissão que se realizarão nos dias 06 e 07 de março vindouro. Com esse grande empreendimento o povo da minha terra vê coroado de êxito o seu velho sonho. No começo advertido por amigos de que certos elementos trabalhavam contra o Ginásio não queria acreditar, confesso pois não costumo atribuir aos outros aquilo que em qualquer circunstância jamais faria. Os fatos, contudo se encarregaram das provas. Senão, vejamos : - quando saiu uma comissão formada de elementos de destaque na sociedade local (udenistas e pedessista), angariando contribuições para o ginásio, somente não contribuíram na cidade o chefe pedessista Chico Santos, seus filhos João de Moura (deputado) e Valdemar Santos (candidato ao PSD a Prefeito, derrotado nas últimas eleições e seu genro Hercílio Rocha (gerente do Banco do Brasil). Com exceção destes cidadãos, os demais membros da comuna picoense contribuíram e deram o seu apelo metal. Mas não ficou só nisso, eles próprios se encarregaram de comprovar que era verdade o que se dizia a boca pequena, tanto assim que quando recebemos a notícia de que o ministério havia dado a autorização para o exame de admissão, houve uma festa de regozijo da população sem distinção política. Só não compareceram esses cidadãos, ainda não permitindo que membros da família participassem do justo regozijo do povo. (LEITÃO, 1950,p.01)

A implantação do Ginásio passa a ser uma luta de caráter pessoal do prefeito Celso Eulálio, que, em discurso na Câmara Municipal, se comprometeu em manter o Ginásio com o dinheiro da prefeitura e até mesmo do seu próprio bolso. Essa luta tinha como aliada a pressão e a contribuição da comunidade picoense, que se mobilizava para arrecadação de fundos pecuniários destinados à implantação do Ginásio.

Assim, o governador José da Rocha Furtado autoriza, em 1949, o funcionamento do Ginásio Estadual Picoense. Segundo Macedo (1987), “o nosso Ginásio foi criado aos esforços dos deputados Antenor Neiva e Hélio Leitão. Sua instalação deve-se à vontade férrea do Prefeito Celso Eulálio. Mas o seu funcionamento é mérito do Professor Vidal”.

³⁹ Deputado pela UDN em 1946. Foi aluno do Felisberto de Carvalho, em Picos (PI). Nasceu em 08 de agosto de 1914. Faleceu em 28 de setembro de 1976.

A reunião inaugural do Ginásio Estadual Picoense ocorreu no dia 09 de março de 1950, como consta no Livro de atas I, do Ginásio:

Às nove horas da manhã do dia acima citado reuniram-se, sob a presidência do Governador do Estado José da Rocha Furtado, Matias Olímpio de Melo, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, Agenor Barbosa de Almeida, Agenor Portela Veloso, Hélio das Chagas Leitão, Demerval Veras, Gumercindo Saraiva Ribeiro, Celso Eulálio, José de Sousa Granja, Antenor Neiva e Vidal de Freitas. Realizou-se a inauguração do Ginásio Estadual Picoense, no prédio destinado ao seu funcionamento na Praça da Bandeira (Grupo Escolar Coelho Rodrigues), sendo orador oficial o Juiz Vidal de Freitas, logo em seguida o Governador do Estado fez um apelo “a criação do Ginásio pertence ao povo de Picos e representa terreno neutro, não serve a influência dos interesses de ninguém”. Foi oferecido à noite um grande baile ao Governador do Estado e às delegações de udenistas de Pio IX e Fronteiras.

A afirmação do governador teria sido em função das disputas criadas pelos deputados e prefeito em torno do mérito da criação do Ginásio, uma vez que este feito traria de alguma forma dividendos políticos para os seus realizadores. Inicialmente, a sede do Ginásio foi no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que, embora já desse naquele período claros indícios de decadência com um prédio necessitando de reformas, não prejudicou a aura de glória que cobria a fundação do Ginásio, uma vez que, para a população, não importava onde funcionasse a instituição, pois o seu caráter de relevância não se perdia em função da falta de uma sede ou do estado do local de seu funcionamento. Picos agora tinha o Ginásio, e isso representava uma conquista importante no conjunto das cidades piauienses.

3.3 PASSEI NO EXAME DE ADMISSÃO!

Para a efetivação da matrícula no Ginásio Estadual Picoense, era necessário passar no exame de admissão promovido em todos os Ginásios do País. Passar no exame de admissão era algo marcante para os alunos, como também para os seus pais, já que a aprovação representava a transição para um outro nível de vida escolar. Para isso muitos

alunos estudavam nos cursos preparatórios, uma espécie de cursinho pré-vestibular de hoje, onde quem ministrava as aulas eram velhas professoras primárias conhecidas e renomadas na cidade. No caso específico de Picos, existia também o Instituto Rui Barbosa, de propriedade do professor e juiz de Direito José Vidal de Freitas. O livro utilizado era o “Exame de admissão para os Ginásios”, organizado pelos professores Raja Gabaglia e João Ribeiro do Colégio Pedro II, e editado pela Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro.

O livro seguia o programa oficial para os Exames de Admissão. As disciplinas cujos conteúdos eram avaliados eram Português, Matemática, Geografia e História do Brasil

O exame de admissão era regulamentado pela Lei Orgânica de 1942, no Art. 34. Os exames poderiam ser realizados em duas épocas: uma em dezembro e outra em fevereiro, sendo que a matrícula no curso ginásial só poderia ser efetivada com a aprovação no exame de admissão. Caso o candidato não fosse aprovado num exame num estabelecimento de ensino secundário, não poderia repeti-lo em outro na mesma época. A história da educação deixou muitas vezes à margem o exame de admissão, como confirma Graça (2002, p. 76):

A história da educação brasileira não tem dado atenção ao exame de admissão que foi, por algumas décadas, muito mais que uma linha divisória entre a escola primária e a escola secundária. Inscreveu-se na memória dos estudantes como uma passagem cercada de significados e simbolismos, trazendo uma carga de sentimentos e emoções conflitivas para os jovens espíritos ainda despreparados para enfrentar frustrações e desesperanças.

O exame constava de uma prova escrita e de uma prova oral (com tema sorteado na hora), prestada diante da banca examinadora composta por professores do Ginásio.

A apreensão dos alunos diante do resultado do exame de admissão era uma constante, pois nem sempre se obtinha a aprovação, produzindo frustração nos que viam adiado o desejo de se tornar aluno do Ginásio. Essa apreensão demonstrava o quanto o exame de admissão era seletista, pois era um instrumento que garantia o ingresso daqueles

que tiveram o ensino primário eficiente ou puderam pagar pelas aulas particulares de cursos preparatórios, ou seja, a maioria dos que eram aprovados pertenciam à elite, já que, no período, nem todas as camadas da população poderiam arcar com tais despesas, além de implicar manter um jovem por quatro anos com dedicação apenas para aos estudos. A aprovação no exame de admissão possibilitava a continuidade dos estudos e o sonho do ingresso na universidade, após a conclusão do Colegial.

30-09-1929
Data do Nascimento

Dimas Leopoldo Lélis
Nome do Aluno

Picos
Cidade

Piauí
Estado

Eustáquio Lélis de Carvalho
Nome do Pai

Laurentina Leopoldo Lélis
Nome da Mãe

EXAME DE ADMISSÃO
Ginásio Estadual Picoense
Estabelecimento que expediu o certificado

Picos
Cidade

Piauí
Estado

RESULTADOS:

Português . . . 8	Aritimética . . 9
Geografia . . . 8	História 9
Média Geral . 8,2	Data 15-3-1950

Modelo -18

Figura 25: Resultado do Exame de admissão
Fonte: Arquivo Particular de Dimas Lélis

Para Magalhães (2004), os dados dos alunos, desde recrutamento, admissão, inscrição, produção escrita ou oral são importantíssimas para a história da instituição educativa. Os alunos que passaram no primeiro exame de admissão e conseqüentemente matricularam-se na primeira turma do Ginásio foram os seguintes: Alfredo Leopoldo Albano, Dagoberto de Araújo Rocha, Dimas Leopoldo Lélis, Francisco Nascimento Rocha, José Albano de Macedo, José Bezerra Rodrigues, José Borges de Moura, José de carvalho Sá, José

Neiva Martins, Lourenço João de Carvalho, Luís de Alencar Bezerra, Mário Marreiros de Araújo, Raimundo de Carvalho Sá, Sebastião Batista de Carvalho, Solimar Leopoldino Dantas, Walmir Leal de Barros, Amanda Ferreira Dantas, Elza de Deus Ferreira, Expedita Alves Costa, Helenita Rodrigues dos Santos, Isabel de Carvalho Sá, Luísa Dalva Varão, Luísa Marlene G. Eulálio, Maria Aleluia Romana de Holanda, Maria Aldery L. Albano, Maria Antonieta N. Martins, Maria do amparo L. Vieira., Maria Barbosa do Espírito Santo, Maria do Carmo Muniz Leopoldo, Maria do Carmo Pereira Cardoso, Maria Yedda Gervásio Leitão, Maria de Jesus Carvalho, Maria de Lourdes Carvalho, Maria Luísa de Deus Ferreira, Maria de Lourdes R. Santos, Maria Maggi M. Rufino, Maria Morena Monteiro, Maria Nair Feitosa Oliveira, Maria do Socorro F. Dantas Maria Salete P. Leal, Maria Teresinha M. Santos, Raimunda de Araújo Moura, Verbena Neiva Eulálio e João Washington M. Magalhães.

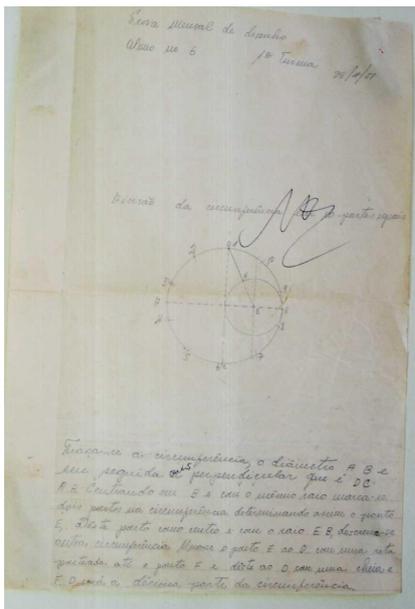
Esses alunos eram egressos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, Landri Sales e do Colégio das Freiras. Eram filhos da classe média da cidade, com pais comerciantes, embora estudassem naquela escola filhos da elite, como por exemplo, Verbena Eulálio, que era filha do prefeito da cidade. Dezesete homens e vinte e seis mulheres aprovados na primeira série ginásial estudaram em classes separadas, sendo unificados em uma sala mista a partir da segunda série ginásial.

3.4 O DESPERTAR DA MOCIDADE: OS GINASIANOS

A matrícula no Ginásio Picoense era efetuada pelo candidato que tivesse pelo menos onze anos completos ou por completar até o dia 30 de junho tivesse recebido satisfatória educação primária e revelado, em exames de admissão, aptidão intelectual para os estudos secundários.

Cada aluno possuía uma caderneta que representava um documento de registro de notas, em que se lançava o histórico de sua vida escolar, desde o ingresso, com os exames de

admissão, até a conclusão, com a expedição do devido certificado. A lei orgânica de 1942, no artigo 42 , § 2º, decretava, em relação à avaliação, que “os alunos deverão ser conduzidos não apenas à aquisição de conhecimentos, mas à maturidade de espírito pela formação do hábito e da capacidade de pensar”. Mensalmente era dada ao aluno uma nota em cada disciplina. Por falta de comparecimento, era-lhe atribuída a nota zero. Os trabalhos complementares eram realizados com o fim de desenvolver a camaradagem e a sociabilidade, além do gosto desportivo, artístico e literário.



NOME DO ESTABELECIMENTO		1.º CICLO														
Picos		Rio de Janeiro														
Cidade		Estado														
		LATIM	Português	Matemática	Inglês	História Geral	Ciências Biológicas	História do Brasil	Geografia	Francês	Instituições e Ciências	Desenho	Música	Atividades Complementares	Conto	Nota Global
1.ª SÉRIE		738,179	-	-	62	-	80	90	-	84	99	69	79			
Ginásio Estadual Picoense		1950		Alberto Nunes												
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Diretor												
2.ª SÉRIE		758,468	86	-	-	89	81	81	-	97	97	82	84			
Ginásio Estadual Picoense		1951		Alberto Nunes												
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Diretor												
3.ª SÉRIE		779,487	89	97	88	-	94	76	-	100	-	89	86			
Ginásio Estadual Picoense		1952		Antonio Marques												
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Diretor												
4.ª SÉRIE		88	87	94	86	67	86	79	67	87	-	46	-	45	75	
Ginásio Estadual Picoense		1953		Antonio Marques												
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Diretor												
Adelema Maua Leopoldo Lelis				Luiz Gerson de Souza												
Secretária				Diretor												

Figura 26: Avaliação de Geometria e histórico escolar do Ginásio Estadual Picoense
 Fonte: Arquivo Particular Dimas Lélis

O aluno, após o ingresso no Ginásio, era submetido a dois tipos de exames: de suficiência, que consistia, para cada disciplina, de duas provas parciais e uma prova final (uma em junho e outra em outubro, perante o professor da disciplina) . A prova final era oral, exceto a de trabalhos manuais e canto orfeônico. O critério para promoção nessas provas era composto dos seguintes itens: a) no conjunto das disciplinas, obter 5 como nota global e, b) obter, em cada disciplina, a nota 4.

O exame de licença ginásial era realizado ao final dos estudos do primeiro ciclo, compreendendo as disciplinas Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil e Desenho. Também se constituía de uma prova oral e uma escrita. Em 1946, através do decreto-lei no. 9.303 de 27 de maio o exame de licença é suprimido, sendo que a habilitação seria concedida apenas com o exame de suficiência, sob a seguinte alegação:

Considerando que os exames de licença ginásial e de licença colegial previstos no capítulo XV do decreto-lei número 4244, de 09 de abril de 1942 (lei orgânica do ensino secundário), constituindo embora medida de alto valor comprobatório da conclusão dos estudos secundários do primeiro como do segundo ciclo, não foram até hoje realizados em face de dificuldades de ordem vária, decorrentes da condição atuais do sistema educacional do país, considerando que a inaplicabilidade do sistema parece evidenciada pela revogação anual e sistemática dos exames, desde a vigência da citada lei. (REVISTA Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1946, p.400)



Figura 27: Alunas do Ginásio
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 28: Alunos do Ginásio.
Fonte: Museu Ozildo Albano

Outro aspecto observado era o fardamento dos alunos do Ginásio. Como mostram as fotografias para as meninas, blusa branca de mangas compridas com punhos, saia azul-marinho, bem pregueada, usada abaixo do joelho e botinhas com meias. Para os meninos camisa de manga comprida com dois bolsos na frente e calça de cor cáqui. Os momentos registrados evidenciam o orgulho de desfilar com suas fardas lindas e únicas na cidade, sendo esse um momento marcante na vida dos adolescentes. Farda limpa, bem engomada era completada pelos cabelos penteados, usados pelas meninas na altura do pescoço, segundo Graça (2002), num intuito de imitar as estrelas do cinema americano, uma delas mais famosa, Doris Day. Os meninos usavam a “meia-cabeleireira”, moda dos anos 50, numa imitação dos playboys lambreteiros.

Os ginasianos ficaram conhecidos pelo espírito de irreverência e revolução o qual muitos alunos atribuíam ao professor e diretor que tanto admiravam, o juiz Vidal de Freitas. A primeira iniciativa que tiveram foi fundar um grêmio estudantil intitulado de “Da Costa e Silva⁴⁰”. Ao que tudo indica, essa foi a primeira associação de alunos de estabelecimentos

⁴⁰ Poeta piauiense, nasceu em 23 de novembro de 1885 em Amarante. Em 1901 publica os primeiros versos na Revista do Grêmio Literário Amarantino. Publicou várias obras, como Sangue, Zodíaco, Pandora, Verônica, Antologia. Morreu em 29 de junho de 1950.

escolares de Picos, sendo prática comum nos Ginásios espalhados pelo país, como mostra Amaral (1999, p.143)

As atividades políticas e culturais do grêmio de estudantes foram reconhecidamente marcantes na vida da cidade nas décadas de 40, 50 e 60, período em que o Brasil viveu um processo de democracia e intenso populismo. Os alunos neste período, organizados pelo grêmio, manifestavam-se através dos festivais de gatos pelados, de passeatas, que realizavam pela cidade, e de jornais e revistas literárias.

O Grêmio Da Costa e Silva era assim composto: Presidente – José Albano de Macedo, Vice-Presidente – Maria do Carmo Muniz Leopoldo, 1º. Secretário – Alfredo Albano, 2º. Secretário – Helenita Santos, 1º. Tesoureiro – Dimas Lélis, 2º. Tesoureiro – Socorro Dantas, Orador – Albertino Barros, Bibliotecário – José Rafael Filho. O Grêmio Da Costa e Silva realizava várias atividades, como bailes, saraus de poesias, dramatizações e concurso de miss, talvez inspirado nos concursos de belezas realizados por todo país, os quais todos os anos elegiam misses e rainhas.

José Albano de Macedo ou Ozildo Albano⁴¹ era o líder dos alunos, mobilizador e muito ligado ao professor Vidal de Freitas. Alfabetizado no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, ingressou no Seminário Sagrado Coração de Jesus em 1946. Em 1949, retornou a Picos para prestar exame de admissão.



Figura 29: Ozildo Albano
Fonte: Museu Ozildo Albano

⁴¹ Nasceu no dia 20 de novembro de 1930, filho de Manoel Albano da Silva e Neomísia Macedo Albano. Foi juiz de Direito da comarca de Jaicós, professor e Secretário de Cultura em Picos. Fundador do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, que atualmente têm o seu nome, faleceu em 05 de junho de 1989.

Ozildo Albano era considerado um ávido leitor e incentivador de leituras aos colegas. Através dos correios pedia livros de autores como, Alexandre Dumas e José de Alencar. Os temas religiosos também eram de seu interesse devido a sua passagem pelo seminário e ao fato de ser católico fervoroso. Na coluna Vultos e Verdades do Jornal Tribuna de Picos Mundica Fontes (1994) narra sua trajetória como aluno:

Como ginásiano destacou-se pela inteligência e habilidade de liderar movimentos estudantis, conseguindo fundar um Grêmio, em parceria com outros colegas. Todo o seu intelecto era voltado para as inovações culturais de Picos. [...] Após a conclusão do ginásio em 1953, Transferiu-se para Fortaleza para prosseguir seus estudos. Ingressou no famoso Liceu do Ceará, sempre amante dos livros, consegue aprovação no vestibular para o Curso de Direito na Universidade Federal do Ceará.[...] A vida de Ozildo Albano não se restringe só à sua trajetória estudantil. Todo o seu potencial humano e intelectual fora voltado para as raízes de sua terra e de sua gente. Como pessoa culta mas de tamanha humildade, soube fazer laços efetivos e cultivar o amor à sua cidade natal. Ozildo conseguiu arquivar a história de Picos na forma mais criativa e bem mais ilustradora, edificando um patrimônio de incalculável valor – o museu.[...] Foram muitos anos de pesquisa e coleta de dados desde a sua vida estudantil.

Todos que relembram o Ginásio, nas suas memórias não deixam de citar Ozildo Albano, tido como culto e humilde, sendo que, à semelhança de Vidal de Freitas, é chamado muitas vezes de “baluarte”. Para outros é guardião da história picoense, uma vez que, desde a sua época de ginásiano, começou a reunir vários objetos e acervos da história de Picos, o que se tornou posteriormente um museu, que hoje tem o seu nome.

Como o Ginásio nasceu entrelaçado numa briga política entre a UDN e o PSD, após sua implantação, não seria diferente. Ocorria era que os alunos não ficavam parados diante das decisões tomadas pelo inspetor de ensino, mostrando-se eles participativos em movimentos reivindicatórios pela garantia dos seus direitos individuais, como conta Olívia Rufino (2005), aluna da 2ª. turma do Ginásio:

[...] findamos fazendo um protesto na Praça em plena década de 50, um protesto estudantil das maiores proporções e com objetivo definido, o ginásio foi inteiro (só eram duas turmas) fizemos um enterro. A nossa briga não era exatamente com o Alberto Nunes, que deixou de assinar o diploma por falta de pagamento, uma taxinha de nada, mas tinha gente que não podia e Celso Eulálio estabeleceu uma taxa

pequenina para ajudar nos papéis, que ele sustentava os professores. Nós alunos pagávamos uma taxa mas tinha gente que nem isso. Afinal, nossa briga era contra o sistema do coronelismo que mandava o inspetor não assinar. Se dependesse só dele, ele assinaria.

O protesto que a aluna relata se refere ao fato de o inspetor Alberto Nunes⁴² se negar a assinar as provas parciais. O Padre David Ângelo Leal conta o episódio no *Jornal dos Bairros*.

Lembro-me de um episódio de sua vida que muito o magoou⁴³. Foi uma verdadeira prova de fogo para sua dignidade de homem público. Funcionário Federal nesta cidade foi pelas autoridades do ensino designado para fiscalizar as aplicações de provas no ginásio de Picos. Uma vez que não podia fazer-se presente por ocasião dessas provas ele confiando no diretor e professores daquele estabelecimento, rubricara com antecedência as folhas oficiais das referidas provas. Sentindo que estava sendo enganado, reagiu decididamente recusando-se a assinar tais folhas. Este fato acarretou-lhe sérios dissabores. Foi ele insultado, humilhado. Os alunos do ginásio movimentaram a cidade fizeram programas de protesto numa amplificadora que funcionava na Praça Félix Pacheco, na chamada esquina ideal tachando o professor, o jornalista, o poeta Alberto Nunes de analfabeto entre outras coisas. Não satisfeitos encenaram o seu enterro simbólico. Fizeram um caixão cobriram-no de pano preto e de tarjas saíram pelas ruas, uma cruz à frente. Uma aluna vestida de viúva carpia perto do caixão. Os outros abraçados cada um com cada uma, chorando alto. Encontrando-me com o tal cortejo eu protestei fortemente contra a profanação da cruz levada num motim de estudantes. E pedi que a retirassem. O diretor do Ginásio, ou não quis ou não soube ou não pode evitar aquele drama nunca dantes visto nem depois na história desta boa e pacata e cristã cidade de Picos. Apreensivo, dirigi-me para casa de Alberto Nunes, então na hoje chamada Avenida Francisco Santos [...] Encontramo-lo calmo corajosamente tranqüilo, aconselhamo-lhe que fechasse porta e janelas da casa, receosos do que fariam os manifestantes que por ali passassem. Felizmente não houve nada contra ele. Deixaram, apenas nos batentes da porta e das janelas as velas acesas chorando lágrimas de cera, triste epílogo daquela encenação que bem merecia lágrimas de verdade. (LEAL,2002,p.04)

O fato descrito pelo Padre David teve como líder o presidente do Grêmio, Ozildo Albano, que reuniu os alunos e foram até a praça. Quanto ao fato de o diretor do Ginásio saber ou não do movimento, o aluno Lélis (2004) diz que “perguntamos ao Dr. Vidal se deveríamos ou não realizar aquele ato, ele não aprovou, então perguntamos se seríamos

⁴² Autodidata, professor, jornalista, poeta, escritor, filantropo. Fundou o *Jornal A Ordem* na década de 50, era funcionário da Coletoria federal na cidade e indicado como inspetor do Ginásio Estadual Picoense. Após o episódio da manifestação dos ginásianos, foi embora para São Paulo e nunca mais retornou. Faleceu em 13 de abril de 1969.

⁴³ Refere-se ao inspetor Alberto Nunes.

punidos, ele se calou”. Com um caixão, simularam pelas ruas de Picos um enterro do inspetor, em que a viúva chorava em altos prantos. Para Graça (2002), na década de 50 a mobilização dos estudantes secundaristas era intensa em todo o país. É possível que essas movimentações tenham influenciado os jovens ginasianos picoenses a se engajarem neste movimento reivindicatório.

Os ginasianos eram divertidos, como conta Olívia Rufino (2005):

Faltou professor, todo mundo se reunia na sala de aula, a caixa de fósforos, o lápis, qualquer pedrinha, lata, tampa de panela se não tivesse outra coisa eu cantava. A gente brincava nos aniversários, Dr. Fonseca se encarregava de fazer confusão na aula de educação física que era no muro. Eram coisas simples. Uma vez Dr. Severo chamou uma pessoa com violão para homenagear uma pessoa, eu cantei.

Chartier (1990) afirma que a história das mentalidades tem concepções comuns aos seus praticantes, ou seja, a mentalidade de um indivíduo é comum aos outros do seu tempo. O ginasiano Dagoberto Rocha (2005) relembra os momentos de descontração e brincadeira na sala de aula, comuns aos ginasianos da época.

No ginásio juntaram vários alunos para me levar ao porão da sintina porque eu não dei dinheiro para eles comprarem bolo. Éramos rapazes, eu tinha 19 anos, Ozildo 20 anos e Dimas, 21 anos. A verdade é que me trouxeram pegado nos braços, outro na cintura, outro nas pernas. Quando chegou no entrar da sintina, eu coloquei os dois pés na porta e dei um empurrão para trás derrubando os três. Outro dia Lourenço de Estela [...] dançava a baiana na mesa do professor. Dr. Vidal entrou e disse: _ Não vou fazer coisa alguma porque a brincadeira faz parte da meninice, todos os colégios têm isso, só não quero brincadeiras que tragam prejuízo moral e financeiro. Todos ficaram boquiabertos com a atitude do professor.

O professor Vidal de Freitas⁴⁴ ficou nas memórias dos alunos como incentivador, tratável, fino e não amedrontador, pois educava através de fábulas e conversava. A imagem característica dele era de orientador.

⁴⁴ José Vidal de Freitas, nasceu em Oeiras (PI), em 1901 e faleceu em Teresina, em 1987. Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife. Começando como aprendiz de tipógrafo, chegou a jornalista e professor do Ginásio Pernambucano, em Recife. Juiz em várias comarcas do interior do Piauí, por fim, na capital, foi desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí. Aposentou-se em 1971. Membro da Academia Piauiense de Letras.

Outra ação importante dos alunos, além do Grêmio Estudantil Da Costa e Silva foi, a criação do jornal Flâmula.

3.5 FLÂMULA: DE PEQUENA CHAMA A RÚTILO CLARÃO

O jornal Flâmula surgiu com apoio incondicional do professor Vidal de Freitas. Era preciso ter uma gráfica para imprimir o jornal, assim o grêmio mobilizou os estudantes para a compra dessa gráfica. Conforme depoimento da aluna Olívia Rufino (2005):

Fizemos pesca na praça, livro de ouro e especialmente peças teatrais de grande porte. Nós ensaiávamos na casa de Severo que morava na Rua Santo Antonio, ensaiamos “O Avarento”. Essa peça ficou em cartaz uns seis meses, em Teresina, Jaicós e Itainópolis (o ponto alto da festa de emancipação política de Itainópolis). Dr. Severo acompanhando a gente cobrando a entrada. A estréia foi no Colégio das Irmãs, onde hoje é o fórum, era o único lugar que tinha palco para espetáculo, ali apresentamos a peça. Dr. Otílio Neiva foi assistir, subiu no palco e disse “Numa peça estreada dessa maneira, nem no Rio de Janeiro eu assisti com tanta boa vontade, que ficou espetacular, e me fez um elogio pelo meu trabalho pois eu era a intrigante da corte, o trabalho mais difícil. Nós conseguimos mais dinheiro com a rainha dos estudantes. Idelzuite Leal foi a rainha e ganhou presente. E foi assim que Ozildo conseguiu esta tipografia. Demorou tanto que pensamos que ele tinha ido embora com o dinheiro, mas chegou. Era semi-nova, ele demorou porque foi aprender a usar. Chegou e colocamos na Rua 13 de maio. Ele era redator, mestre de oficina, encarregado da correção final.

A primeira edição do jornal Flâmula saiu no dia 15 de março de 1952. No mesmo dia foi inaugurada a gráfica ginásial, numa cerimônia religiosa presidida pelo Padre José Inácio Madeira, com animação da Banda Municipal e tendo como oradores o professor Acelino Leite, o Dr. Antenor Neiva e José Albano de Macedo (Ozildo), que assim se manifestou:

Uma falange de jovens aspirantes de grandes ideais concretiza hoje o seu sonho fagueiro de ontem.
Pugnando por essa justa causa não poupamos esforços nem medimos sacrifícios. Não houve obstáculos que não fossem vencidos, nem dificuldades que nos abatessem. Hoje apresentamos o fruto dos nossos labores – “Flâmula”, o jornal que irá engrandecer e dar nova vida a Picos.

Flâmula, ou pequena chama, em breve tornar-se á um rútilo clarão, não como o fogo fátuo que brilha por um instante, depois se apaga, mas como uma estrela cintilante que brilhará para aqueles que tem sede de saber, do dever e do amor à Pátria.

O 15 de março é um marco na história literária, social e progressista de Picos, pois neste dia sai o primeiro jornal que irá descortinar à mocidade estudiosa de nossa terra novos horizontes no campo das letras.

Picos, cidade nova que marcha alteinaramente para o progresso, há muito precisava de um emissário que levasse a longe sua grandeza, o labor de seu povo e a inteligência de seus filhos. Esse emissário, esse porta-voz é a Flâmula, que contará o nosso passado, enaltecerá as grandezas do presente e idealizará um por vir risonho para a terra que nos serviu de berço.

Todo cidadão conspícuo e nobre, honrado e patriota, deverá ajudar e colaborar com os estudantes nesse grande empreendimento.

Sentimo-nos hoje orgulhosos por termos trabalhado denotadamente, lutando com ardor nessa campanha. Estamos satisfêitíssimos, apesar dos sacrifícios que fizemos, das canseiras e dos trabalhos que tivemos, das humilhações e dos afrontamentos que recebemos, pois diz Corneille em dos seus versos – “*À vaincre sans péril, on riomphe sans gloire* (Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória)”. (ALBANO,O.1952a, p.3)

O jornal Flâmula teve catorze edições, tendo a última edição circulado no dia 18 de janeiro de 1953. Neste intervalo de tempo, entre a sua fundação e a sua última edição, Flâmula foi mais que um jornal, fato este previsto pelo estudante Ozildo Albano em seu pronunciamento quando da inauguração da gráfica ginasial.

Naquela oportunidade, Ozildo Albano fez um inflamado discurso, afirmando que o nome do jornal significava uma pequena chama e que se tornaria um rútilo clarão. Considerando as influências e a circulação de um ano e dois meses desses escritos na cidade, e, ainda, o pensamento e a produção escrita de tantos jovens aspirantes de um ensino ginasial e superior, este jornal tornou-se um marco importante na história da formação da juventude da época.

O noticioso era constituído por artigos de alunos, professores e inspetores. Expressões francesas como “*le monde marche*”, “*laissez faire*” eram constantes, fruto do currículo que continha a disciplina de Francês e do status desta língua no momento. Era lido em outras localidades, provam isso as correspondências recebidas de Codó (MA), Oeiras, dentre outros municípios. A presença de uma coluna assinada por Otilio Neiva Coelho, chamada de “*Recado do Recife*”, atesta o rompimento da leitura além da esfera local. Havia

também seção charadística e a coluna social que informava a visita de outros ginásianos, como os de Oeiras e de Valença do Piauí. Também eram inseridos nele anúncios, editais e o balanço contábil da prefeitura.

Inicialmente esse veículo de comunicação fora criado com o objetivo de divulgar os artigos literários e fatos relacionados com a educação, objetivando despertar nos estudantes o interesse pela leitura e pela produção literária. No entanto, pela falta de recursos para manutenção e impressão do jornal, percebemos que há uma participação intensa dos poderes Judiciário e Executivo com a constante publicação de editais e balancetes, tanto é que em pouco tempo, Flâmula deixou de circular por impossibilidade de financiar sua confecção.

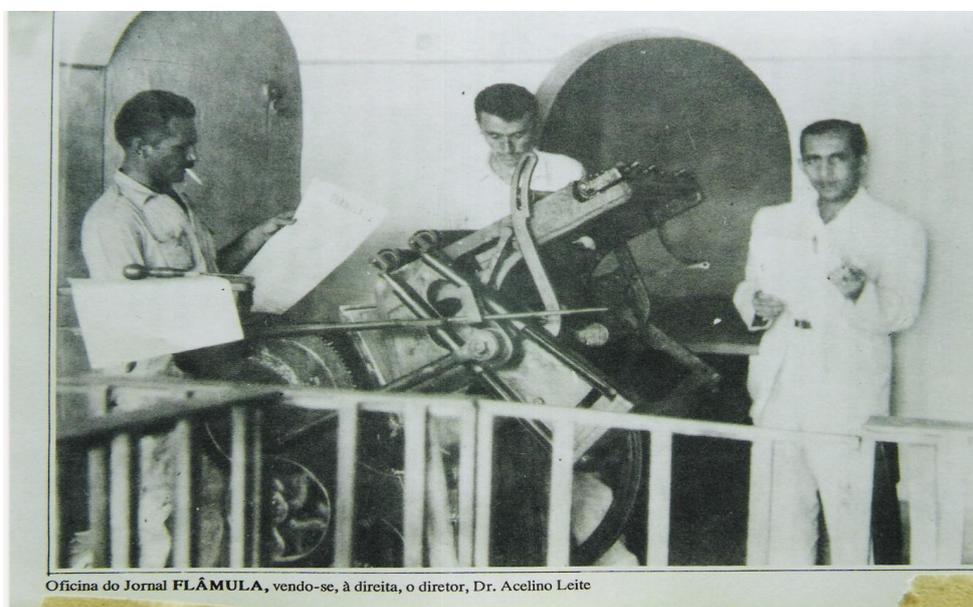


Figura 30: Gráfica Ginásial
Fonte: Livro, Picos Verdes Anos Cinquenta (1995).

Flâmula se destacou por não ser um jornal oficial da Prefeitura, nem do Estado, nem tampouco de empresário da época, mas sim dos estudantes ginásianos. Notamos o estímulo e a alegria do momento, evidenciada nos escritos dos professores, alunos e membros da comunidade.

[...] que nos moços sejam apontados os rumos por onde trilhavam os luminares da sabedoria e que se lhes faça acordar na alma a sensibilidade para o sonho e para a grandeza. Feito isto, teremos transformado aquela fonte de esperanças apagadas em caudal imenso de realidades palpantes. (LEITE, 1952, p.01)

O estudante Alfredo Albano em seu primeiro artigo publicado no jornal, intitula o momento de “despertar da mocidade”; Teles (1952,p.2) prefere chamar de, “sonho não, realidade”. Marques Filho (1952, p.2), membro da comunidade enaltece o momento com seu comentário “foram os jovens que sem ouvirem falsos profetas”, engrandecendo a independência e a autonomia do jornal em relação aos cofres públicos. O jornal se configura como o esforço arrojado dos jovens, o que significava, de certa forma, uma importante ação para sociedade picoense.

O jornal serviu como órgão de divulgação do pensamento de muitos jovens estudantes que colaboravam com seus artigos evidenciando as leituras e o estudo e se esmerando na produção dos textos que eram publicados. Vários foram os alunos que ocuparam as páginas da Flâmula: Alencar Bezerra, Maria Do Carmo Muniz Leopoldo, Marlene Eulálio, Sebastião Eulálio, Edílson Portela dos Santos e Rocha (1952, p.1) que no seu artigo, “Dever de estudar”, constituiu um perfil do bom estudante da década de 50, enfatizando: “devemos estudar para melhor compreendermos a vida e mais facilmente nos habilitarmos para viver”. Enalteceu os estudos como uma forma de obter cultura e uma maneira de não ser humilhado e acrescentou ainda que o papel dos pais era de impulsionadores, pena que alguns filhos não reconheciam que estudar era duro. Citou Sócrates (“a raiz da instrução é realmente amarga mas os frutos são doces”) para esclarecer que o estudo, sendo com trabalho árduo, proporcionava sucesso.

Dos alunos responsáveis pela existência do jornal, dois tiveram papel importante: Alfredo Albano e Ozildo Albano, sendo que o primeiro escrevia sobre diversos assuntos, como os retirantes, opinando sobre a seca do Nordeste, utilizando citações de Euclides da

Cunha e Olavo Bilac, numa clara demonstração de que, para escreverem os artigos, havia leitura prévia de uma bibliografia selecionada. A do sertão era sua predileta. Na 12ª. edição, publica “Paisagens do sertão”, que descreve de forma romântica e saudosista, a paisagem dos morros de Picos: “Picos, serras e chapadas, todos vestidos de verde como palhaços em dia de exibição.” (ALBANO, 1952c, p.03). O último de seus escritos, na 14ª. edição, intitulado “Vida estudantil”, expressava as brigas internas do grêmio e da gráfica ginásial, o que podemos entender como os últimos suspiros, do jornal que se torna um “fôgo fátuo”, justamente o que os idealizadores não desejavam. As intrigas internas são notórias quando afirmou “a verdade não se cansa porque é eterna” (ALBANO, 1953, p.4).

Ozildo Albano concentrava a produção dos seus textos em datas festivas. O seu assunto preferido eram os relacionados com a Revolução Francesa. Como em outros Ginásios do período, que fundaram jornais e grêmios, os temas preferidos eram sobre esse movimento histórico. Como analisa Amaral (1999, p.140), “a data da Revolução Francesa recebia especial atenção desta sociedade⁴⁵, que aproveitava o ensejo para exaltar os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade”. Vale ressaltarmos, que em 1953, predominava um Brasil de ideais democráticos, mesmo governado por Getúlio Vargas e a população sentia-se livre dos anos da ditadura⁴⁶. Os artigos de Ozildo foram “13 de maio”, assinalando a comemoração da Lei Áurea e enaltecendo a Princesa Isabel; “Castro Alves”, narrando as mazelas vividas pelos escravos no Brasil e concluindo que aqui não havia mais preconceito de cor e raça; “Batalha de Riachuelo”, que enaltecia a data de uma das batalhas da Guerra do Paraguai; “Batalha de Waterloo”, outro texto em comemoração à data de 18 de junho de 1815, no qual descreveu a derrota de Napoleão Bonaparte e considerou suas atitudes como “resistência heróica”. Escreveu ainda “A queda da bastilha” exaltando a Revolução Francesa e “Paz e Liberdade” que tratava do Tratado de Versalhes. Os seus escritos são descritivos,

⁴⁵ refere-se ao grêmio Estudantil do ginásio Pelotense

⁴⁶ Neste período o termo “ditadura” aplica-se ao Estado Novo (1937 a 1945)

exacerbando as grandes datas, os grandes feitos e os grandes heróis. São textos informativos de fatos e personagens da história, oferecendo a quem lesse uma compreensão fácil do que era abordado.

Os ginasianos concebiam o magistério como um sacerdócio, uma escolha vocacional e um compromisso com a sociedade. No editorial intitulado “Magistério e Sacerdócio”, da edição nº 03, escrevem: “O magistério é um verdadeiro sacerdócio. Verdadeiro naquele elevado sentido em que foi o divino Jesus”(MAGISTÉRIO...,1952,p.01). Abordam ainda nesse mesmo editorial que o professor deve receber o salário, mas perceber a profissão como patriótica e um dever com os pais dos alunos, pois, na opinião deles, o magistério só é digno de nome se for exercido com abnegação e esforço sacrificial. A idéia de trabalho ligado a outras profissões é reforçada pelos alunos como desenvolvimento e progresso da nação. A aluna Lourdinha Santos, na edição nº 05, define: “O trabalho é a coisa mais sublime que a natureza criou [...] como é linda uma pátria em que seu povo visa o seu desenvolvimento. Como é que se visa o progresso de uma nação? Trabalhando, estudando e progredindo“ (SANTOS, 1952,p.01).

Os editores do Flâmula acompanhavam as discussões e mudanças em relação ao ensino nacional. No editorial da edição nº 06, comentam a respeito de uma reunião ocorrida em São Paulo com reitores das universidades onde foi proposta a instituição de um ano no primário, a idade mínima de doze anos para o exame de admissão, o segundo ciclo do ensino secundário com apenas duas séries e colégio universitário com duração de um ano, com aulas ministradas na escola superior a que se destinasse o aluno. A esse respeito os alunos opinaram que, se tal reforma fosse votada, seria uma forma de minimizar a deficiência do ensino primário, que formava alunos com baixo poder intelectual: “A criação de mais um ano de primário concorrerá para que não mais se vejam, nas primeiras séries ginasiais, alunos de nível intelectual inferior ao do mais propedêutico dos cursos”(ENSINO...,1952,p.01).

Os temas escritos no jornal Flâmula refletem o ensino que era ministrado para esses alunos, permeado de ideais e construção de valores como obediência e respeito ao mestre, comportamento moral, valorização dos grandes feitos da história, reconhecimento do papel da mulher e o trabalho como algo dignificante.

QUADRO Nº 3: TEMAS DO FLÂMULA

Temas enfocados no Flâmula
Sertão Nordestino
Comemoração de datas históricas
Trabalho
Dever de estudar
Ensino
Grandes heróis da história
Mulher
Divórcio
Jogo

Fonte: Flâmula, Picos, março de 1952 a janeiro de 1953.

Flâmula circulava em Picos com mais outros três jornais: A Ordem, Folha Circulista e A Gazeta. Vejamos o comentário de Duarte (1995, p.138):

Flâmula destacava-se dos demais periódicos pela qualidade das matérias publicadas, seja no conteúdo, seja na forma. O jornal publicava artigos de professores e alunos do Ginásio Estadual Picoense e tinha como assíduo colaborador o poeta Lourenço Campos, que ali publicou vários dos seus poemas. A leitura dos exemplares ainda existentes de Flâmula, abrangendo os doze meses em que o jornal circulou, revela alguns aspectos da atividade cultural da cidade naquela época [...] é interessante observar nos vários exemplares de Flâmula a boa qualidade dos artigos assinados por alguns ginasianos, havendo uma nítida preferência pelos temas sociais como educação e saúde, e pelas biografias de cientistas e escritores.

A falta de artigos e produção de textos do juiz e professor Vidal de Freitas, já que foi um dos idealizadores do jornal, é algo intrigante, até por ser ele o maior incentivador. No entanto, notamos a sua preferência por ficar nos bastidores dos acontecimentos. Já o inspetor Alberto Nunes aproveitou todos os espaços concedidos na coluna que chama “Meu Cantinho”, escrevendo várias crônicas: Os índios, O dedo de Deus, Betinho, A tragédia do

calvário, O dia do trabalho, Sursun Corda, Maria Joana, Fabíola e Frutos do Ginásio, esta última enaltecendo a aprovação de alunos do ginásio no concurso do Banco do Brasil.

Vários motivos podem ser listados para o fechamento do jornal Flâmula. A falta de recursos financeiros, as intrigas entre os ginasianos e a formatura da turma idealizadora, em 1953.

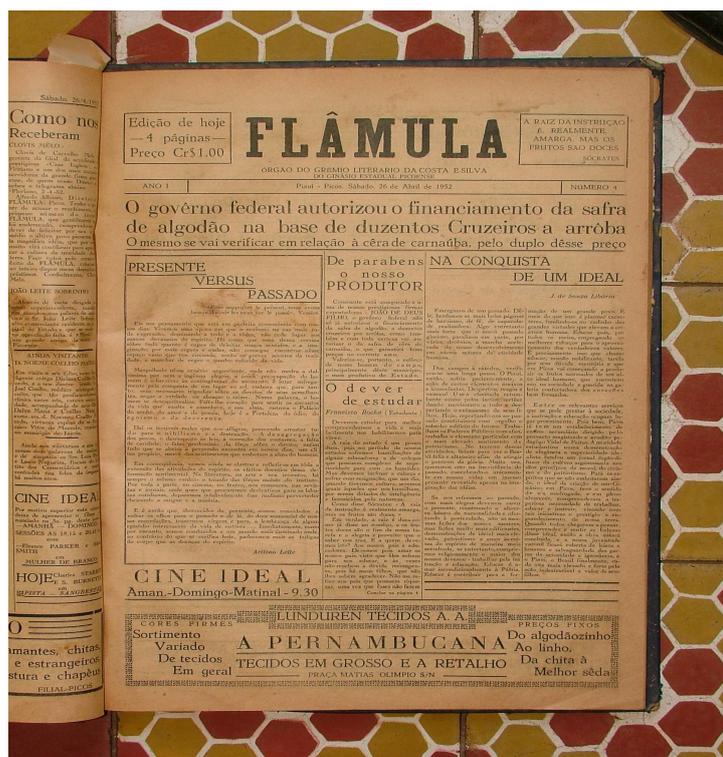


Figura 31: Jornal Flâmula
Fonte: Museu Ozildo Albano

3.6 “FUNDADO O GINÁSIO. ONDE ENCONTRAR OS PROFESSORES?”

Com a fundação do Ginásio, a dificuldade era contratar professores qualificados, pois, segundo a lei Orgânica de 1942, no seu artigo 79, a constituição do corpo docente, em cada estabelecimento de ensino secundário, deveria ser feita observando os seguintes preceitos:

1. Deverão os professores do ensino secundário receber conveniente formação em cursos apropriados em regra do ensino superior
2. O provimento, em caráter efetivo, dos professores dos estabelecimentos de ensino secundários federais e equiparados dependerá da prestação de concursos.
3. Dos candidatos ao exercício do magistério nos estabelecimentos de ensino secundário reconhecidos exigir-se-á prévia inscrição, que se fará mediante prova de habilitação, e competente registro do Ministério da Educação.
4. Aos professores do ensino secundário será assegurada remuneração condigna, que se pagará pontualmente.

No Ginásio Estadual Picoense, pouco desses princípios foram cumpridos, pois nem todos os professores tinham formação e eram escolhidos entre aqueles que tinha mais estudos na cidade, como afirma o ex-professor João de Deus Neto (2005):

Criado, cadê os professores? Não tinha, eu sei que um amigo meu me indicou professor do Ginásio, eu não tinha prática, mas aceitei, fui incluído como um dos primeiros professores. Fui eu quem dei a 1ª. aula, lecionei matemática por 27 anos, desse pessoal que tem aí, dos mais velhos foram todos meus alunos [...] ninguém ganhava bem. Todos os professores tinham outras atividades.

O professor João de Deus Neto tinha apenas o Curso de Comércio, uma antiga habilitação do ensino secundário. No seu relato, se percebe que nem era realizado concurso para professores, os quais nem tinham registros no Ministério da Educação e nem tampouco um salário condigno, o que caracterizava, de certa forma, contratações emergenciais. Apesar da idéia de se ter um corpo de professores estável, isso não foi possível porque, segundo Nunes (2000, p. 46):

Em suma, a expansão desse ensino se fez pelo estabelecimento de Ginásios nas localidades onde, anteriormente, o ensino secundário era inexistente; pelo aumento de matrícula nas mesmas unidades escolares e pela criação de novos ginásios em locais onde já havia estabelecimentos de ensino secundário. Tal crescimento provocou a

superutilização do professorado e, apesar das medidas destinadas a tornar o magistério secundário um grupo estável e numericamente importante [...] a maior parte dos professores desse nível de ensino utilizava o magistério como ocupação do tempo parcial.

Em Picos, faltavam recursos humanos qualificados, como também não havia recursos financeiros para contratar pessoas de outras localidades. Além disso, acreditamos que os salários pagos não atraíam pessoas com formação em nível superior, a não ser aquelas que, a exemplo do Professor Vidal de Freitas (juiz) e José dos Santos Fonseca (dentista), tinham interesse em ver o Ginásio funcionando na cidade, não se incomodando em obter apenas ganhos parciais.

O quadro de professores foi assim formado:

Matemática – João de Deus Neto

Português – José Vidal de Freitas

Latim- José Vidal de Freitas

Francês – José Vidal de Freitas

Inglês – José Vidal de Freitas

Ciências – Maria do Amparo Caminha

História – José Gregório Ribeiro

Geografia – José dos Santos Fonseca

Desenho – Maria Neiva Eulálio (Maria Olita)

Canto – Isabel Dantas Eulálio (Dona Bilu)

Trabalhos Manuais – Assunção Portela Duarte

Podemos perceber a quantidade de disciplinas lecionadas pelo professor José Vidal de Freitas, em virtude da falta de professores, conjugada à sua vontade e “mania de ensinar”, conhecida por todos os picoenses da época. Alguns alunos afirmam que o professor Vidal de Freitas não confiava o ensino de línguas a nenhum outro professor, ministrando dessa forma

quatro disciplinas (Português, Latim, Francês e Inglês). A. Tito Filho (1977, p.08) faz o seguinte comentário sobre o professor Vidal de Freitas:

Estudioso insaciável, fez leitura profunda, na língua vernácula e noutras línguas, perlustrando livros em francês, inglês, alemão, espanhol, italiano. Intérprete fidelíssimo dos textos latinos. Pelo esforço conseguiu vitórias espirituais permanentes.

Coelho (1991) afirma que, antes de Vidal de Freitas ser um magistrado, ele já tinha eleito há muitos anos o magistério como sua carreira preferida.



Figura 32: Professor Vidal de Freitas
Fonte: Museu Ozildo Albano

Admirado pelos alunos, na época de sua morte, o ex-aluno, Ozildo Albano escreveu um texto conjuntamente com outros alunos do ginásio, que ficou nos seus papéis guardados em arquivo particular.

Faleceu em Teresina a 20 de junho Passado (1987) o Desembargador José Vidal de Freitas, o Professor Vidal, como conhecíamos, alunos seus que fomos durante as quatro séries do Ginásio estadual picoense, Ginásio que ajudou a fundar, em 1950, foi

seu diretor, professor de português, de latim e de outras matérias, quando se fazia necessário.

Diariamente, o tínhamos conosco. Faltando dez minutos para uma hora da tarde, lá apontava o Professor Vidal, na Esquina da Prefeitura ; de calça cáqui, paletó azul marinho, chapéu de sol.

Deu-nos uma boa formação humanística, mercê de seus vastos conhecimentos, sem falar em sua preciosa cultura jurídica e nos seus naturais dons de poeta.

Destaca-se nele a grande figura de educador que foi. Por todas as comarcas por onde passou como juiz, ia fundando institutos, lecionando. Tinha, já, àquela época, os requisitos que se exigem de um professor moderno.

O nosso ginásio foi criado, graças aos esforços dos deputados Antenor Neiva e Hélio Leitão. Sua instalação deve-se à vontade férrea do prefeito Celso Eulálio. Mas, o seu funcionamento é mérito do professor Vidal. O Ginásio estadual picoense, atual Marcos Parente, ampliou-se, cresceu. Hoje, esses dois complexos escolares que existem com suas vinte unidades, que já prepararam nesses trinta e sete anos, milhares de jovens para a vida, são frutos da árvore plantada pelo professor Vidal. E Essa árvore continua a crescer, expandir-se. (ALBANO, 1987)

O Currículo do Ginásio estava distribuído nas seguintes disciplinas na seriação abaixo, conforme Lei Orgânica de 1942.

Primeira série; Português, Latim, Francês, Matemática, História Geral, Geografia Geral, Trabalhos Manuais, Desenho, Canto Orfeônico

Segunda Série; Português, Latim, Francês, Inglês, matemática, História Geral, geografia geral, Trabalhos manuais, desenho, canto orfeônico

Terceira Série; Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História do Brasil, Geografia do Brasil

Quarta Série: Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História do Brasil, geografia do Brasil, Desenho e Canto Orfeônico.

A disciplina Canto Orfeônico, de ensino obrigatório, consistia no estudo da escala de notas musicais, tendo em seu repertório músicas baseadas em letras que valorizassem a cultura nacional e os valores da Pátria. Herança do Estado Novo que estimulava o sentimento patriótico nas escolas e agremiações civis. O aspecto mais incisivo desta prática na área musical ficou a cargo do maestro Villa – Lobos – compositor didata e maior expoente da corrente nacionalista na música brasileira dos Orfeões (coral amador).

Na disciplina trabalhos Manuais eram realizados a confecção de vários objetos de madeira ou com outras matérias – prima (figura 33) . Os objetos da fotografia estão no museu Ozildo Albano e foram confeccionados na época por Ginasianos.



Figura 33: Objetos confeccionados nas aulas de desenho
Fonte: Museu Ozildo Albano

3.7 FORMATURA: PERENIDADE DO SABER.

A formatura da 1ª. Turma dos Ginasianos, foi um marco na história desta instituição de ensino digna de uma placa e uma cerimônia festiva. Todo um ritual era criado para a comemoração do título obtido. Era o ápice das festas escolares Picoenses, nunca antes visto. Por esse motivo todos se empenharam para realizar um grande acontecimento para admiração de toda a cidade. A festa foi composta da entrega de certificados, missa, discursos, bailes, que resultavam na escolha de roupas mais pomposas e que os pais se empenhavam em subsidiar. O significado de concluir o ensino secundário para uma população em que a maioria da população não tinha acesso à educação básica, como podemos ver na tabela nº 3, era algo digno de muita importância.

Tabela 01 . Instrução Pública de Picos (1950)

ESPECIFICAÇÃO	Pessoas Presentes de 10 anos e mais		
	Número	%	Sobre o total
Sabem ler e escrever	9.274		26,05
Não Sabem Ler e escrever	26.306		73,91
Sem declaração	14		0,04
Total	35.594		100,00

Fonte: IBGE – Recenseamento de 1950

Como vemos 26% das pessoas consultadas que tinham 10 a mais anos eram alfabetizadas, revelando a quantidade de analfabetos na cidade que chegava a mais de 70%. Portanto concluir um ensino secundário era algo inacessível para muitos, principalmente pelo caráter seletista, implantado pelo exame de admissão.

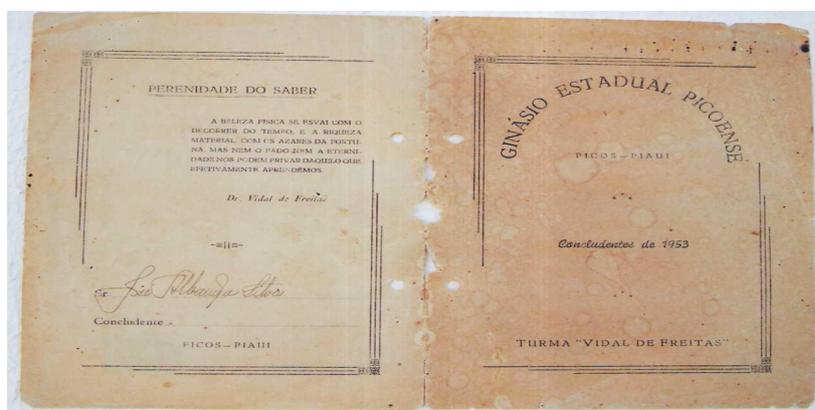


Figura 34: Convite de Formatura 1953

Fonte: Museu Ozildo Albano

O convite de formatura detalhava o evento. O paraninfo da turma foi Dr. José Vidal de Freitas; o patrono, o Padre Helvídio M Maia; os professores homenageados: João de Deus Neto, José dos Santos Fonseca, Maria Neiva Eulálio Dantas e Severo Maria Eulálio; o orador, José Albano de Macedo.

No dia 06 de dezembro de 1953 às 7h, ocorreu uma missa em ação de graças na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, oficiada pelo Revmo. Pe. José Ignácio de Jesus Madeira. No dia 13 de dezembro de 1953 às 9h ocorreu uma sessão de despedida dos colegas

ginasianos no prédio da Prefeitura Municipal. Às 19h deste mesmo dia foi realizada uma sessão solene no Instituto Monsenhor Hipólito, oportunidade em que foi entregue os certificados aos concludentes. Às 22h, uma festa dançante no salão recreativo ideal, em seguida um “coktail”, oferecido pelos concludentes aos seus padrinhos, paraninfo da turma e homenageados.



Figura 35: Placa de Formatura 1953
Fonte: Museu Ozildo Albano.

Para Werle (2005, p.3) “A formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar institucionalizada. Como símbolos rituais os quadros de formatura situam-se numa abordagem de história da cultura de instituições escolares”. A placa de formatura foi confeccionada em madeira, representação de uma nova fase para as moças e rapazes que iriam

começar uma nova fase de suas vidas. As fotografias estão em preto e branco, as pessoas fotografadas são representadas em face e busto, homogêneas no formato oval como também na vestimenta. Em separado, estão homenageados e paraninfos designando a condição de serem considerados figuras ilustres. A presença de apenas uma mulher entre o quadro de professores revelando a predominância do sexo masculino neste nível de ensino, naquela época. Segundo Werle (2005,p.09)

Os quadros de formatura são um indício e um testemunho indelével, da ação institucional e da missão educativa alcançada. Atuam também como exemplo pois fixam uma imagem (sucesso, completude na formação) e, constantemente expostos, instam aos seus apreciadores a também alcançarem os seus objetivos.

A placa de formatura se encontra em exposição no Museu Ozildo Albano e representa para os alunos e professores da época sucesso e orgulho. Os alunos que concluíram o ensino secundário nesta turma alguns pararam de estudar, outros foram aprovados em concursos do Banco do Brasil ou foram estudar em outros locais, como Ozildo Albano que cursou Direito em Fortaleza (CE). A maioria dos alunos desta primeira turma conseguiram lograr êxito no ensino superior ingressando anos mais tardes em cursos de Direito, Farmácia dentre outros. Fizeram outros encontros da 1ª. Turma comemorando os 25 anos de formados, tentaram ressurgir o jornal Flâmula, uma tentativa frustrada.

Em 1954 a sede do Ginásio é transferida pela prefeitura para duas casas alugadas localizadas à Rua Monsenhor Hipólito em frente ao Picoense Clube. Funcionando até o ano de 1959 neste mesmo local, período em que ganhou uma sede própria de localização nesta mesma rua. Sede esta com bastante planejamento composta de quadra de jogos, pátio, auditório, colunas gregas, salas amplas, atualmente neste local funciona a 9ª. Diretoria regional de Educação. Em 1969 é transferido para Rua Luís Nunes, 126, outra sede de construção arquitetônica planejada, localizada um pouco mais distante do centro da cidade, local onde funciona até os dias atuais com o nome de Marcos Parente, em virtude da lei nº

2238 de 07 de dezembro, que determinava o ginásio ser de responsabilidade do governo Estadual .

A fundação e consolidação do Ginásio Picoense trouxe para à comunidade os bailes de formatura, o sonho da continuidade dos estudos, o despertar para os estudos, a ascensão social, a possibilidade maior de um emprego, a difusão das idéias literárias, a importância da leitura e a participação dos jovens nos eventos da comunidade e em movimentos reivindicatórios

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar o projeto de pesquisa que deu início a esta dissertação de mestrado, pensávamos em pesquisar a educação na Era Vargas, mas, ao estudarmos vários pontos nas disciplinas do Mestrado e nas atividades orientadas, percebemos que a história da educação devia considerar os marcos educacionais e não os marcos políticos, como imaginávamos anteriormente. Assim, mudamos a direção e o recorte histórico, que antes se estendia até 1945, estendeu-se 1949, com a fundação do Ginásio Estadual Picoense. Avanços e recuos foram feitos para a melhor compreensão do objeto de estudo.

Assim buscamos as fontes escritas sobre o assunto, visitamos arquivos públicos e museus, lemos dissertações, teses, arquivos particulares e consultamos as fontes orais, que nos surpreendiam ora pelas lacunas preenchidas, ora pela confirmação do que estava escrito nos documentos, ora por suscitar novos questionamentos, novas buscas, o que nos dava uma vontade voraz de não parar de pesquisar, de escrever, de ir atrás de outras fontes e de não deixar de registrar o que a memória guardou e que necessitava sobreviver nos registros da história. Mas, enfim, o programa de Mestrado exige que um dia o trabalho seja encerrado e assim fizemos na certeza de continuar posteriormente, uma vez que a paixão do historiador é historiografar o tempo, as pessoas e os lugares.

Em Picos (PI), a inauguração do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, em 1929, ocorreu no período em que predominava o coronelismo, e sua fundação coincide com as transformações ocorridas naquele período em todo o Brasil, como a urbanização das cidades, energia elétrica, mercado público.

O modelo de Grupo Escolar fez desaparecer lentamente a figura do mestre-escola e das escolas primárias de caráter particular de primeiras letras. O Grupo Escolar e a modernidade educacional exigiam a presença de um outro tipo de professora, vinda das Escolas Normais. A chegada das normalistas à cidade mudou o ritmo de vida das pessoas, ao

introduzirem novos comportamentos, novos conhecimentos. O entrelaçamento com a estrutura de poder, ao se casarem com prefeitos e outros políticos, permitiu opinarem e participarem das gestões como primeiras damas. Proporcionaram a apresentação de dramatizações e festas em suas residências. Além disso, os novos métodos de ensino utilizados na sua prática cotidiana fizeram do Grupo Escolar um centro irradiador de saber que permitiu aos alunos prosseguirem seus estudos no Ginásio em outras cidades. Além disso, as normalistas despertaram a vontade de que as filhas da terra procurassem estudar, se formassem e retornassem para atuar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

As memórias de Nevinha Santos foram de muita importância para entender esse período do Grupo Escolar por ela relatar o dia-a-dia, as práticas escolares, o convívio das normalistas, o retrato da cidade, a maneira de pensar e de se comportar da comunidade daquele período. Suas memórias nos proporcionaram uma viagem no tempo, observando a antiga cidade de Picos como se fosse num filme ou num “trailer”, em que tudo era reconstituído na imaginação de quem está lendo.

Na memória dos alunos entrevistados nos impressionou a forma como os professores são importantes na vida dos alunos, por estes se lembrarem de pequenos momentos, de gestos, de roupas, dos castigos, das músicas que as vezes entoavam, da emoção que demonstravam ao recordarem suas memórias de escola, o que nos faz concluir o quanto é marcante a vida escolar na infância.

Retomar a trajetória de vida das professoras primárias, mesmo que fosse apenas sua fotografia, sua data de nascimento e falecimento, foi uma maneira de conhecer esses rostos que contribuíram para a arte de ensinar, de trabalhar com competência e amor, de se sentir útil na sociedade. Era um reconhecimento de suas atividades frente à instrução de tantos jovens ilustres ou comuns que passaram por suas mãos, numa atividade tão humana que é a educação.

O ensino municipal, assim como no restante do país no período estudado neste trabalho, não teve tanto investimento, mas foi resgatado o nome de professores e como atuavam, ensinando com suas pequenas lousinhas ainda de casa em casa ou em locais alugados e improvisados pela Prefeitura Municipal, nas suas diversas localidades. O ensino privado consubstanciou-se na fundação do Instituto Monsenhor Hipólito, pelo empenho da igreja e da elite picoense, iniciando o ensino de datilografia e de bordado para as meninas e se consolidando como formador das elites picoenses, especialmente femininas.

A fundação do Ginásio Estadual Picoense em 1949 mobilizou pais, jovens e políticos, que tanto esperavam por aquele momento, tendo os políticos brigado até pelo mérito da fundação a fim de que não fossem esquecidos. Mas, na memória dos alunos, ficou a imagem do fundador, que promoveu uma revolução silenciosa, o Professor Vidal de Freitas, que incentivou a formação do grêmio e a fundação de um jornal, promovendo ainda a leitura das revistas literárias. Os alunos, por sua vez, foram irreverentes, modificaram a cidade, mostrando que podiam ter opinião e manifestá-la diante de todos.

O curso ginásial pôs fim à migração precoce dos jovens para outras cidades, trazendo o sonho da faculdade, os bailes de formatura, a ampliação do contato com livros e o intercâmbio com outros Ginásios do estado e do país. É um momento marcante na memória de todos os Picoenses. Alguns alunos ainda guardam seus diplomas, o exame de admissão, suas notas, fotografia de época, possibilitando a recuperação desse tempo e da cultura escolar.

Nos dias atuais o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, faz parte de uma rede de escolas estaduais, e chama-se Unidade Escolar Coelho Rodrigues, ministrando em sua sede apenas o ensino fundamental I. O ensino municipal possui uma vasta rede de escolas espalhadas na sede da cidade e no interior assistindo o ensino fundamental, com as verbas do Fundef, funcionando de forma ainda precária. O Ginásio Estadual Picoense, é chamado de Unidade Escolar Marcos Parente e é mantido pelo estado, ministrando o ensino fundamental II. O

Colégio das Freiras que abriga a elite picoense funciona a educação básica, com o nome de Instituto Monsenhor Hipólito.

A investigação da história educacional de Picos(PI) de 1929 a 1949 contribuiu para revisitar memórias, sistematizar dados que poderiam se perder no tempo, papéis que poderiam ter ido para o lixo como tantos outros . Não buscamos o isolamento da cidade como se os acontecimentos educacionais ali vividos fossem uma glória exclusiva do povo picoense. Tivemos o cuidado de estudar e comparar os dados com o restante do país, percebendo que muitos fatos não eram um mérito de um ou de outro, mas uma consequência das decisões tomadas em âmbito nacional, embora a esfera local referendasse e acolhesse estas decisões.

As práticas escolares e o cotidiano foram mais enfatizados, pois essa sempre foi a nossa proposta, que se traduz em revelar o cotidiano da escola - o pequeno, o micro.

Assim esperamos que esta dissertação não seja um fim, mas um início de outras pesquisas e que a sua leitura proporcione uma reflexão sobre o que fomos no entendimento do que somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) Livros

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria; Uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: UFpel, 1999

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação a Paixão pelo Possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A Feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. 6.ed. Rio de Janeiro: UFRJ/Brasília. UNB, 1996.

BRITO, Itamar de Sousa. *História da Educação no Piauí; Enfoque normativo, estrutura organizacional, processo de sistematização*. Teresina: Editora Gráfica da Ufpi, 1996.

BUENO, Eduardo. *Brasil: Uma História*. São Paulo: Ática, 2002.

BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. (orgs) *Feminização do Magistério: vestígios do Passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*. História e Memória de Estudantes Universitárias em Teresina (1930- 1970). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o Impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.) *Modos de ler Formas de Escrever*. Estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina: 1996.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COELHO, Celso Barros (org) *Coelho Rodrigues e o Código Civil*. Teresina: Gráfica do Povo, 1998.

.Homens de Idéias e ação. Teresina: Júnior, 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Uma visita do senhor Inspetor: cultura cívica em relatórios escolares.* In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). *Práticas de Memória docente.* São Paulo: Cortez, 2003.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites.* Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DUARTE, Renato. *Picos, os verdes anos cinquentista.* 2.ed. Recife : Ed. Nordeste, 1995.

FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os Italianos de Picos.* Teresina: Edufpi, 2004.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de Azul e Branco.* São Cristóvão (SE):UFS, 2003

FRISCH, Michael.. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral.* 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Cap.6, p. 65-91.

GONÇALVES, L. M. Ribeiro. *Impressões e Perspectivas.* Brasília: Senado Federal, 1980.

GOVERNADORES do Piauí: *Uma retrospectiva histórica.* Teresina: Fundação Cepro, 1993.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. *Pés-de-Anjo e Letreiros de Néon.* Aracaju (SE): UFS, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva.* São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

JULIA, Dominique. *A Cultura escola como objeto histórico.* São Paulo: Autores Associados, 2001.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LEITÃO, Joaquim das Chagas. Picos. In: OLÍMPIO, Matias. et al. *O Piauí no Centenário de sua independência (1823-1923).* Teresina: Papelaria Piauyense, 1923. p.131 a 140.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história Oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral.* 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Cap.2, p. 15-25.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: História das Instituições Educativas.* Bragança Paulista : EDUSF, 2004.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo – São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. 2.ed. São Paulo: Huatec/Unesp, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Papéis Guardados*. Rio de Janeiro: Sirius, 2003.

NADAI, Elza. *O Ginásio do estado em São Paulo: uma preocupação republicana (1889 – 1896)*. São Paulo: USP, 1987.

NASCIMENTO, Alcides Francisco. *A Cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937 – 1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NUNES, Julieta Martins Neiva. *A trajetória de uma vida*. Teresina: Comepi, 1989.

NUNES, Maria Thétis. *O Ensino Secundário e a Educação Brasileira*. São Cristóvão (SE): Editora da UFS, 1999.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima. (orgs.) *História e Memória da Escola Nova*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *O velho e o Bom Ensino Secundário: momentos decisivos*. Revista Brasileira de Educação Mai/Jun/Jul/Ago 2000 n° 14.

OLÍMPIO, José. *Liceu Piauiense*. Teresina: Gráfica Mendes, 1993.

PARADA, Maurício B.A.; VIANNA, Adriana R.B. *Infância e Nação em desfile: O Desfile da Juventude e a hora da Independência 1936/1937*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos grupos Escolares na Paraíba*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Coronelismo numa Interpretação Sociológica*. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. Tomo I. 4.ed. São Paulo: Difel, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SAMPAIO, A. *Velhas escolas – grandes mestres*. Teresina: Comepi, 1996.

SILVA, Alberto da Costa. *Da Costa e Silva*. Teresina: Corisco, 2002.

SILVA NETO, Mariano da. *O município de Francisco Santos: Estudo e Memória*. Teresina, Comepi, 1985.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. *Escola e Memória*. Bragança paulista: EDUSF, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Demerval. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar. In: CUNHA, Marcus Vinicius da (org). *Ideário e Imagens da Educação Escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

_____. *O direito à educação: lutas populares pela Escola em Campinas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

TITO FILHO, A. Cérebro e coração. In: FREITAS, Vidal. *Perfis acadêmicos*. Teresina: Comepi, 1977.

TOBIAS, José Antonio. *História da Educação Brasileira*. 3.ed. São Paulo: Imbrasa, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1998.

VILLELA, Heloísa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: Lopes, Eliana Marta, et al. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZOTTI, Solange Aparecida. *Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

B) Teses e Dissertações

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Dos Pardieiros aos Palácios: Forma e Cultura escolares em belo Horizonte (1906 – 1918)*. 1996. Tese de Doutorado em Educação – Universidade de São Paulo. 362p.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia Sertaneja: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola Primária Pública Piauiense (1908 – 1930)*. 2001. 225f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

MELO, Salânia Maria Barbosa. *Reminiscências do processo de Escolarização. A formação da Professora normalista piauiense e o ensino Primário (1930 a 1945)*. 2005. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí.

VIEIRA, Alveni Barros. *Educação e Sociedade Picoense de 1890 a 1930*. 2001. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí.

C) Periódicos

ENSINO Nacional. *Flâmula*, Picos, p.1, 24 de maio de 1952.

MAGISTÉRIO e Sacerdócio. *Flâmula*, Picos, p.1, 12 de abril de 1952.

ALBANO, Alfredo. Despertar da mocidade. Flâmula, Picos, p.4, 15 de março de 1952a.

_____. *Os retirantes*. Flâmula, Picos, p.3, 12 de abril de 1952b.

_____. *Passagens do sertão*. Flâmula, Picos, p.3, 19 de outubro de 1952c.

_____. *Vida Estudantil*. Flâmula, Picos, p. 4, 20 de janeiro 1953.

ALBANO, Ozildo. *Gráfica Ginásia*. Flâmula, Picos, p.3, 15 de Março de 1952a.

_____. *13 de maio*. Flâmula, Picos, p.2, 24 de maio de 1952b.

_____. *Professor José Vidal de Freitas*. 1987. Mimeografado. Museu Ozildo Albano.

COLLEGIO. *O Aviso*, Picos, 15 de maio de 1918.

CONHEÇA. *Revista do Jubileu de Ouro*. Caruaru, PE, Editora Vanguarda, n.01, p. 18, 1994.

CRESCIMENTO demográfico. *Foco*, Picos, PI: Jornal Folha de Picos, a. 01, n. 01, p. 8, 2001. (Edição comemorativa dos 111 anos: Picos, nossa história).

ENSINO Nacional. *Flâmula*, Picos, p.1, 24 de maio de 1952.

ENSINO Secundário no Brasil em 1945. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, Inep, v.8. n°23, p.283, 1946.

FONTES, Mundica. Antenor Martins Neiva. *Tribuna de Picos*, Picos, PI, 26 ago. 1993. (Museu Ozildo Albano).

_____. *Hélio Leitão*. Jornal de Picos. Picos, 28 de outubro de 1993. p. 02. (Museu Ozildo albano).

GINÁSIO. *O Piauí*, Teresina, PI, 24 de setembro de 1949.

GRUPO Escolar. *O Aviso*, Picos, 28 de fevereiro de 1929.

HISTÓRICO. *Revista do Jubileu de Ouro*. Caruaru, PE, Editora Vanguarda, n. 01, p. 18, 1994.

LEAL, Pe. David Ângelo. Alberto de Deus Nunes. *Jornal dos Bairros*, Picos, PI, 16-30 abr. 2002.

LEITÃO, Hélio. *Fala ao Piauí o deputado Hélio Leitão*. O Piauí, Teresina, p.01, 23 de fevereiro de 1950.

LEITE, Acilino. *O Poder do estímulo*. Flâmula, Picos, p.1, 15 de março de 1952.

MACEDO, José Albano de. *Francisco de Sousa Santos*. O Macambira. Picos, PI. 31 de maio de 1982. (Museu Ozildo Albano)

MARQUES FILHO, Antonio. Flâmula. Flâmula, Picos, p.2, 15 de março de 1952.

NORMALISTAS. *O Aviso*, Picos, 15 abril de 1930.

PREFEITO. *O Piauí*, Teresina, PI, 25 de agosto de 1949.

PROPOSTA. *Revista do Jubileu de Ouro*. Caruaru, PE, Editora Vanguarda, n. 01, p. 18, 1994.

ROCHA, Francisco. *Dever de estudar*. Flâmula, Picos, p. 1, 26 de abril de 1952.

SANTOS, Lourdinha. *O trabalho*. Flâmula, Picos, p.1, 10 de maio de 1952.

SANTOS, Nevinha. *Decadência do Estado Novo*, *Jornal Meio Norte*, Teresina, PI, 22 set. 1997. (Caderno Alternativo).

TELES, Rosreimar. *Sonho, não. Realidade!*. Flâmula, Picos, p.2, 15 de março de 1952.

C) Documentos

BRASIL. Decreto-lei 9.303/46, que dispõe sobre o exame de licença no ensino secundário. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, Inep, v.8.nº 23, p.400,1946.

PIAUI. Decreto nº 565, de 22 de junho de 1910. Regulamento Geral da Instrução Pública. Teresina-PI: Imprensa Oficial, 1910.

PIAUI. Mensagem apresentada a câmara legislativa pelo Exmo. Governador João Luiz Ferreira em 01 de junho de 1922. Teresina-PI; Imprensa Oficial, 1922.

PIAUI. Decreto n. 1438, de 31 de janeiro de 1933. Revê e altera disposição do regulamento geral do ensino, folhas 3 a 62 . Suporte, Teresina-PI: Imprensa Oficial, 1933.

PICOS. Decreto nº 40 de 07 de julho de 1929. *Cria as escolas de Genipapo, Riachão, Bocaina e São Luís*. Diário Oficial, Teresina, 17 de agosto de 1929.

PICOS. Prefeitura Municipal. *Relatório da situação do município de Picos apresentado ao interventor Federal do estado do Piauí pelo prefeito nomeado, Plínio Mozart de Moraes, 1931*. Manuscrito.

PICOS. Decreto nº 01, de 02 de janeiro de 1931. *Extingue a escola mista de Picos*. Diário Oficial, Teresina, 11 de fevereiro de 1932.

PICOS. *Conselho de Inspeção do grupo Escolar Coelho Rodrigues*. Relatórios Registrados no livro de Termos de Inspeção do Referido grupo. 1932 a 1954. Manuscrito.

PICOS. Termo de Compromisso da Prefeitura Municipal de 1936 a 1948. Manuscrito.

TERESINA. Diretoria geral da Instrução pública. Ofício nº 605, de 11 de novembro de 1929. *Exoneração da professora Albertina Maria de Castro Leitão*. 1929.[Manuscrito]

TERESINA. Diretoria geral da Instrução pública. Ofício nº. 539. *Comunicado de frequência das escolas Municipais*. 1931.[Manuscrito]

TERESINA. Diretoria Geral da Instrução pública. Ofício nº 481, de 12 de maio de 1936. *Nomeia Adalgisa Nunes de Barros para organizar o museu escolar*. 1936.

D) Páginas e documentos consultados via Internet.

BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Disponível em: <www.soleisadv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>. Acesso em 17 maio 2005.

LACERDA, Benedito; NASSER, David. Normalista. Intérprete: Néelson Gonçalves. Disponível em: <<http://nelson-goncalves.letas.terra.com.br/letas/261107/htm>>. Acesso em: 14 set. 2004.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. As Construtoras da Nação: Professoras primárias na Primeira República. In: CBHE, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: SBHE, 2000. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/111-maria-lucia-r.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2005.

PIAUI. 1 mapa. Escala 1:600:000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/home/html>>. Acesso em: 20 ago. 2005.

WELLER, Flávia Obino Corrêa. Ancorando Quadros de Formatura na história institucional. In: Reunião Anual da ANPED, 28., 2005, Caxambu –MG. *Anais eletrônicos...* Caxambu – MG: ANPED, 2005. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/28/gt02.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

E) Entrevistas

EULÁLIO, Oscar Neiva. *Oscar Neiva Eulálio*: depoimento [abr. 2005]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Picos-PI, 2005. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

LÉLIS, Dimas de Sousa. *Dimas de Sousa Lélis*: depoimento [dez. 2004]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Picos-PI, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

MARTINS, José Eulálio. *José Eulálio Martins*: depoimento [1994]. Entrevistadora: Maria Eunice Soares Teixeira. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para trabalho acadêmico da disciplina história da educação.

NETO, João de Deus. *João de Deus Neto*: depoimento [abr. 2005]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

NUNES, Benvinda Santos. *Benvinda Santos Nunes*: depoimento [dez. 1994]. Entrevistadora: Maria Eunice Soares Teixeira. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para trabalho acadêmico da disciplina história da educação.

ROCHA, Dagoberto Araújo. Dagoberto Araújo Rocha: depoimento [abr. 2005]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

RUFINO, Olívia. *Olívia Rufino*: depoimento [abr. 2005]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

SOUSA, Enoque Bispo. *Enoque Bispo Sousa*: depoimento [1994]. Entrevistadora: Maria Eunice Soares Teixeira. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para trabalho acadêmico da disciplina história da educação.

..

ANEXOS

ANEXO A: Entrevistas concedidas a pesquisadora Jane Bezerra de Sousa

Entrevista – Oscar Neiva Eulálio

Estudei 06 meses no 4º ano do grupo escolar com Ricardina Neiva até novembro de 1943. Depois dessa época fui tentar o exame de admissão em Teresina no Ateneu Piauiense. Depois este colégio transformou-se em Colégio Leão XIII. Colégio Leão XIII porque ele achou de fazer funcionar uma escola preparatória de contadores. Como existia também o preparo dos que eram os advogados. O estudante de comercio para Trabalhar no Comercio fazendo as contabilidades.

Estudavam homens e mulheres na mesma sala. Minha sala tinha 45 colegas. Nós tínhamos como colega o então hoje presidente da Academia Piauiense Letras, meu colega do ginásio, o Dr. Paulo Freitas.

Daqui foram colegas fazer o curso em Teresina no ginásio, fomos a cavalo, viagem que durou 27 dias. Descansávamos debaixo de uma tenda feita de couro de boi onde armávamos as redes uma ao lado da outra. Levávamos requeijão, rapadura, bode, carne de gado. Certa vez tivemos que esperar 8 dias pois o rio estava cheio e não tinha como passar. Passamos o mês de dezembro viajando saindo daqui dia 03 e chegamos lá dia 27 de dezembro de 1943.

O exame de admissão era uma prova escrita, prova oral, ditado e analise.

Primeiro o ditado uma descrição e uma analise. Feita a prova de Português vinha a de matemática, as 4 operações e juros e as primeiras operações de álgebra era uma exigência danada e muitos foram reprovados e lá eu passei 4 anos internado no colégio.

Não tinha muitos professores. Aí eu fui para Fortaleza e lá eu procurei o colégio São João e lá fiz 3 anos do ensino médio. Pela pobreza dos meus pais eu pensava em fazer o curso

na escola preparatória de oficiais da reserva. Eu sou filho de Urbano Maria Filho, neto do Juiz Urbano Maria Eulálio, que só formou um filho Severo Maria Eulálio. Era uma família que aprendia com o próprio pai. Zezé Eulálio era uma mulher, nem um bacharelado ou doutor das letras tinha tanta eloquência a falar quanto ela, principalmente em manifestações públicas e da igreja. De tão inteligente morreu louca no hospital Areolino de Abreu.

Era professora de todas as matérias, português, geografia, aritmética, álgebra. Foi educada pelo pai.

Em 1931 foram formados algumas escolas no Riachão, Jenipapo, São Luis e Bocaina. Todos esses povoados tiveram escolas e a elas eram entregues aos mais letrados nomes da localidade, sujeito que lia o jornal pra todo o mundo educacional. Tinha um cidadão por nome Zezinho Bezerra (José Bezerra, avô de Dr. Zenon) que era o homem mais letrado da região.

Essas escolas que Dr. Antenor Neiva criou tinha só um professor e fazia reuniões com os pais e eles transferiam àquela população os conhecimentos básicos, o alfabeto, leitura.

Quando estudei no Grupo Escolar a professora era Ricardina Neiva. Ela era muito exigente e o pior que achava da minha madrinha e professora era a exigências dela, mas que me fizeram cidadão cumpridor dos meus deveres, ela dava aula, a classe cheia e na mesma hora, depois que terminava a aula ela procurava fazer com que os alunos repetissem o assunto das aulas que ela dava, aquela exigência dela fazia com que o aluno prendesse a atenção e virar os olhos para ela acompanhando não só as palavras mas também os gestos. Não havia aula no sábado. Nas igrejas, tanto aqui como no interior nós tínhamos o padre Jose da Alemanha, este padre tinha uma dificuldade pra falar o português, toda mundo gostava dele. Com o advento de outros eclesiásticos o padre alemão Zé foi deslocado para Jaicós.

No grupo escolar, todo mundo comprava seu caderninho. Era um caderno de caligrafia, que tinha todas as letras, depois tinha as sílabas, depois as palavras e a gente procurava imitar. Tinha quadro de giz. Aquele quadro de madeira. Cantávamos hino da bandeira, o nacional, da primavera (esse hino é a coisa mais interessante da terra, era 21 de setembro) “Plantamos nossa árvore amiga viçosa”. Vinha os engenheiros agrônomos fazer pesquisa, plantar árvore frutífera, fazer enxerto.

O desfile de 07 de setembro era só a caminhada pela rua, aqueles meninos tudo formado, a furiosa da prefeitura (a banda de música) tocando seus tambores e saía todo mundo acompanhado. A bandeira nacional desfraldada e a bandeira do Piauí. O que mais se disputava era ser um porta – bandeira para sair na frente.

A diversão daquela época era assim: Escolhia-se as casas dos políticos, chegava e invadia as casas dos políticos, empurrava as cadeiras nos pés da parede, as damas bonitas, cheirosas a óleo de ovo, cabelos pretos e sedosos. O homem tinha o cabelo bem liso, as músicas era da banda com clarinete, uma trompa, uma flauta e o trombone. Tocava as músicas as marchinhas “Oh jardineira porque estais tão triste, mas o que foi que te aconteceu” essas músicas carnavalescas. As festas também ocorriam no salão do grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Só tinha dois partidos. Eu era menino de 07 anos e vi o partido libertador (oposição) e o partido de Luis Prestes (partido comunista brasileiro) o partido integralista de Plinio Salgado e a Velha UDN. Minha família era da UDN. Francisco Santos, Valdenor Santos, eles eram apoiados pelo governo de Getúlio Vargas e nós éramos contra eles.

Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália. Essa gente formou aqui um pelotão de rapazes desfilando de Tênis branco, meia branca. Quem comandava era Aloísio Lima. Em 1937 nós ganhamos a política . Aí entramos no Estado Novo em janeiro de 37.

Getulio Vargas preocupado com a mocidade que estava toda se estreitando com ele, precisando de educação. Getulio querendo através do conformismo angariar simpatia.

Houve a criação de escolas normais para formação de professores fez tudo pra que a mocidade não ficasse contrariada.

A escola Landri Sales funcionava na cadeia publica, eu achava que era uma desmoralização uma escola com o nome de um governador do Estado funcionar numa cadeia publica. Aí eu construí um prédio aqui no campo de futebol. Na sede de Picos havia somente o Landri Sales, os outros grupos eram na microrregião. Todos os povoados tinham seus grupos. O modelo oficial foi construído por Celso Eulálio em 1945.

O 1º ginásio funcionou em frente ao Picoense Clube (hoje) Depois Celso Eulálio com Vidal de Freitas constroem o ginásio. Quando eu assumi aqui como prefeito e fui a Teresina pra conversar com Helvídio Nunes pra ele contruir o prédio do ginásio. Com a criação do ginásio picoense, médicos formados de Campos Sales, de Araripina fizeram o ginásio aqui.

DIMAS LÉLIS

J.B- O senhor lembra da fundação do grupo escolar

D.L- Lembro das professoras Ricardina Neiva, dona Alda (dona Alda foi professora do meu irmão mais velho Luis que nasceu em 21), dona Raimunda Portela e dona Nevinha Santos que casou com Alberto Santos.

J.B- O senhor estudou no Landri Sales, era a única escola municipal de Picos depois do grupo Escolar Coelho Rodrigues?

D.L- As professoras do grupo escolar eram pagas pelo Estado, logo o colégio era estadual, o prédio foi feito pelo interventor Landri Sales, o prefeito era Justino Luz.

Quando eu terminei o Landri Sales, 3º ano aí para o 4º ano meu pai não nos colocava para estudar no Coelho Rodrigues. Só existia duas escolas o grupo escolar do estado e o Landri Sales do município.

J.B- Quais outros colégios da prefeitura?

D.L- Em 43 não estudava mais no Landri Sales pois lá só tinha até o 3º ano aí eu estudava particular com dona Marieta Balduino (irmã Dr. Helvídio) na casa dela. Em setembro os correios precisavam de uma pessoa para entregar as cartas e eu fui em 46.

Também estudei no colégio Miguel Lidiano no Junco, que era uma coisa extraordinária. Não houve uma pessoa que estudasse com ele que não aprendesse.

J.B- Quem era as professoras do Landri Sales?

D.L- Uma era a Socorro Santos, Maria de Jesus, Zezé Eulálio e Hilda Policarpo.

J.B- Onde funcionava o Landri Sales?

D.L Funcionava na casa que hoje é de Aderson Reis, Getulio Vargas.

Depois se mudou para onde é a farmácia de Jesus Carvalho. Cantávamos o hino nacional ou da independência ou da bandeira, todo caderno tinha letras desses hinos. O que

marcava mais a gente era o dia do aniversário do presidente Vargas, o aniversário do prefeito de Picos, desfilava nas ruas com a banda de música, distribuíam bombons pra gente. Tinha festinha quando era aniversário da professora.

J.B- Como era a juventude da época, como se divertiam?

D.L- Tinha muita festa, quando aparecia o circo, era na década de 40 dava muito cinema.

J.B- As professoras se vestiam bem?

D.L- Eram bem trajadas, naquele tempo chegava na escola, ela olhava de traz da orelha.

O castigo era escrever umas frases contradizendo o que tinha feito, às vezes ficavam mesmo de joelhos. Naquele tempo quando a professora reclamava que ia o castigo a gente ia logo pra ver se ela não mandava dizer aos pais. O castigo era duro.

J.B- Porque havia essa briga entre os alunos do Landri Sales e do Coelho Rodrigues?

D.L- Quando eu cheguei ao Landri Sales já encontrei essa briga. Diziam que era despeito com as iniciais Landri Sales. Isso depois era política, haviam dois partidos a UDN e o PSD diziam que o pessoal da UDN só sabia fazer barulho e chamava-os de careta do reisado.

No grupo estudava gente dos dois partidos.

A coisa que mais me marcou que na época em que estudava lá, a moeda passou do mil reis para o cruzeiro.

Tinha um livro que era 1º, 2º, 3º e 4º anos (coração de criança) no sábado colocava a gente pra ler, leitura na classe. A professora notava quem tava conversando e de repente mandava continuar pra ver quem estava prestando atenção na leitura do amigo, coisas práticas que hoje poderia ainda vigorar. Quando aparecia qualquer mal feito no banheiro aí na mesa

do professor tinha uma pedra, quem ia pro banheiro levava a pedra, aí saberia que tinha gente no banheiro, e só iria outra pessoa quando a pedra estivesse de volta na mesa da professora.

J.B- Como foi à implantação do ginásio?

D.L- Quando fizemos 25 anos de ginásio, convidamos o professor Vidal de Freitas, juiz, e vários colegas para que ele relembresse como foi esse ginásio. Tava ali seu Celso Eulálio (prefeito) os professores ele disse que quando Celso foi prefeito aqui por 2 anos e 4 meses, ele disse pra Dr. Vidal que queria fazer uma coisa em Picos pra nunca se deixar de falar nessa coisa e toda vez que falar, falar em seu nome. Ele queria derrubar o mercado e fazer um de dois andares, aí Dr. Vidal disse e se daqui a cem anos construírem um de 50 andares. Então o que faço para minha administração nunca ser esquecida? Logo veio a resposta: crie um Ginásio para a mocidade picoense. Celso Eulálio falou: como que vou criar um ginásio se eu sou analfabeto? Se você criar um ginásio em Picos e ele funcionar um ano ninguém fechará, pois vão ver a utilidade que tem. Dr. Vidal disse se ele quisesse mandava toda papelada para Teresina. Em 1949 vieram os professores de Teresina para realização do exame de admissão. Português, Aritmética, geografia e historia.

O ginásio funcionou onde é o museu, lá tem um quadro da gente. Na primeira aula nós já criamos um grupo pra trabalhar para angariar recursos pra festa de coleção no fim do ano. Todo ano era uma dificuldade de professor. A gente começou, corria atrás de um professor. João de Deus Neto foi professor de matemática do 3º ano, deixou de ensinar para cuidar da loja do pai dele e a gente ia lá. Nós comemoramos 40 anos de conclusão. Depois o ginásio mudou para frente de onde é o Picoense Clube, depois foi construído na Rua Monsenhor Hipólito.

J.B- Os diretores do ginásio.

D.L- O primeiro foi Dr. Vidal por 4 anos, depois foi Dr. Severo Eulálio, José Carlos Filho, Padre David, Dr. José Ribamar (promotor).

No início a gente pagava mensalidade, alguns pagavam dando aula. O livro a gente também comprava.

J.B- Vocês fizeram um enterro do inspetor?

D.L- Esse problema do enterro, quando fazíamos o 2º ano um inspetor o Alberto Nunes, era irmão da mulher da mulher de Zé Soares, quando terminamos o 2º ano ele disse que tinha havido muita pesca e não ia assinar prova de ninguém ai nós resolvemos fazer o enterro dele, teve muita repressão, perguntamos ao Dr. Vidal se deveríamos ou não realizar àquele ato, ele não aprovou, então perguntamos se seríamos punidos, ele se calou.

Tinha farda e estudava a tarde, também tinha recreio. Comemorávamos 07 de setembro, 11 de agosto (dia do estudante) com passeatas.

JOAO DE DEUS NETO

Nasci na Inhuma no dia 15 de fevereiro de 1921 fui aluno aqui em Picos, eu fiz um pouquinho de escola primaria de Inhuma, o professor era semi-analfabeto, estive também em Valença, estudei no Colégio do José Francisco Ferreira de Silva, mestre José chamado, depois vim para Picos, eu fui aluno do grupo escolar Coelho Rodrigues, inaugurando aquele prédio que fica na praça, Landri Sales que fez e o velho Justino Luz era prefeito. Era minha professora dona Mundica Portela, nesse tempo já estava no 4º ano primário, daqui fui para Teresina, lá em Teresina fiz o exame de admissão, para o Liceu Piauiense, lembro que em 1935 eu era aluno do Liceu. De lá eu fui para o colégio São João em Fortaleza, mas eu não terminei meu curso, do colégio São João, nesse período era uma dificuldade muito grande de transporte, eu fiz um ano no colégio São João e vim passar férias na Inhuma. Na Inhuma meu pai comprou um comércio e não tinha a quem entregar, então vim com ele pra Picos e notei que ele estava triste com esse comercio sem ter a quem entregar, aí eu disse a meu pai se ele quisesse eu deixasse o colégio pra um tomar conta disso aqui.

Eu fiz curso de comercio. Pra ele foi uma alegria eu ficar. O progresso não tinha chegado, não tinha estrada, não tinha nada, e assim foi minha vida no começo. Eu tomei conta desse comercio aqui, achei uma mulher e me casei e estou vivendo com ela há 56 anos.

Meu pai foi prefeito de Inhuma, meu tio João de Deus Filho é quem foi prefeito de Picos. Meu pai foi quem criou a cidade de Inhuma e foi o primeiro prefeito.

As aulas do grupo Escolar não eram más, tanto que tive uns colegas bons. Fui aluno aqui em Picos de um colégio muito bom, o colégio do professor Miguel Lidiano, desse também só tem remanescente eu e o José Bezerra.

As professoras do Coelho Rodrigues eram boas, eu me lembro de 4 professoras diplomadas. A minha professora era diplomada, dona Ricardina Neiva, dona Mundica, dona

Nevinha e dona Alda Neiva, mas daí pra cá o tempo foi passando e a coisa mudou. Não tinha ginásio era em Teresina, eu freqüentei em Teresina o Liceu, que era o colégio mais freqüentado tinha 400 alunos em Teresina só tinha dois ginásios Liceu e o colégio Diocesano, este tinha pouco mais de 100.

Quem terminava os estudos em Picos ia pra Teresina ou Fortaleza ou Salvador. A fundação do ginásio, foi um problema. O ginásio foi um projeto do Dr. Vidal de Freitas. Vidal de Freitas foi um juiz muito culto que nós tivemos. Falava fluentemente o francês, ele tinha mania de ensinar. Ele começou com o projeto, determinadas pessoas influentes da política, acharam que o projeto era muito bom, levaram para Teresina e lá o projeto foi levado à câmara, e dois filhos de Picos que eram deputados estaduais votaram contra o projeto, esses dois foram Dr. Moura Santos e Dr. Alberto Monteiro. Picos nesse tempo tinha 4 deputados, os outros dois Antenor Neiva e Hélio Leitão votaram a favor, mas para a criação do ginásio não há quem empeça, o resultado final, ele foi criado aqui. Criado, cadê os professores? Não tinha, eu sei que um amigo meu, me indicou professor do ginásio, eu não tinha prática, mas aceitei, fui incluído como um dos primeiros professores. Fui eu quem dei a 1º aula, lecionei matemática por 27 anos, desse pessoal que tem aí, dos mais velhos foram todos meus alunos.

No grupo Coelho Rodrigues funcionou a primeira sede tendo como primeiro diretor Vidal de Freitas, os professores eram eu, Maria Olita de desenho; Fonseca, de geografia, Vidal de inglês e português; as aulas eram pela manhã, depois colocaram para fora do Coelho Rodrigues, conseguiu umas salas ali em frente ao Picoense Clube, 1 a 2 anos, nas mais precárias condições, depois conseguiram construir o prédio onde é hoje a secretaria de educação, por lá passamos por muitos anos.

Só sei que eles não fizeram nada pelo ginásio, ele era levado pelos professores. Foi o Hélio Leitão que conseguiu retirar o ginásio do município para estado, não tenho certeza.

Nesse período melhorou porque a gente começou a ganhar melhor, mas ninguém ganhava bem. Todos os professores tinham outras atividades.

Eu gostava, os livros a gente comprava e os alunos também..

O exame de admissão era feito aqui, a banca examinadora eles criavam, e os professores faziam parte. Ficava muita gente reparando.

Tinha um jornal a “flâmula”, oi um jornal que Vidal criou.

A relação entre professores e alunos era muito boa, tem até um quadro de 30 alunos que começaram e terminaram.

A reunião de pais e professores era muito raro.

Fazia minhas provas e eram duras e eles tinham medo de ficar reprovados, mas nunca reprovei. Pois queria que eles progredissem.

Essa primeira turma, foi uma turma que venceu mesmo.

OLÍVIA RUFINO

O grande ginásio de Picos foi um marco, um divisor de águas não acabou com o coronelismo, mas nos ginásios combatemos o coronelismo de forma extraordinária, especialmente a primeira turma que era a de Ozildo Albano e outros meninos inteligentes e destemidos. A minha turma era de gente toda destemida, foi um marco extremamente importante na cidade de Picos, um Ginásio naquela época. É que o deputado Helio Leitão e Antenor Neiva entraram na Assembléia Legislativa do Piauí com o projeto criando o ginásio de Picos e por requisição do Juiz da cidade José Vidal de Freitas, Dr. Fonseca que chegou naquela época, uma pessoa progressista ao extremo e as famílias Nunes de Barros, Baldoino, Eulálio, Eliseu Nunes, até o velho Moura, avô de Socorro Costa, muita gente estava solicitando isto. Eles entraram com o projeto em 1948, no dia 22 de agosto de 1949 o ginásio foi considerado criado em Picos. Agora não funcionava porque o estado naquela época estava falido era o governador Jose da Rocha Furtado. O primeiro prefeito eleito pelo voto popular depois da ditadura Vargas foi Celso Eulálio e que não foi doutor mas tinha idéia fantástica e tinha muita coragem e ele foi à câmara Municipal e uma proposta de sustentar o ginásio ate que o Estado tivesse condições de sustentar e então começou o ginásio e o exame de admissão foi feito em 49 no final do ano e o ginásio teve inicio em 09 de março de 50. E a primeira turma era a de Ozildo Albano, Alfredo Albano, Lurdinha Carvalho, Jesus Carvalho era uma turma grande e a minha turma foi a segunda onde estudava Conceição, Euvaldo Santos, Bito de João Borges uma turma muito boa.

Um de nossos professores logo depois da criação do ginásio foi Severo Eulálio e ele era uma das pessoas mais progressistas que conheci. Lia muito e incentivava a leitura e ensinou pra gente que a vida da gente era uma oportunidade de ousar e me ensinou uma coisa muito importante “ porta não tem fechada, só fica fechada quando você não souber abrir e

você tem que aprender o abrir todas as portas” e era assim a vida dele e o que aprendemos com ele. Sem falar do Dr. José Vidal de Freitas uma das pessoas mais inteligentes que conheci que foi o nosso primeiro diretor e professor. O diretor de direito era Anísio Maia, diretor de fato Vidal de Freitas e veio Dr. Fonseca dando aula de Educação Física encantava a gente com a farda branca do exército pra o 7 de setembro. Criou assim uma idéia de civismo muito arraigada na gente e findamos fazendo um protesto na praça em plena década de 50. Um protesto estudantil das maiores proporções e com objetivo definido. O ginásio foi inteiro (só eram duas turmas) e assim fizemos um enterro. A nossa briga não era exatamente com o moço que deixou de assinar o diploma por falta de pagamento, uma taxinha de nada, mas tinha gente que não podia e Celso Eulálio estabeleceu uma taxa pequeninhinha para ajudar nos papeis que ele sustentava, pagava os professores. Nós pagávamos uma pequena taxa. Mas tinha gente que nem isso. Afinal a nossa briga era contra o sistema do coronelismo que mandava o cara não assinar, não era nem com aquele moço que ele era gente boa, educado. Se dependesse só dele ele assinaria. Pelo que me lembro foi isso alguns alunos não cumpriram a missão da não pagar a taxa e não houve a assinatura dos diplomas e por isso houve o protesto na praça. Também houve o jornal “A Flâmula” nós fizemos a campanha. A gráfica foi conseguida através de pesca na praça, livro de ouro e especialmente peças teatrais de grande porte, nós ensaiamos na casa de Severo que morava na Rua Santo Antonio, ensaiamos “O Avarento” e essa peça ficou em cartaz uns seis meses encantava aqui, em Teresina, Jaicós e Itainópolis o ponto alto da festa de emancipação política de Itainópolis. Dr. Severo acompanhando a gente cobrando entrada. A estréia foi no colégio das Irmãs, onde hoje é o fórum, era o único lugar que tinha um palco para espetáculo. Ali apresentamos a peça. Dr. Otílio Neiva que estudava direito em Recife foi assistir subiu no palco e disse: ”Numa peça estreada dessa maneira, nem no Rio de Janeiro eu assisti com tanta boa-vontade, que ficou espetacular, e me fez um elogio pelo meu trabalho, pois eu era intrigante da corte, o trabalho

mais difícil. Odonel era um homem de quase 2 metros e meio, só que inteligente, um ator que matava a gente de rir e nós apresentamos essa peça e ganhamos dinheiro em Jaicós, Itainópolis, Picos. Nós conseguimos muito mais dinheiro com a rainha dos estudantes Idelsuite Leal foi a rainha e ganhou um presente. E foi assim que Ozildo conseguiu esta tipografia. Demorou tanto que pensamos que ele tinha ido embora com esse dinheiro, mas chegou era semi-nova, ele demorou porque foi aprender a usar. Chegou e colocou na rua 13 de maio, hoje é a rua Dr. Fonseca. Ele era redator, mestre de oficina, encarregado da correção final. No dia 15 de maio de 52 nós passamos nas ruas da cidade. O jornal “A FLÂMULA” todo mundo queria ver pois era o símbolo da cidade, Ozildo quando ele queria fazer uma coisa ninguém caía fora, se você não soubesse ele fazia por você, ele foi um pilar muito importante para o crescimento da cidade.

Nós conversamos muito (eu e Ozildo), como reverter o coronelismo nós tínhamos nossos professores Maria Olita (desenho), Bilú (música), Acilino Leite (Francês), Vidal de Freitas (diretor, professor de português, inglês, latim), Elsa Neiva (história), Dr. Fonseca (geografia e Educação Física) Amparo Caminha, Assunção Portela, funcionava onde hoje é o museu Ozildo Albano, depois passou pra onde é hoje a 9ª diretoria.

Tinha provas mensais, muito rígida, tudo fardado, saia azul, blusa branca, sapato, meia. O 7 de setembro tinha gente que dava agonia mas não saia da fila. A ideia de civismo era muito aguçada.

Funcionava de manhã e tarde o ginásio, quando começou eram só duas turmas só a tarde, quando eu sai tinha quatro turmas. A medida que a gente ia aumentando começava a alugar casa. A princípio todos pagava todas as despesas e os alunos pagavam uma pequena taxa só pra ajudar no papel.

Helvídio Nunes que foi uma pessoa que muito ajudou nos influenciou, sobretudo, pra gente começar a conhecer um sistema democrático foi Helvídio quando ele chegou. Foi

com Helvídio que eu vi que política não era aquilo que meu pai fazia, obedecer cegamente ao coronel, começou a falar em democracia. Helvídio foi quem solicitou do companheiro político dele Marcos Parente (deputado federal) a verba para construir o ginásio de Picos pra desocupar a escola. Marcos Parente conseguiu a verba e Helvídio doou o terreno e fez a construção do que hoje é a 9ª Diretoria, para aquele tempo um prédio excelente, grande, com pátio, poço. Helvídio era o prefeito e consegui na câmara colocar o nome de Marcos Parente no colégio pois tinha conseguido a verba. Depois que conseguiu a verba ele morreu.

Muitas festas eram realizadas, a gente fazia reuniões . Faltou professor, todo mundo se reuniu na sala de aula, a caixa de fósforo, o lápis , qualquer pedrinha, lata, tampa da panela, se não tivesse outra coisa eu cantava. A gente brincava nos aniversários, Dr. Fonseca se encarregava de fazer confusão na aula de ed. física, que era muro e naquele tempo não havia praça. Eram coisas simples. Uma vez Dr. Severo chamou uma pessoa de violão pra homenagear uma pessoa. Tais declamou, eu cantei. Helvídio como governador deixou o prédio onde a escola Normal funcionou por algum tempo e fez então o Marcos Parente lá onde continua hoje.

O prédio era bom e novo, como todo material. Cada um comprava o seu. O professor encomendava. Nem toda matéria tinha livro. O professor de matemática (João de Deus Neto) muita gente não gostava, ele era um excelente matemático, muitas vezes se queixavam do tipo de aula dele. Cada um tinha seu caderno. Se não tivesse livro ditava.

Pra entrar no ginásio naquele exame de admissão não era fácil, era o vestibular de hoje.

DONA ADALGISA

Adalgisa Nunes de Barros

Em Picos inicialmente, uma professora só e um bocado de alunos, era até uma tia minha Mudestina que foi a primeira professora. Era numa casa alugada era só uma escola. Levou vários anos para haver mais escolas. Depois que fundaram a escola normal aqui no Piauí eu fui estudar em Teresina. Dos meus professores eu me lembro , Lélia Avelino, Higinio Cunha, Professor Napoleão, Sotero Vaz.

Tinha muitas amigas, Antonia Moraes, Dulce Matos, Filomena.

Me lembro quando foi inaugurado e eu fui a primeira aluna e eu em todo lugar que estudei sempre fui escolhida a primeira aluna.

Eu andava pelos municípios para escolher as misses e isso chegou ao conhecimento de meu pai o coronel Joaquim Baldoino de Barros. E disseram que eu deveria ser a miss porque eu realmente merecia.

As festas eram nas casas de família, nas maiores casas que tivessem. E me lembro bem da casa de seu Carlos Marcilio, pai do Dr. Flavio Marcilio lá tinha um salão grande. Eu me lembro de muitas festas. Naquela época não tinha teatro. Eu me lembro que fui a escolhida a mais bonita da época e também a mais inteligente. Sempre onde estudei eu era escolhida a 1º da classe. Depois que estudei com minha tia eu fui para Teresina para começar os preparativos para a escola normal, já com o curso praticamente feito, só que o curso não foi feito com minha tia, antes disso aconteceu que um senhor de fora abriu um colégio publico (professor Miguel Lidiano) esse que fez o primeiro colégio em Picos e eu fiz o curso primário nesse colégio, fui para Teresina com o curso primário feito para poder concorrer ao vestibular para a escola normal, sempre fui destemida, depois no final do curso, não lembro se o governador do Piauí era Landri Sales ou foi outro que escolheram, resolveram mandar um

grupo de professores a Belo Horizonte e juntos com o prêmio de ter se distinguido na escola normal oficial de Picos. As aulas não tinham livro, nesse encontro tinha aula de como se ensinava melhor, tinha professores importantes, veio gente até do estrangeiro. Tinha uma professora que falava português, alemão, não lembro mais o nome dela, ela gostava demais de mim e eu dela eu sei que essa professora mostrava a melhor forma para ensinar era em curso ligeiro (um ano) e eu fui escolhido para isso em cada estado foi escolhido um e eu fui escolhido no Piauí. Nessa época eu voltei a Teresina lecionando no grupo Escolar. A diretora era Maria Edina.

Eu conheci o Karl e começamos o namoro ele estava de passagem pelo Piauí iria ficar 3 meses, foi transferido e resolveu fazer o casamento surpresa para o meu pai. Meu pai não queria, dizendo que devia esperar mais, o homem é muito estranho. Eu tenho lembrança que uma pessoa de Picos falou com papai e foi o único meio que ele podia ter notícia de tão longe, naquela época não tinha telefone, lá do Rio Grande do Sul, a única forma que tinha ele era muito amigo do Juiz de Picos e pediu ao Juiz de Picos para conversar com o Juiz de Porto Alegre sobre papai sobre mim; sobre esse casamento e saber se corria perigo, se era gente de bem. Foi feito isso e as notícias foram favoráveis.

Ele jogava flores na praça pra mim lá do avião.

As aulas do grupo eram quase iguais as de hoje, tinha uma classe do 1º ano, 2º ano. Os alunos ficavam todos sentados nas carteiras e eu sentada na mesa com o livro na mão dando explicações, tudo o que eles precisavam eu explicava, marcava os dias para fazer as provas, passava tarefas, fazia provas todo mês, naquele tempo havia palmatória quando eu estudava. Quando os alunos não se comportavam ficavam de castigo, eu botava em um lugar até a hora que eu mandar. Tinha as festinhas de datas nacionais. A diretora do grupo era a Maria das Neves quando eu ensinava. Eu não tenho certeza, mas a primeira diretora de lá se chamava Alda Neiva, conheci Alborina Silveira, conheci Maria das Neves (Nevinha). O

grupo Escolar era pago pelo Estado, as normalistas eram respeitadas por todo mundo. Haviam amizades entre professores e os moradores. Só havia festinhas no grupo. Picos naquela época era uma cidade muito pequena, muito atrasada, pouca coisa, no começo não tinha telefone. As festas eram num salão grande, e tocavam instrumentos.

A aula era de todas as matérias. Todo mundo tinha de ser gentil, bem arrumadinho. Os materiais escolares não vou dizer que tinha tudo, mas o mais importante e necessário caderno, livros, cartilhas, lápis, caneta, tudo isso tinha. Os alunos usavam farda. No começo não se usava farda. Eu acho que a farda era creme.

Francisco Santos era o chefe político por muitos anos, era ele quem mandava em Picos. De tempos em tempos aqueles de responsabilidades importante comandava Picos, inclusive a própria política e civil era chamado de delegado da cidade e lembro que o Cel. Francisco Santos foi muitos anos o mesmo que meu pai foi muitos anos.

Quando eu fui estudar Escola Normal em Teresina foi o tempo em que elas (Alda Neiva, Nevinha Santos e Ricardina Neiva) foram pra Picos.

Eu me lembro do museu escolar em que trabalhei no grupo escolar Coelho Rodrigues, mas não lembro o que fazia. Os alunos faziam objetos.

Uma pessoa que foi prefeito por muito tempo foi Elizeu Nunes, uma das filhas dele foi professora já formada da escola normal, Benvinda Nunes, ela se formou depois de mim.

Teve festa na inauguração do grupo. Foi anunciado a inauguração do 1º grupo escolar da região, o dia, o local, as professoras e diretoras e houve uma reunião para comemorar.

A igreja quando eu era criança foi recuperada foi feita uma modificação e depois houve uma grande festa para inaugurar, com quermesse, nesse tempo não tinha feira. O padre era o Monsenhor João Hipólito. Nevinha se casou com o filho do Cel Francisco Santos.

Na minha casa sou era professora. Eu escrevia com giz.

Dagoberto Rocha

O grupo Escolar Coelho Rodrigues era mantido pelo Estado. A diretora era Dona Nevinha Santos, esposa de Adalberto Santos. Estudei Lá de 36 até quando terminou os quatro anos. Era uma diretora boa, com a mudança da política em 45 assumiu o comando Dona Ricardina Neiva.

A Era Bertim Santos em Picos era um governo duro, forte, destemido, a ordem era para ser cumprida a todo custo, andou se excedendo no modo de vida por exemplo os negros não podiam subir na praça, tinha um pretinho chamado Romão que subia na praça e ele mandava colocar para fora, isso se repetia várias vezes. Só que ele não podia ser preso porque era criado por Ulisses Rocha sogro da filha do prefeito. As pessoas compravam numa loja não podiam subir na praça. Não podia passar no calçamento montado a cavalo. Certa vez o pai de Ozildo Albano vinha trazendo uma cabra pra matar, quando o guarda o viu, pega aqui pega acolá, fizeram ele voltar com a cabra. Ele rodeou no beco de Iná e quando chegou na casa do velho Justo passou a cabra por cima do muro para casa do sogro dele. A lei era dura. As festas mais pomposas foram na casa de Bertim Santos. As festas eram animadas. Não tinha negócio de bêbado abrir baderna. A prefeitura foi inaugurada nesse dia teve um tiroteio. A praça foi inaugurada no dia 10 de janeiro de 1948. Veio o Interventor Leônidas inaugurar.

O campo de aviação se eu não me engano foi em 1940. Nevinha Santos era atuante e tolerante porque o marido vivia na raparigagem. O filho de Bertim num discurso disse que ele deixou uma prole de mais de 150 filhos. Todo mundo sabia. Eu conheci vários filhos como Chico Elmar. Os filhos bastardos pareciam mais com ele do que os legítimos.

O Coelho Rodrigues a professora era Mudica de Cardoso, Ricardina, Lourdinha Santos, filho de Chico Santos. Tinha dramas. Dentre os dramaturgos tinha a “Paixão”. Vários tipos de dramas. Certa vez tinha um que a dona da casa mandava dar banana para os macacos, mas quando a dona saia quem comia era a empregada.

Cantava o hino na entrada, no sábado tinha recitativo era para decorar. Dorinha Xavier foi minha professora.

Tinha comemoração do Estado Novo os alunos desfilavam no 7 de setembro exaltando Vargas, Leônidas e Bertim.

Mundica Portela era um coração bom. Certa vez Afonso Arruda usava calça curta, um menino baixou as calças dele, ele ficou nu. Corra um nu, o outro pra tomar e Dona Mundica atrás gritando: Entrega a calça ao menino.

O castigo era ficar preso, os alunos iam embora e o de castigo ficava.

Tinha a régua. Perguntava a Tabuada.

Na hora do recreio brincávamos, pinotava, aperreava os outros.

No ginásio juntaram vários alunos para me levar ao porão da canteia porque eu não dei dinheiro para eles comprarem bolo. Éramos rapazes eu tinha 19, Ozildo 20 e Dimas 21 anos. A verdade é que me trouxeram um pegado nos braços outro na cintura outro nas pernas quando chegou no entrar da cantina eu coloquei os dois pés na porta e dei um empurrão pra trás derrubando todos.

O diretor Dr. Vidal achava que a brincadeira que não provocasse prejuízo financeiro e moral tava tudo bem. Outro dia Lourenço de Estela dançava a baiana em sua mesa de professor. Dr. Vidal entrou e disse não vou fazer coisa alguma porque a brincadeira faz parte da meninice todo colégio tem isso só não quero brincadeiras de prejuízo moral e financeiro. Todos ficaram boquiabertos com a atitude do diretor. O homem mais culto da terra. Ele era tão culto que como juiz e Helvídio como advogado recém formado colocou Dr. Helvídio para perder todas as causas. Helvídio ia pro Tribunal e Dr. Vidal arrumava lei de tudo quanto era lado para derrubar Helvídio. Ele dizia aquele rapaz só vai brilhar se for na carreira política. Quando Helvídio foi governador precisou de uma pessoa para elaborar a minuta da

constituição do Piauí, Severo, Humberto Reis metia catinga para isso não acontecer. Mesmo assim Vidal elaborou a constituição, foi enviada a Assembléia e aprovada na íntegra.

ANEXO B: AMPLIAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO LANDRI SALES (1942).

Escola Municipal Landri Sales
 Rec. 11 de Junho de 1942
 Diniz Galvão (12 anos)
 2º ano Língua Portuguesa

Prova mensal
 Língua Portuguesa
 Estado
 Goiás

Vive em uma cidade do norte de S. Paulo
 uma pobre viúva que trabalha muito
 sustentando com dificuldade a casa.
 Tem duas filhas: a mais velha já pode a-
 judar a um pouco, a outra é ainda pe-
 quena.
 Em um dia de inverno, Gilda, que é a
 mais velha, foi entregar uma trouca de
 roupa lavada.
 Ao chegar a casa da freira, esta
 notou que a pequena trouca de frio
 - Fome menina! - pôs-se a tremer de
 frio e as minhas filhas deixam as ago-
 lhas sem tão bom estado.

Arithmética
 Resolver estas probleminhas
 1º) Se uma família gasta 120000 por mês
 quanto gastará em um ano.

10/

Salvador
 1258000
~~1258000~~
 1258000

Resposta - gastará em um ano 1200000

2º) Uma senhora dividiu 20000 por 2 pobres
 dando a todos uma esmola igual; quanto
 recebeu cada pobre?

Salvador
 20000 ÷ 2 = 10000

Resposta - Recebeu cada pobre 10000

11) Conhecimentos gerais

1º) O Brasil nasceu ou não descoberto
 2º) Qual era o fim das expedições
 3º) Quem trouxe para o Brasil o primeiro
 gado e mandou plantar as primeiras canas
 de açúcar
 4º) Quem trouxe para o Brasil o primeiro gado e
 mandou e mandou plantar as primeiras
 canas de açúcar
 5º) Dizer os limites do Brasil ao sul
 6º) Que situação ocupa o Brasil na América
 do Sul
 7º) O Oceano Atlântico banha o Brasil ao norte
 ou ao leste?
 8º) Dizer dois minerais
 9º) Dizer um animal útil
 10º) Dizer um sacramento que não tenha
 cristo.

1º) Uirapuru.
 2º) Explorar e colonizar o nosso país.
 3º) Martim Afonso de Sousa.
 4º) Martim Afonso de Sousa.
 5º) A República Argentina e Uruguai
 6º) O Brasil ocupa cerca da metade da América
 do Sul.
 7º) O leste
 8º) O ouro e a prata
 9º) O carneiro
 10º) O batismo

3063
 0010
 mediana 10.

Sousa, Jane Bezerra de
Picos e a consolidação de sua rede escolar: do
S729p grupo escolar ao ginásio estadual / Jane Bezerra de
Sousa. Teresina : UFPI, 2005.
156p. (Tese MS – Educação – Universidade
Federal do Piauí).

1. Educação – História – Brasil. 2. Educação
História – Piauí. 3. Escolas – História – Picos (Piauí). I.
Título.

CDD: 370.981 22